

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Daniele Batagin**

**O Caminho da Angústia e da Fé Humana  
Um itinerário pelo Prisma das Concepções Teóricas  
de Ernest Becker**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**SÃO PAULO  
2011**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Daniele Batagin**

**O Caminho da Angústia e da Fé Humana  
Um itinerário pelo Prisma das Concepções Teóricas  
de Ernest Becker**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Felipe Pondé.

**SÃO PAULO  
2011**

**Banca Examinadora**

---

---

---

À minha família, em especial, meu filho Leonardo,  
meus pais, Luiz Alberto e Maria Bernadete e meu  
noivo, Leandro

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que está com suas portas abertas para aqueles que anseiam ampliar seu conhecimento, oferecendo um ensino e uma formação com excelência;

- à CAPES, pela bolsa concedida, sem a qual seria impossível a realização desta pesquisa;

- ao meu orientador, Dr. Luiz Felipe Pondé, cuja presença foi fundamental na construção deste trabalho;

- à minha família, pelo incentivo e apoio constantes em todas as decisões necessárias até minha chegada ao Mestrado;

- ao meu filho, Leonardo Batagin, por sua paciência e compreensão com minha ausência, em alguns momentos, em virtude da densidade de estudos;

- ao meu noivo, Leandro Freitas Marques, pelo apoio incondicional ao meu desejo de realizar o Mestrado;

- aos meus pais, Luiz Alberto Batagin e Maria Bernadete Doriguello Batagin, que me ofertaram a vida por ação do amor, que não mediram sacrifícios para me doar o melhor possível, que me ensinaram os valores necessários para eu me tornar a pessoa que sou hoje e a acreditar na vida;

- à Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Mariante Guarnieri, à Dr<sup>a</sup> Maria José Caldeira do Amaral e à Dr<sup>a</sup> Ana Paula Ayres Patitucci, por terem me apresentado o grupo de pesquisa NEMES (Núcleo de Estudos em Mística e Santidade) da PUC/SP, onde surgiu a ideia de fazer esta pesquisa;

- à Dr<sup>a</sup> Lilian Wurzba, por sua inteira disponibilidade em fazer as correções necessárias para a formatação desta dissertação;

- aos amigos Andrey, Vanessa Cardoso, Sabrina Alves, Jussara Almeida, Ana Carolina e tantos outros que estiveram presentes, dividindo alegrias, angústias, tristezas e certezas ao longo destes últimos três anos;

- a todos, muito obrigada!

## RESUMO

Essa dissertação estuda o caminho da angústia e a fé humana, tomando como base a teoria de Ernest Becker, Ph.D em antropologia cultural, que desenha uma perspectiva diferenciada do animal humano. Para encontrar um possível caminho de compreensão da angústia e a fé, esta pesquisa percorreu um itinerário procurando demonstrar quem é o homem na visão beckeriana, quais são as faces que o estruturam enquanto indivíduo, para, assim, discutir a angústia e a fé, numa tentativa de entender o porquê da angústia, como o homem se utiliza de mecanismos de defesa para encarar o terror da morte e como essas questões o conduzem para fé.

**Palavras chave:** Ernest Becker, Negação da morte; Angústia e Fé.

## **ABSTRACT**

This study follows the path of distress and human faith. Ernest Becker has a Ph. D in cultural anthropology, and ends up drawing in a differentiated perspective of his theory of the human animal. To find the path that explains the anxiety and faith, this study went through a journey which demonstrated who is the man in Becker's perspective? What are the features that form his structure as an individual? To do so, it discusses the anguish and faith, showing why you feel anguish, as the Beckerian Man uses defense mechanisms to face the terror of death and how these issues lead him to faith.

**Key-words:** Ernest Becker, Death denial; Anguish and Faith.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	08
<b>Capítulo 1 : Ernest Becker: Vida e Obra</b> .....	12
1.1 Repercussões das obras de Ernest Becker .....	26
<b>Capítulo 2 : O homem beckeriano</b> .....	31
2.1 A face antropológica do homem beckeriano .....	32
2.2 A face biológica do homem beckeriano .....	39
2.3 A face sociológica do homem beckeriano .....	41
2.4 A face psicológica do homem beckeriano .....	45
2.5 A face existencial do homem beckeriano .....	57
2.6 A face teológica do homem beckeriano .....	65
<b>Capítulo 3 : O percurso da angústia e da fé humana na teoria beckeriana. Um itinerário à margem de Freud e Kierkegaard</b> .....	69
3.1 O homem beckeriano e a questão do heroísmo e do terror da morte ..	72
3.2 A questão da mentira vital e das ideias vitais .....	78
3.3 O projeto <i>causa sui</i> como agente integrador no homem beckeriano ..	84
3.4 A angústia e os dilemas existenciais do homem beckeriano .....	88
3.5 A fronteira entre a Psicanálise e o Existencialismo .....	95
3.6 Becker e Kierkegaard na descrição da fé .....	99
3.7 A fé e sua relação com a <i>causa sui</i> .....	103
3.8 O homem beckeriano e sua relação com a angústia e a fé .....	107
<b>Conclusão</b> .....	112
<b>Referências</b> .....	116
<b>Apêndice : Lista das obras de Ernest Becker</b> .....	119

## INTRODUÇÃO

O ser humano, acredito que seja o tema de pesquisa da minha vida. Gosto muito de estudar e entender seu funcionamento de uma maneira geral, mas confesso ter uma preferência por sua esfera psicológica. Foi isso que me levou à formação em psicologia. Comecei a trabalhar com a área clínica e me sentia realizada com o meu trabalho. Até que um dia, por indicação de um grande amigo, o Pe. Paulo Floriani, iniciei meu trabalho como psicóloga em um Seminário. A partir deste ponto, em que minha experiência profissional passou a ter outras características, é que visualizei que a psicologia por si só limitava a minha visão do ser humano e que tanto a filosofia como a teologia falavam do ser humano e de seus problemas de formas diferentes. Desta experiência surgiu o interesse em ampliar meu estudo sobre o homem e sua relação com Deus.

Estudar a relação de homem com Deus é um assunto carregado de tabus e quase que proibido nos estudos de psicologia clínica. Foi neste ponto onde me defrontei com os limites da psicologia e com os meus próprios limites, pois a formação psicológica que tive, de certa forma, acabou delimitando com muita precisão o campo do conhecimento que eu detinha, que era restrito a psicologia. O trabalho no Seminário me fez rever essa concepção adotada até então, pois vi que nem sempre podemos reduzir a leitura que temos do homem a simples processos psicológicos. Desta constatação emergiu a necessidade de estudar e conhecer o homem sob outras perspectivas de leitura.

Buscando respostas, fiz o curso de extensão universitária, promovido pela PUC-SP, cujo tema de estudo era a “Psicologia e Religião, a Experiência de Deus e a Psique”, que me forneceu um solo firme no qual poderia plantar minhas ideias. Essa extensão me possibilitou estudar a experiência religiosa sob o olhar de Freud, Jung e Kierkegaard. O estudo desses autores me sinalizou que, possivelmente, na relação entre Freud e Kierkegaard eu encontraria respostas para meus questionamentos. Por ação da professora doutora Maria Cristina Guarnieri, conheci o professor doutor Luiz Felipe Pondé, que me convidou a participar do grupo de pesquisa NEMES – Núcleo de Estudo em Mística e Santidade, na PUC-SP, que no ano de 2008 estudava Ernest Becker. E para minha surpresa, Becker estruturava seu pensamento em muitos autores, mas, principalmente, apresentava a relação que tanto havia me interessado entre Freud e Kierkegaard. O grupo de pesquisa em mística e santidade me mostrava, a cada reunião, que os questionamentos que minha experiência profissional me incitava, eram passíveis de elucidação.

Voltando à minha experiência profissional, em todos os relatos dos seminaristas que atendia como psicóloga, havia um profundo conflito e diversos estágios de angústia. Isso me inquietava, principalmente por saber que a teoria psicológica que detinha não me dava respostas convincentes, ou até mesmo intervenções suficientes para amenizar o que via constantemente. A psicologia pouco fazia com os relatos de angústia, promovia sim autoconsciência, todavia quando os pacientes traziam seus relatos de encontro com Deus, ou seja, quando vivam uma experiência de fé, suas angústias se acalmavam. E foi nesta busca por explicações referente à relação da angústia com a fé, que observava em meu trabalho, que encontrei uma possibilidade de entendimento na obra de Ernest Becker, o que me motivou a empreender esta dissertação. Assim, a orientação do professor Pondé somada às ricas discussões do NEMES e Becker me deram os elementos necessários para construir meu projeto de pesquisa.

A indagação central – haveria em Ernest Becker uma construção multidisciplinar no homem? – desdobrou-se, automaticamente, em outras perguntas: se há, de fato, uma disposição do autor em criar uma ciência que unifique o

conhecimento do homem, ele deve abordar a angústia e a fé, então, como as relaciona? E de que forma?

Em minha experiência profissional era possível perceber que a angústia se relacionava com a fé, mas era preciso entender a dinâmica do funcionamento humano para compreender essa relação, o que uma disciplina apenas não é capaz de fornecer. Somente a leitura freudiana, como vi na extensão, não era suficiente para explicar essa relação entre angústia e fé. Mas Kierkegaard, autor que dedicou toda a sua obra para explicar a angústia, o desespero e a relação do homem com Deus, poderia fornecer bases mais amplas. Sem prescindir da psicologia, Becker, em seu livro *A negação da morte*, trilhou o caminho que leva o homem da angústia para a fé, sendo, assim, quem poderia auxiliar na verificação das minhas hipóteses.

Em virtude das poucas pesquisas realizadas sobre Ernest Becker no Brasil, foi necessário buscar informações biográficas. Sua formação em antropologia cultural, seguida do doutoramento em antropologia, revelam sua motivação em compreender o homem. Mas, como se essa disciplina não fosse suficiente para responder seus questionamentos, o autor vai além, penetrando em outras áreas do conhecimento até formular uma visão multidisciplinar do homem, como apresenta em sua obra *A Negação da Morte*.

Desta forma, no primeiro capítulo desta dissertação, são apresentadas a vida e obra de Ernest Becker, e a visibilidade de sua teoria, com o objetivo de contextualizar o leitor. Já no segundo capítulo, com o intuito de responder a questão referente à existência de uma constituição multidisciplinar no homem que Becker descreve, e quais são essas faces, é abordado o “homem beckeriano”, composto pela unificação das seguintes áreas: antropologia, biologia, sociologia, psicologia profunda, filosofia existencial e teologia. Becker assim propunha que se construísse a “Ciência do Homem”, onde poderíamos tentar compreendê-lo e estudá-lo de forma mais ampla.

O terceiro capítulo é dedicado à questão sobre qual o caminho utilizado por Becker na explicação da angústia até a fé humana, mantendo o itinerário seguido pelo autor. O ponto inicial é a constatação da finitude humana, frente à qual se desenvolve toda uma articulação psicológica de mecanismos de defesa, necessários

para o animal humano administrar o que ele propõe como preposição universal da espécie: o terror da morte. Assim, vemos os conceitos de heroísmo, mentiras vitais, ideias vitais e o projeto *causa sui* sendo desenhados por Becker, para mostrar que estes subterfúgios são utilizados diante da constatação da finitude, constatação esta geradora de angústia. Frente a essa angústia, o homem só tem duas possibilidades: construir algo significativo que faça sua vida valer a pena, ou crer em Deus e esperar que a “graça” divina lhe seja concedida, possibilidades trabalhadas ao longo do capítulo.

Evidentemente que, para construir toda essa visão do ser humano, Becker se utilizou de inúmeros referenciais teóricos, mas esta dissertação centralizou-se em Freud e Kierkegaard.

A partir das considerações desenvolvidas ao longo deste trabalho, foi possível verificar que o homem possui muitas faces, que há uma relação entre angústia e fé humanas, bem como que o futuro da psicologia se encontra na figura de Kierkegaard, como o demonstrou Becker. Desta forma, foi possível verificar, também, a contribuição desta dissertação para as ciências da religião, por possibilitar uma abordagem multidisciplinar, o que converge com a proposta de Ernest Becker, principalmente no que concerne à visão de homem, como um ser único que, entretanto, não pode ser reduzido a uma de suas faces.

## CAPÍTULO 1

### Ernest Becker: Vida e Obra

Para o homem é muito difícil reconstituir a totalidade da condição humana. Ele quer ter o seu mundo seguro, feito para o prazer, quer culpar os outros de seu destino.

Ernest Becker<sup>1</sup>

Início este capítulo sinalizando as opções metodológicas que serão utilizadas. Por se tratar de um autor que nos propõe uma visão diferenciada e plural do ser humano, faz-se necessário que compreendamos quais foram suas motivações pessoais e intelectuais para a sua formação teórica. Desse modo, serão contemplados fragmentos de sua vida e obra, de forma cronológica com o intuito de podermos compreender como sua vida pessoal tem forte ligação com a sua evolução teórica e como esse desenvolvimento teórico foi-se estruturando ao longo de sua vida. Em relação à sua metodologia de escrita, cumpre sinalizar que Ernest Becker não se colocava fiel às normas de linguagem vivenciadas pelo meio acadêmico, principalmente nas obras finais de sua vida quando o autor demonstrava muito mais preocupação em deixar o legado de suas obras do que colocá-las dentro dos padrões de escrita científica. Becker, em alguns momentos, apenas faz as citações de forma acadêmica, por isso, de antemão, peço desculpas se utilizar

---

<sup>1</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 91.

alguma citação de outro autor como se fosse de Becker. Farei o possível para que isso não ocorra.

O antropólogo Ernest Becker nasceu em Massachusetts, no dia 27 de setembro de 1924 e morreu em 6 de março de 1974. Sua trajetória de vida foi breve, porém muito intensa, pois, em apenas 49 anos de vida, deixou publicados 10 livros<sup>2</sup>, sem contar os artigos e ensaios. Todas as publicações se fizeram em apenas 14 anos se considerarmos a data de sua primeira publicação que foi em 1960.

Becker nasceu em uma família judia que imigrou do leste europeu para os Estados Unidos. Viveu em um momento histórico quando o nazismo e a perseguição aos judeus eram intensos. Em 1945, com exatos 21 anos de idade, se alistou no serviço militar americano e acabou sendo convocado a servir como soldado da infantaria na Segunda Guerra Mundial.

Podemos certamente pensar que ter vivido uma experiência de guerra faz toda a diferença no caminho que Becker iria percorrer em sua vida. Muitas de suas inquietações acerca do ser humano, ou melhor dizendo, em uma linguagem beckeriana, do animal humano, foram constituídas e moldadas nesta experiência única e no mínimo trágica que é a guerra; uma experiência que expõe as fraquezas do animal homem ao máximo, fraqueza esta advinda não só pelo seu frágil sistema biológico, mas também por uma série de questões psicológicas e sociológicas que influenciam as suas atitudes o tempo todo. Ver o quanto o homem pode expor sua maldade em prol de um ideal, que pode ser ilusório ou até mesmo mal sustentado, e advindo de uma mente humana que argumenta e aliena, demonstra ter força para exercer poder sobre o animal humano. Desta forma, quando retorna da guerra, ele ingressa na Universidade de Syracuse onde obteve formação como antropólogo cultural. Assumiu, em seguida, trabalhos na embaixada dos Estados Unidos em Paris, onde se manteve por vários anos<sup>3</sup>. Aborrecido com a vida no exterior e com seu trabalho, retorna e retoma seus estudos na Universidade de Syracuse no programa de pós-graduação em antropologia cultural. Em virtude de suas

---

<sup>2</sup> Cf. os títulos dos livros e artigos no apêndice.

<sup>3</sup> Não há registros formais que afirmam quantos anos de fato Ernest Becker esteve trabalhando em Paris; os comentadores descrevem da mesma forma que foi utilizada nesta passagem.

experiências de vida e acadêmicas, o autor nos sugere que as motivações que o levaram a estudar antropologia cultural ultrapassam as expectativas da ciência que se propõe a estudar o homem. Becker, ao retornar aos seus estudos, já nos aponta o tamanho de suas pretensões em relação ao estudo do homem, e essas pretensões são direcionadas em formar uma ciência que unifique em uma linha lógica, ou seja, todas as possibilidades científicas possíveis que se referem ao estudo do homem.

Toda a situação histórica vivenciada pelos judeus e, indiscutivelmente, o fato de ter ido para a guerra fazem com que Ernest Becker adquira uma leitura do ser humano no mínimo diferenciada. Sua busca por estudar o Homem é marcada por influências de sua vida pessoal e sua trajetória acadêmica acaba sendo motivada pela busca de uma compreensão do ser humano e pela busca de respostas sobre o seu funcionamento enquanto espécie, da forma mais completa possível.

Essa sua leitura, sobre o ser humano, em muitos momentos se distancia das tendências acadêmicas vividas nos Estados Unidos; tendências essas que buscavam a compreensão do ser humano nos moldes behavioristas, fazendo análises de comportamentos, tendo como estrutura de análise uma metodologia que restringe o ser humano a fórmula lógica. Becker almeja mais do que a compreensão de estímulos e respostas e, desta forma, identifica-se e se associa com pesquisadores que adotavam como método de construção do conhecimento uma postura mais audaciosa e visionária sobre as grandes questões do ser humano e sua existencialidade. Um grande exemplo desses teóricos audaciosos e visionários nos quais Becker se inspirou foi o Dr. Tomas Szasz, que teve como mentor durante seus estudos no Programa de Pós-Graduação em Antropologia na Universidade de Syracuse. Nessa ocasião, seu mentor, participando de uma rebelião dentro do Departamento de Psicologia, argumentou que a loucura era um fenômeno de massa e que os rotulados como doentes mentais eram muitas vezes os que não participavam dessa loucura compartilhada. Desta forma, Ernest Becker vai tecendo suas identificações e indiscutivelmente o modelo que sua teoria iria adotar, pois, com a formação antropológica e tendo sempre à luz de seu pensamento conceitos sociológicos e psicológicos, o autor passa a desenhar, com sua escrita, a

possibilidade de um ponto de encontro entre as ciências com o implícito objetivo de compreender ainda mais a natureza do animal humano.

A finalização de sua tese de doutorado, intitulada *Zen Buddhism Thought Reform and Various Psychotherapies*, deu-se em 1960, quando os Estados Unidos vivenciavam uma fase histórica turbulenta, especialmente nas questões que se referiam à sociedade e ao comportamento humano dentro da sociedade. É nesse momento histórico que surge o feminismo<sup>4</sup>, os movimentos civis e sociais que defendem a liberdade dos homossexuais e também movimentos que lutam pela igualdade em relação aos direitos raciais. Nesse cenário, Becker acaba manifestando, em sua tese de doutorado, uma linguagem com muitos traços de influência iluminista,<sup>5</sup> perceptíveis na estrutura metodológica e ideológica de que o autor se vale. Seu objeto de pesquisa no doutorado foi o Zen Budismo e os efeitos psicológicos causados por essa prática.

Em 1961, um ano mais tarde, publica seu primeiro livro, *Zen: A Rational Critique*, resultante de sua tese de doutorado. Becker faz uma crítica ao Zen Budismo no sentido de que essa prática, de acordo com sua pesquisa, acaba incorporando elementos psicoterapêuticos para poder promover ao indivíduo uma salvação pessoal. Para o autor, a linguagem empregada nos mosteiros e nas instituições psicológicas é de origem distinta e acaba pontuando a necessidade de uma compreensão ideológica do Zen Budismo, bem como de sua doutrina, para não simplesmente usar o processo de forma individualizada, atendendo às motivações pessoais.

A partir de sua formação como doutor em antropologia cultural, Becker passa a exercer a função de docente na Universidade de Syracuse onde, além de ministrar aulas, continua as suas pesquisas sempre direcionadas a uma compreensão plural da condição da espécie do animal humano. Entre a publicação do primeiro livro e a

---

<sup>4</sup> O feminismo é um movimento social que defende igualdade de direitos e status entre os gêneros. Cf. H.S.HIRATA, *Dicionário crítico do feminismo*.

<sup>5</sup> Iluminismo deriva do latim *illuminare*, movimento criado na França no século XVII; conceito que sintetiza tradições filosóficas, políticas, sociais e intelectuais do pensamento e da ação. Defesa do uso da razão como fonte de sabedoria do indivíduo e o processo de introspecção como uma possibilidade de tornar o mundo melhor. Cf. L.R.S. FORTES, *O Iluminismo e os Reis filósofos*, p. 17-32.

construção do segundo livro, com um intervalo de dois anos, Becker publicou alguns artigos e dedicou-se a escrever a primeira versão de *The Birth and Death of Meaning: A Perspective In Psychiatry and Anthropology*, publicada em 1962.

Nos anos finais de sua vida, Becker retornou à sua primeira obra *The Birth and Death of Meaning: A Perspective In Psychiatry and Anthropology*, fazendo uma segunda versão revisada. O livro em questão possui dez capítulos que desenharam, ao longo do texto, a trajetória do nascimento de um símbolo, ou seja, de como os símbolos, que são utilizados dentro da estrutura psicológica do indivíduo, são constituídos em convergência do que ocorre dentro de seu mundo interior versus mundo exterior, e como essa capacidade de simbolizar do ser humano nos direciona à compreensão da morte desse mesmo símbolo que foi constituído em algum momento. Para exemplificar essa questão descrita, podemos pensar em uma criança vivendo o seu processo de desenvolvimento. Em uma dada fase, ela confere aos objetos, seres inanimados, características de vida. É assim que se constitui um símbolo: a boneca ganha vida, o carrinho ganha vida e, mais tarde, com o curso da própria evolução humana, esse símbolo que foi atribuído passa a morrer para dar espaço para uma nova fase do desenvolvimento e da evolução humana. Esse é apenas um exemplo da capacidade que temos de simbolizar, o que não ocorre apenas na infância; enquanto adultos criamos redes mais refinadas de simbolização, sendo que a religião poderia ser outro exemplo.

Nessa obra, fundamental para a compreensão do pensamento beckeriano, em seus capítulos iniciais, vemos uma escrita antropológica com bases evolucionistas<sup>6</sup>. O autor possui a delicadeza de conduzir o leitor à discussão de cunho antropológico e, de certa forma, responde-nos o que nos faz humanos e o que nos torna humanos, deixando clara a diferença existente entre o animal humano e o animal macaco e, após estabelecer esse panorama, leva-nos à tese central do livro.

---

<sup>6</sup> Evolucionismo ou Teoria da Evolução afirma que as espécies de animais e vegetais da Terra sofrem alterações em sua estrutura para promover uma melhor adaptação enquanto espécie. Essa corrente sofreu grande impacto com a publicação da obra de Charles Darwin, *The Origin of Specie*, que descreve o processo de seleção natural como um mecanismo de evolução das espécies. Cf. M.J. BEHE, *A caixa preta de Darwin*, p. 23 – 37.

Para Becker, a psicanálise surgiu como um ramo da medicina, e, por ter origem nesta área do conhecimento, dá uma falsa ideia de que é uma estrutura científica, que tenta descrever a fisiologia da doença mental. Mesmo a psicanálise não sendo considerada como ciência, o autor acredita que os psicanalistas, proporcionaram grandes contribuições para o conhecimento da estrutura mental do ser humano. Podemos usar como exemplo uma descoberta que contribui muito para a leitura da doença mental: a constatação da fase do complexo de Édipo<sup>7</sup>. Dessa fase emerge, no homem, a possibilidade da construção da natureza simbólica, ou seja, da capacidade que temos de atribuir a coisas, sentimentos, situações algum significado, algum sentido. Nesta locução, natureza simbólica, a palavra símbolo fica subentendida como estrutura que promove o significado, o sentido em ações diversas. Sendo assim, vemos, de forma muito consistente, a possibilidade da construção da natureza simbólica da autoestima do indivíduo. Nesse momento, não somente a ação psicológica se faz presente, mas também o desenvolvimento fisiológico contribui como uma esfera que permite que a construção simbólica ocorra. Em outras palavras, a maturação fisiológica da espécie, no momento em que ela vivencia o desenvolvimento edípico, possibilita a construção e, futuramente, a articulação da possibilidade de ocorrer a simbolização, de forma tal que o indivíduo se beneficie de sua autoestima construída e garanta uma melhor adaptação enquanto espécie.

Vemos que Becker não perde sua veia antropológica e afirma que a ação da autoestima garante um desempenho diferenciado para a adaptação da espécie humana. Todavia, aqui surge uma indagação: por que uma melhor adaptação da espécie? Fica evidente que a influência que o autor teve da psiquiatria fez com que ele constatasse o quanto a estrutura mental e emocional interferem na vida de um indivíduo; o quanto a doença mental aniquila a possibilidade até de sua adaptação social. Na descrição dessa obra, Becker sugere que ter um controle da angústia, da

---

<sup>7</sup> Freud baseou-se na tragédia de Sófocles (mitologia grega) para formular o conceito do Complexo de Édipo, que se refere a uma preferência do filho pela sua mãe e uma declarada aversão pelo pai. Esse conceito será explorado com maior intensidade no segundo capítulo desta dissertação. Cf. D. ZIMERMAN, *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*, p. 123 – 132.

ansiedade, é uma ação adaptativa da espécie e que a dinâmica da repressão,<sup>8</sup> da angústia ou da ansiedade, não é eficaz, mas a capacidade de constituir um símbolo, para a construção de certezas individuais no ser humano, é mais eficaz enquanto agente de adaptação da espécie.

Parece, assim, que a estrutura antropológica do autor está presente nesta obra, uma vez que ele descreve com afincos que o homem macaco, em sua face mais primitiva, conseguiu uma maior sobrevivência estando em bando, ou seja, já realizando os primeiros passos do que hoje chamamos de organização social. Becker ainda sinaliza que neste ponto também vemos o nascimento de um processo de alienação. Ele criva este ponto como o nascimento do processo de alienação do homem macaco, uma vez que faz a leitura que, mesmo estando dentro de uma estrutura social que nos promove mais possibilidade de nos manter vivo, a morte ainda se faz inevitável. Vemos, aqui, o exercício teórico realizado pelo autor, pois a sua escrita, que deveria ter uma linguagem mais próxima da antropologia, já que essa era a formação do autor, passa a incorporar elementos teóricos constituintes da psicanálise, psicologia e psicologia profunda, além da escrita sociológica. Desta forma, fica implícito que ele recorre a essas áreas do conhecimento como estratégia metodológica para ampliar a visão que a antropologia faz do animal humano e, ainda, para tentar dar ao ser humano uma base de sustentação maior frente às questões para as quais o autor constatava que não haviam respostas.

Becker não quis fazer uma nova ciência, só quis compreender mais o animal humano e, com isso, tentou constituir, em sua visão, mais elementos teóricos que se convergem em certo ponto, que seria a existência humana. Não quis ser psicanalista, psicólogo ou sociólogo, pois as questões que o autor faz para essas áreas do conhecimento são questões que nascem dentro da antropologia, ou seja, Becker levanta para a psicologia, psicanálise e sociologia questões de caráter antropológico e une essas respostas com a estrutura antropológica de pensamento

---

<sup>8</sup> Repressão é um mecanismo de defesa descrito por Freud que visa proporcionar a dinâmica da psique que certas situações fiquem inconscientes ao indivíduo, com o intuito de maior obtenção de tranquilidade e prazer psicológico. Esse conceito será explorado com maior intensidade no segundo capítulo desta dissertação. Cf. D. ZIMERMAN, *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*, p. 90 – 101.

e, desta forma, acaba construindo uma identidade, como teórico, polêmica e, em muitos momentos, até mal compreendida.

Ainda neste período, que Becker vivenciava sua evolução teórica, vemos que o autor demonstra, em seus posicionamentos teóricos, certo otimismo frente ao ser humano, vislumbrando uma real possibilidade de solução para os dilemas experienciados pelo animal humano. O autor demonstra que acreditava que a possibilidade de uma visão multidisciplinar do homem iria promover ao homem macaco a possibilidade de uma cura para seus dilemas existenciais. Porém esse otimismo não é duradouro, ele é apenas perpassado em suas obras iniciais e acaba se diluindo facilmente com as altas doses de elementos trágicos, impossíveis de serem digeridos se pensarmos nos dilemas vivenciados pelo animal humano no que tange à sua capacidade de autoconsciência em relação à sua finitude. Vemos que nessa obra, *The Birth and Death of Meaning: A Perspective In Psychiatry and Anthropology*, já tem início o direcionamento do leitor ao pessimismo teórico beckeriano que se refere à impossibilidade de resolução ou solução adequada e eficaz frente à questão da finitude da espécie.

Em apenas dois anos, Becker conseguiu publicar dois livros, escrever alguns artigos e ser docente na Universidade de Syracuse; lecionou, portanto, na mesma instituição onde se fez doutor, desde a sua formação. Se Becker tivesse continuado nessa constância, poderíamos pensar em um intelectual com a carreira sólida e estável, mas não foi dessa forma que as situações em sua vida transcorreram, já que sua vida não tem um desenho tranquilo e fácil. Em 1963 Becker foi dispensado de suas atividades como docente e o real motivo para essa dispensa foi ter-se aliado ao professor Tomas Szasz. Naquele ano, ocorriam dentro da Universidade de Syracuse inúmeras brigas e manifestações por parte da área de psicoterapia e psiquiatria e Szasz foi responsável por essas manifestações que pleiteavam maior liberdade dentro da academia. Como Becker atuava juntamente com Szasz dentro de um ambulatório de psiquiatria mantido pela universidade, houve retaliações à sua figura. De qualquer forma, cabe aqui ressaltar a conflituosa influência que Becker teve na área da psiquiatria, que acaba reforçando o quanto o ser humano é

impotente e tem a sua liberdade de expressão privada quando não concorda com o discurso de um grupo social maior ou mais forte.

A vida, as vivências da existência de Becker, indiscutivelmente direcionava o autor a tentar compreender o porquê de o animal humano reagir de determinadas formas, o porquê de não conseguir administrar emocionalmente a verdade ou as verdades dos outros e, ainda, o quanto a união em um bando mais forte possibilitava uma melhor adaptação. Mesmo com todas as dificuldades vivenciadas, o autor não perde a sua motivação em pensar sobre o animal humano e sobre a possibilidade de proposições universais, buscando, com mais força ainda, possíveis respostas com influências múltiplas, mas que contivessem elementos que fossem universais.

Com todas as vicissitudes que ocorreram no ano de 1963, Ernest Becker demonstra ter sido um homem com um comportamento recluso e solitário, de ter tido, em sua vida, uma mescla de angústia, haja visto as constatações teóricas que ele construía, e esperança com o anseio que vislumbrava em libertar o homem de suas angústias. Mesmo não vendo muitas possibilidades para o animal humano, não deixou de escrever e buscar respostas. Possivelmente, em suas questões pessoais e profissionais, ele se coloca de forma até esperançosa em relação ao animal humano, valorizando-o na difícil empreitada de viver.

Em abril de 1964, Becker inicia a escrita de um diário que mantém até janeiro de 1969. O conteúdo deste diário eram seus pensamentos e sua reformulação teórica frente às teorias psicológicas, mencionando William James<sup>9</sup>, Sigmund Freud<sup>10</sup> e Otto Rank<sup>11</sup>, e às teorias filosóficas, citando Nietzsche<sup>12</sup>, Goethe<sup>13</sup>,

---

<sup>9</sup> William James, formado em medicina, dedicou-se ao estudo da psicologia e filosofia. Tornou-se conhecido pelos seus estudos referentes ao pragmatismo, funcionalismo, psicologia da experiência religiosa e a Teoria James Lange da Emoção. Cf. R. M. GALE, *The philosophy of William James: an introduction*.

<sup>10</sup> Sigmund Freud, formado em medicina com especialização em neurologia, é o fundador da psicanálise que é considerada como uma das mais importantes vertentes do estudo da psicologia. A psicanálise também é considerada uma vertente filosófica. Cf. D. ZIMMERMAN, *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*.

<sup>11</sup> Otto Rank, um dos membros do grupo seleta que se reunia com Freud às quartas-feiras, quando trocavam ideias sobre a comunidade científica e a respeito dos primeiros casos que foram tratados pela psicanálise. Cf. *A Negação da Morte*. p. 14 – 15.

<sup>12</sup> Friedrich Nietzsche, filósofo alemão que direcionou os seus estudos à epistemologia, ética, ontologia, filosofia da história e psicologia. Cf. J. LEFRANC, *Compreender Nietzsche*.

Tolstoy<sup>14</sup>, Marx<sup>15</sup>, Kierkegaard<sup>16</sup>, dentre outros. O diário ainda contém inúmeros relatos sobre seus sonhos, bem como suas interpretações. Esse diário acaba sendo publicado por Robert Kramer em um jornal de psicologia humanista no ano de 2007, postumamente, graças à doação dos manuscritos por sua esposa, Maria Becker.

Essa angústia e esperança, manifestadas por Becker e descritas anteriormente neste capítulo, se dão em virtude do excesso de verdades e conscientizações a que ele se propôs ao longo de sua vida. No dia 26 de abril de 1964, Becker escreve sobre essa angústia:

É realmente incrível como alguém pode continuar a existir, não importa o quão solitário, não importa quão pouco seus anseios e desejos profundos sejam satisfeitos. Apenas os Primatas superiores podem viver em tal limbo de satisfação, razão pela qual só eles podem ser alienados.<sup>17</sup>

Possivelmente esses pensamentos, retirados das páginas iniciais de seu diário, relacionam-se com sua vida profissional e acadêmica que estava se constituindo. Fica claro que, para Becker estar satisfeito e em paz com sua razão, haveria um processo de alienação, seria como viver no limbo, pois a trajetória de sua vida, a possibilidade de pensar livremente e construir seu pensamento, conforme seus estudos estavam sendo direcionados, seria inviável nas instituições a que ele se associava. Becker já demonstra que estava sendo esmagado pelo meio e pelo seu próprio pensamento. Vemos novamente, no dia 28 de abril de 1964 de seu diário, o quanto o paradoxo existente na vida está presente em seus pensamentos:

[...] a disparidade entre a minha visão das coisas e a forma como elas são é que vai me destruir, a menos que eu possa viver ao nível inferior de êxtase de Melville, e isso somente pode ser feito através da renúncia ao mundo ou ao me envolver nele com

---

<sup>13</sup> Johann Wolfgang Von Goethe, uma das figuras mais importantes da literatura alemã.

<sup>14</sup> Tolstoy, nascido na Rússia, é considerado um dos maiores escritores de todos os tempos. Cf. H. VASSINA, *Os Últimos dias de Tolstoi*.

<sup>15</sup> Karl Marx, de nacionalidade alemã, é o fundador da doutrina comunista e sua teoria acabou influenciando a filosofia, sociologia, ciências políticas, psicologia, antropologia dentre outras. Cf. D. COLLINS, *Compreender Marx*.

<sup>16</sup> Soren Kierkegaard filósofo e teólogo dinamarquês. Cf. F. FARAGO, *Compreender Kierkegard*.

<sup>17</sup> *Apud* R. Kramer, The Journal of Ernest Becker, *Journal of Humanistic Psychology*, 47. p. 9 (tradução livre)

base numa filosofia robusta. Eu não estou preparado para ser um Agente de Alfândega.<sup>18</sup>

Quando Becker descreve que não está preparado para ser um Agente de Alfândega, certamente nos ilustra que não está preparado para se encaixar nos moldes de ilusão que são alimentados dentro de nossa sociedade. Refere-se ao quanto reproduzir as regras que mantém o sistema social que o homem está inserido, não permite ao indivíduo o questionamento; permite apenas que ele reproduza as regras com um requinte de alienação, sem se questionar se essas regras são de fato boas e válidas para a manutenção da vida individual e coletiva. Desta forma, o autor nos diz que não está preparado para não pensar e calar frente ao fluxo de vida que temos, seja ele interno ou externo.

E a esperança? Onde está a esperança para Becker nessas passagens tão esmagadoras? Como fica a esperança quando se vivencia na pele a maldade humana? A obra do autor começa, declaradamente nesta fase, a sofrer uma transição teórica de otimista para um momento mais maduro no qual se posiciona de forma mais pessimista, tirando de sua escrita a esperança ilusória, somente alimentando a possibilidade de uma esperança ligada em fatos reais, vivenciais e cotidianos. Becker, nesta fase de sua vida, vai demonstrar que seu otimismo refere-se ao fato de poder viver a vida como ela é, com todas as angústias existentes, tentando, mesmo frente às adversidades que não são passíveis de mudança, tornar a vida viável, mesmo conhecendo toda a disparidade entre o que está no plano do pensamento, diante de sua capacidade ilimitada de criar e simbolizar, e o que é real. Desta forma, Becker não abandona seus ideais nem seus estudos ao entrar em sua fase teórica mais madura.

Becker permaneceu em Roma apenas no primeiro semestre de 1964, período em que trabalhou na elaboração de *Estrutura do Mal: Um ensaio sobre a unificação da ciência do homem*, que será publicado mais tarde, em 1968. Retorna para os Estados Unidos somente no final de julho de 1964 para trabalhar, durante um semestre, na Universidade de Syracuse, de onde acabara de ser demitido por lutar

---

<sup>18</sup> Apud R. Kramer, The Journal of Ernest Becker, *Journal of Humanistic Psychology*, 47, p. 10.

pela liberdade acadêmica dentro do Departamento de Psiquiatria. Nesse mesmo ano é publicado, pela editora The Free Press, o livro *The Revolution In Psychiatry: The New Understanding of Man*, que segue a mesma linha argumentativa do livro *The Birth and Death of Meaning: A Perspective In Psychiatry and Anthropology*. Nessa obra, porém, Becker amplia o nível de respostas, indo buscar, dentro das estruturas psicológicas mais profundas do homem, a compreensão racional de como a formação moral do homem não se estendeu apenas aos homens que gozam de saúde mental; o autor preocupou-se em descrever como essa construção moral ocorre dentro de classificações psicopatológicas como na esquizofrenia e também na depressão.

Toda a trajetória de vida e obra narrada até esse momento já aponta o quanto Becker não ficou preso exclusivamente aos campos antropológicos e o quanto pesquisar outras ciências foi deixando o autor árido e pessimista. Em 9 de abril de 1965, em seu diário, Becker nos mostra um pouco dessa aridez voltada a Deus ou até mesmo ao estudo que se faz de Deus: “o melhor que Deus pode fazer se resume em criar um bebê indefeso, o melhor que posso fazer é um livro problemático. E assim Deus opera os seus caminhos.”<sup>19</sup> Fica evidente, com essa passagem, que Becker se incomodava muito com a fragilidade humana e voltava a Deus toda a sua aridez em virtude do Criador ter elaborado uma criatura cheia de limitações e imperfeições. Limitações e imperfeições que Becker foi sentindo ao longo de sua vida, especialmente em sua vida profissional, uma vez que ele se coloca a fazer apenas o que ele acredita realmente e não se permitir a realizar imposições acadêmicas e profissionais que ele não compactuava.

Nesse mesmo ano, 1966, Becker conseguiu uma licença de um ano para lecionar nos departamentos de Sociologia e Antropologia na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Após essa licença se expirar, em 1967, a Universidade da Califórnia não quis renová-la para que Becker continuasse a trabalhar na instituição. O motivo para essa recusa foi a forma como o autor desenhava seus ideais teóricos. Os alunos, por sua vez, organizaram-se, chegando a colher duas mil assinaturas para que Becker continuasse na instituição; e mais, ofereceram-se para pagar seu

---

<sup>19</sup> R. Kramer, The Journal of Ernest Becker, *Journal of Humanistic Psychology*, 47, p. 24.

salário para que ele continuasse na Universidade. Porém, o plano dos alunos acabou sendo também recusado pela instituição.

Em 1967, Becker passou a lecionar no Departamento Estadual de Psicologia de São Francisco, onde permaneceu até janeiro de 1969, quando acabou, novamente, envolvendo-se em manifestações estudantis contra as ações restritivas do governo. Ainda no ano de 1967, chegou a publicar mais uma obra, *Beyond Alienation: A Philosophy of Education for the Crisis of Democracy*. Igualmente se defronta com o desemprego e com a constatação de que somente a venda de poucos livros não iria garantir o sustento de sua esposa, Maria, e de seus filhos, Gabriela e Sam. A partir dessa constatação, decidiu aceitar a proposta da Universidade de Simon Fraser, em Vancouver, no Canadá para onde se muda.

Nos três anos seguintes, dedicou-se a escrever as obras *The Denial of Death* e *Escape From de Evil*, bem como a reescrever a segunda edição de *The Birth and Death of Meaning*, resultando em um nível melhor que a primeira edição, com análises referentes ao estudo que fez das obras do discípulo de Freud, Otto Rank.

Dentre estas últimas obras citadas, sinalizo *The Denial of Death* como obra central para a compreensão do pensamento beckeriano e fundamental para estruturar a proposta desta dissertação. Nesta obra, que foi traduzida para o português como *A Negação da Morte: Uma abordagem psicológica sobre a finitude humana*, Becker propõe uma leitura multidisciplinar norteada por princípios psicanalíticos. O subtítulo utilizado na tradução brasileira já nos sinaliza que o autor fará uma abordagem psicológica da finitude humana. Mas a obra não se restringe apenas neste direcionamento, pois Becker faz uma leitura ampla de todo o processo de desenvolvimento da psique humana e traz para a discussão questões que se refere à finitude humana, pontuando o quanto essa constatação gera um reflexo angustiante e o quanto essa sensação, promovida por essa constatação, proporciona, para a estrutura psicológica do indivíduo, a necessidade de uma formatação emocional capaz de suportar a angústia frente a esta consciência. Para Becker, a ideia da morte e o medo da morte inspiram o animal humano por ser uma preposição universal da espécie humana e, dessa forma, acaba promovendo a espécie à instauração de todo um sistema simbólico para lidar com essa preposição

universal. E de que forma esse sistema simbólico constituído promove essa ação? Indiscutivelmente fazendo uma negação dessa realidade, ou seja, o animal humano cria uma ilusão de que está imune à morte para que possa tornar a sua vida suportável e, assim, evita uma carga de angústia maior que estrutura da psique pode suportar. Neste sentido, o autor nos apresenta o conceito da mentira vital, ou mentira caracterológica, que veremos adiante, bem como questões como a do heroísmo, do narcisismo, da neurose, dentre outras.

As obras de Becker, no geral, pintam um cenário trágico para o homem e a obra em questão não é diferente, uma vez que ela desnuda o ser humano, coloca em evidência seu maior medo e sua maior limitação, pois temos uma consciência que é altamente expansiva, que nos promove capacidades ilimitadas em níveis simbólicos e emocionais. Em contra partida, toda essa vasta possibilidade está presa a uma corporeidade finita e limitada. Mesmo com a capacidade ilimitada do nosso simbolismo não conseguimos transcender essa condição.

Durante o período de 1968 a 1971, são publicadas mais três obras de Becker: *The Structure of Evil: An Essay on The Unification of the Science of Man*, *Angel in Armor: A Post Freudian Perspective on the Nature of Man* e *The lost Science of Man*.

Em novembro de 1972, foi diagnosticado um câncer no autor que realizou parte do tratamento em um hospital de Vancouver, no Canadá. Em seu livro *The Denial of Death*, uma das obras que finalizará muito próximo à constatação de seu câncer, Becker fez um comentário a respeito de Freud sobre a sua força ao encarar, também, um câncer:

Não poderia deixar de pensar de novo em Freud, que tinha mais sustentação interna do que a maioria dos homens, graças à sua mãe e ao ambiente inicial favorável. Ele conheceu a confiança e a coragem que essa sustentação dava a um homem e enfrentou, com a vida, um câncer fatal, demonstrando um heroísmo estóico.<sup>20</sup>

O heroísmo, tema central em sua obra, que será detalhado nos próximos capítulos, esteve presente na vida de Freud e também na vida de Becker, mesmo hospitalizado. Becker pretendia deixar para as pessoas todas as suas reflexões,

---

<sup>20</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 43.

todo o conhecimento que sua vida pessoal e intelectual lhe proporcionou. Assim, em uma de suas interações, Ernest Becker deu uma entrevista a Sam Keen que foi publicada com o título de “A Conversation with Ernest Becker”, na revista *Psychology Today*<sup>21</sup>.

Becker nos deixa uma obra inacabada; a força desta afirmação se faz com a constatação do quão prematura foi sua morte, pois faleceu no ano que completaria 50 anos. Da comprovação da doença até o falecimento do autor, passaram-se apenas dois anos. Ernest Becker faleceu no dia 6 de março de 1974, antes de presenciar o reconhecimento de sua obra com o prêmio Pulitzer por *The Denial of Death*<sup>22</sup>, que teve, até o ano de 2007, seiscentas mil cópias vendidas.

### **1.1 Repercussões das obras de Ernest Becker**

Indiscutivelmente a morte de um intelectual, artista, poeta, dentre outras variações culturais, proporciona ao seu legado ou uma consolidação da obra ou o seu esquecimento. No caso de Ernest Becker, vemos, a cada dia, a sua teoria sendo mais estudada e explorada por pesquisadores que, inicialmente, se concentravam nos Estados Unidos e Canadá, mas, atualmente, vem ganhando visibilidade em outros países como Alemanha, Inglaterra, Israel, Brasil entre outros. O que se observa especificamente nos Estados Unidos e Canadá é que os pesquisadores deram à teoria de Ernest Becker enfoques e funcionalidades diferentes e, com isso, foram constituídas duas linhas de pesquisa diferenciadas. Numa delas temos uma estrutura mais filosófica e teórica e, na outra, uma estrutura empírica.

A primeira linha se constituiu em meados de 1980 com os pesquisadores que trabalhavam com a psicologia experimental e social. Os pesquisadores responsáveis por essa linha foram Jeff Greenberg<sup>23</sup>, Sheldon Solomon<sup>24</sup> e Tom Pyszczynski<sup>25</sup> que

---

<sup>21</sup> Edição de Abril, p. 71- 80.

<sup>22</sup> Essa obra foi traduzida no Brasil por Luiz Carlos do Nascimento Silva como *A Negação da Morte*, publicada pela Editora Record em 2007.

<sup>23</sup> Filósofo, escritor e professor de Psicologia na Universidade do Arizona e Tucson no Estado do Arizona. É um dos membros do trio de pesquisadores que produziram um livro chamado *The Psychology of Terror* que usa as idéias de Ernest Becker como estrutura teórica para administração do terror.

desenvolveram, baseados nos livros *Escape From Evil* e *The Denial of Death*, uma teoria chamada de “TMT Terror Management Theory”<sup>26</sup>. Essa teoria busca explicar o terror psicológico vivenciado pelo indivíduo em situações relacionadas à morte e como se dá a reação implícita do indivíduo frente aos processos vivenciais ou situações reais, sejam elas físicas, sociais, sejam emocionais, que terão como destino ou objetivo final a morte do indivíduo seja ela real ou simbólica. Segundo Solomon:

O trio foi inspirado nas teorias de Ernest Becker (*A Negação da Morte*, 1973), Otto Rank e Freud, sobre quanto a força da lembrança da própria morte que frequentemente provoca uma crença em alguma forma de transcendência mística (o céu, a reencarnação, espiritismo, etc.). A teoria da Administração do terror tenta fornecer uma base racional para os catalisadores da motivação do comportamento humano quando a vida está ameaçada.<sup>27</sup>

Desta forma, para a TMT, o processo de imortalidade, ou seja, o sentimento que o ser humano tem de ser imortal, é lido como uma ação simbólica, necessária para que os seres humanos vivam de forma a ter tranquilidade emocional frente às situações que podem causar uma morte real ou simbólica. Quando aponta a morte simbólica, a TMT atribui a essa expressão qualquer situação experiencial do indivíduo que faça com que vivencie uma situação de luto, de perda, ou alguma ameaça que retire a reação desse indivíduo e que o deixe sem defesas emocionais, frente à situação vivida. Um exemplo dessa situação seria um indivíduo que perde o seu trabalho e demonstra dificuldade em reestabelecer a sensação de imortalidade que era sustentada por aquele trabalho realizado, ou até mesmo uma doença que faz com que o indivíduo constate a possibilidade de morrer e não consegue reestabelecer a sensação de imortalidade. Frente a essas situações que tiram do indivíduo a sensação de imortalidade, por uma ação inconsciente, segundo a TMT, a

---

<sup>24</sup> Professor de Psicologia Social na Faculdade de Skidmore, Saratoga Springs em New York. Outro membro do trio de pesquisadores que produziram *The Psychology of Terror*.

<sup>25</sup> Professor de Psicologia na Universidade do Colorado e na Colorado Springs. Outro membro do trio de pesquisadores que produziram *The Psychology of Terror*.

<sup>26</sup> TMT: Teoria de Administração do Terror.

<sup>27</sup> S. SOLOMON, *Terror Management Theory*, p. 1.

estrutura emocional do indivíduo passa a agir para poder, assim, reestabelecer, via ação simbólica, a possibilidade da sensação de imortalidade. Porém, não é em todos os indivíduos que a ação ocorre de forma inconsciente e, para esses casos, a TMT descreve uma possibilidade de intervenção em nível consciente que promova o reestabelecimento da sensação de imortalidade. A forma como essa intervenção ocorre é consciente, indicando e criando meios para que o aparelho psíquico volte a simbolizar com eficiência, ou seja, a formar as crenças, sejam elas emocionais, sociais ou culturais, no indivíduo.

Essas ideias foram se difundindo nos Estados Unidos e ganharam notória visibilidade depois dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 ao World Trade Center.<sup>28</sup> Houve uma comoção nacional e os americanos, além de buscar explicações para aquela ação irracional em sua nação, buscaram elementos para fazer com que o medo e o terror dos cidadãos americanos fossem amenizados a fim de que o país voltasse à normalidade. Desta forma, a TMT demonstrou importância e relevância e sua pesquisa foi intensificada nos Estados Unidos. Houve ainda uma expansão dessa pesquisa, a partir de 2006, com experimentos financiados pelo National Cancer Institute e National Science Foundation. Segundo o *Newsletter*<sup>29</sup> de junho de 2006, publicado pela Fundação Ernest Becker, existem pesquisas sobre a TMT nos Estados Unidos, Alemanha, Grã-Bretanha, Holanda, Austrália, Israel, Irã, Japão, e todos esses países estão testando a hipótese beckeriana que está inclusa na TMT.

Já a segunda linha de pesquisa que estuda o autor nos Estados Unidos se formou mais de uma década depois da construção da TMT. Especificamente em 1993, a Fundação Ernest Becker (FEB) foi instituída pelo professor e pesquisador Neil Elgee<sup>30</sup>, que atualmente é o presidente da fundação. Desde 1995, a Fundação

---

<sup>28</sup> Houve uma série de ataques suicidas aos Estados Unidos comandados pela AL-Qaeda. As duas torres do edifício chamado World Trade Center foram atingidas deixando milhares de pessoas mortas. Cf. F. M. R. SOUTO, *Depois da Queda das Torres: a cobertura jornalística do 11 de setembro nos jornais A Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo*. Mestrado em Ciências Sociais pela PUC/SP 2009.

<sup>29</sup> Jornal de publicação mensal produzido pela Fundação Ernest Becker e divulgado aos membros da fundação.

<sup>30</sup> Professor Emérito de Medicina Clínica na Universidade de Washington. Em 1993 criou a Fundação Ernest Becker da qual hoje é presidente. A Fundação Ernest Becker é de grande importância para os

Ernest Becker promove conferências em que questões da atualidade, como violência, violência dentro das escolas, amor e violência, tecnologia a serviço do homem, questões da existência humana, desenvolvimento humano, dentre outras, são discutidas e pensadas dentro dos parâmetros da teoria beckeriana. Além das conferências promovidas com a constituição da FEB, foi estabelecido, para os pesquisadores, um veículo informativo sobre as pesquisas que estão sendo realizadas sobre Becker e sobre os pesquisadores que as desenvolvem. Na estrutura da Fundação, os pesquisadores de Ernest Becker, que conseguem se constituir como membros da fundação, publicam suas produções;<sup>31</sup> assim podemos ver de que forma as teorias estão sendo estudadas, comprar materiais, participar de fórum de discussões online, de conferências e seminário presenciais. A FEB também possui trabalho voluntário mediante a arrecadação de fundos que ela mesma promove com os membros da fundação, o que acaba possibilitando uma aplicabilidade dos ideais de Becker.

Enquanto a segunda linha de pesquisa de Ernest Becker tem uma estrutura empírica, a primeira linha possui características filosóficas. Dentro da proposta de pesquisa da FEB, não há um reducionismo em relação aos temas abordados. Desta forma, vemos pesquisas relacionadas a vários campos do conhecimento como filosofia, psicologia, existencialismo, teologia e até mesmo voltadas para a área de gestão de pessoas e de recursos humanos.

O pesquisador Daniel Liechty,<sup>32</sup> um dos responsáveis pelos estudos de Ernest Becker, já fez inúmeras publicações e escreveu livros sobre sua teoria, sendo considerado um dos principais estudiosos de sua obra. Outros pesquisadores, como

---

estudos de Ernest Becker, pois viabiliza inúmeras discussões teóricas sobre o autor, publicações de artigos e pesquisas relacionadas ao estudo beckeriano, bem como a possibilidade de uma visualização da aplicação multidisciplinar da teoria beckeriana.

<sup>31</sup> Encontramos as publicações da FEB disponíveis em: [www.ernestbecker.org](http://www.ernestbecker.org)

<sup>32</sup> Professor associado na “Social Work” e membro da Universidade do Estado de Illinois. Coordenador psicossocial do programa psiquiátrico do hospital Montgomery. Responsável por artigos e partes de livros que descrevem e comentam a obra de Ernest Becker. Atualmente é vice-presidente da Fundação Ernest Becker.

Eugene Webb<sup>33</sup> e Sam Keen,<sup>34</sup> por exemplo, participam também da FEB e são pessoas que possuem credibilidade quanto aos estudos realizados.

Em 2002, os cineastas Patrick Shen e Greg Bennick lançaram um documentário contendo ideias de Becker, intitulado *Flight From Death: the Quest from immortality*<sup>35</sup>. Essa produção acabou recebendo seis prêmios nos Estados Unidos, além de ser exibido, também, no Canadá e no Brasil.

---

<sup>33</sup> Professor da Universidade de Washington da disciplina de Religião Comparada e Literatura Comparada. Cf. Fundação Ernest Becker.

<sup>34</sup> Ph.D. em filosofia e também escritor. Cf. Fundação Ernest Becker.

<sup>35</sup> Esse documentário está disponível para compra na Fundação Ernest Becker.

## CAPÍTULO 2

### O homem beckeriano

O Homem é necessariamente louco, porque não ser louco resultaria em outra forma de loucura. Necessariamente, porque o dualismo existencial cria uma situação impossível, um torturante dilema. Louco porque, como iremos ver, tudo o que o homem faz no seu mundo simbólico é uma tentativa de negar e vencer o seu destino grotesco.

Ernest Becker<sup>1</sup>

Agora que conhecemos a vida e obra de Ernest Becker e como andam os estudos e visualização de sua obra, faz-se necessário adentrarmos um pouco em sua teoria. O ponto de partida é a questão: como o “homem beckeriano” é constituído enquanto forma teórica. É importante salientar que a expressão “homem beckeriano” não foi utilizada por nenhum pesquisador, mas que aqui será tomada para sinalizar a visão encontrada, nesta pesquisa, no que se refere à leitura que o autor faz do ser humano.

Becker teve o cuidado de definir o homem em toda a sua complexidade e de encontrar um ponto em comum em toda a pluralidade que existe na espécie humana. Assim, o autor parte da constituição básica, dos aspectos biológicos e fisiológicos, isto é, do corpo físico, e nos leva a conhecer as realidades antropológicas do “homem beckeriano” em seu processo evolutivo. Recorre, também, à sociologia, o que o permite traçar mais um aspecto do animal homem,

---

<sup>1</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 49.

mas nela não se detém, levando o leitor a mergulhar no cerne da essência humana em suas questões mais profundas, proporcionadas pela psicologia e pela psicanálise. Nesse caminho, Becker não faz somente um relato de dados teóricos, indo ao campo empírico e buscando, na teoria, respostas para as questões mais profundas da espécie humana. Desta forma, não se prende somente às linhas teóricas mencionadas anteriormente, (antropologia, sociologia, psicologia e psicanálise); ele mergulha na filosofia existencial e esse mergulho leva-o a descrever a espécie humana em sua nascente de desespero. Becker conduz o homem ao centro da teologia que, segundo o autor, é uma das maiores possibilidades de salvação da espécie. É importante ressaltar, para que não haja equívocos em relação à nomenclatura utilizada nesta dissertação, que o “homem beckeriano” é resultado da união, da intersecção, da comunhão, da interação das ciências com a teologia. Teologia que em, Becker, não implica confessionalidade, o que permite uma possibilidade ampla de estudos e pesquisas para as Ciências das Religiões.

Observando como se desenvolve a dinâmica do “homem beckeriano”, é importante que conheçamos como Ernest Becker o definiu dentro de cada área do saber citada anteriormente.

## **2.1 A face antropológica do homem beckeriano**

O que é essa face antropológica? Como grande parte dos antropólogos modernos, Becker também acredita que uma das descobertas mais importantes foi o *Australopithecines* na África e que o homem é, de fato, uma espécie que vivenciou um processo evolutivo. Descendemos de uma espécie de macacos e, ao longo de milhares de anos, fomos evoluindo em nossas ações físicas, comportamentais e emocionais até chegarmos ao que conhecemos por espécie *homo sapiens*.

*The Birth and Death of Meaning*, indiscutivelmente, é um dos livros de Ernest Becker fortemente ligado às questões de cunho antropológico e é nessa obra que esse item será baseado. Para Becker, dentro de todo processo evolutivo, houve algumas ações que foram fundamentais para que esse desenvolvimento ocorresse.

A aquisição da postura ereta é uma delas, pois o fato de o animal humano se colocar em pé lhe permitiu, dentro do ambiente vivenciado, alguns ganhos, como, por exemplo, a possibilidade de se locomover mais rapidamente e com mais eficiência; as mãos deixam de ser membros de apoio para a locomoção e passam a ser membros com o qual a espécie irá alcançar indiscutivelmente um ganho qualitativo e adaptativo ilimitado: as mãos passam a ser membros que trará a liberdade para espécie humana. Mas o processo evolutivo do animal humano não parou com essas aquisições, pois o homem passou, também, a se organizar em grupos, para assim garantir maiores possibilidades de sobrevivência. O homem macaco, que lentamente começa a delimitar traços que o difere dos outros animais, começou a perceber muito timidamente que, quando organizado em bandos, a sua segurança era potencializada e, com isso, os riscos de ataques passam a ser controlados. Daí a evolução de um comportamento individual para um comportamento social.

Paralelo a essa evolução comportamental e social, o homem macaco<sup>2</sup>, também evoluía em sua estrutura anatômica, fisiológica e biológica, pois o seu cérebro foi-se desenvolvendo, proporcionando-lhe um ganho muito significativo: a capacidade de pensar. Desse pensar, dessa base evolutiva do pensamento, foi-lhe propiciada a possibilidade de experimentar sensações e sentimentos. Todas as ações só foram possíveis em virtude do desenvolvimento anatômico e fisiológico que o cérebro da espécie do homem macaco teve.

Para Becker, o homem, mesmo descendendo de macacos, teve que se posicionar de forma diferente da sua matriz de origem, pois somente assim o homem macaco conseguiria ter um processo de evolução diferenciado. Em suas palavras:

Os antropólogos sabem melhor: o homem se desenvolveu distante dos macacos precisamente porque ele tinha que caçar carne, e se quisesse carne de caça não podia permitir-se o luxo do comportamento de um babuíno. É importante mencionar que, se os homens quiserem conseguir caça maior, precisam cooperar na caça: quanto maior e mais perigosa a caça, mais sensível e íntima será a cooperação.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Será utilizada a nomenclatura homem macaco para ser fiel à escrita de Ernest Becker.

<sup>3</sup> Ernest BECKER, *The Birth and Death of Meaning*, p. 2.

Becker demonstra, nessa citação, que só seria possível para a espécie do homem macaco evoluir em seu processo de adaptação, se ela se mantivesse de forma diferente dos primatas. Para sobreviver, há milhões de anos atrás, a espécie em evolução precisou sim dessas aquisições descritas anteriormente em relação ao desenvolvimento físico, mas, inegavelmente, a evolução cerebral fez com que o homem macaco se incluísse em uma vivência social que possibilitou o surgimento do elemento cooperação no seu meio vivencial e isso ocasionou uma melhor adaptação da espécie.

Assim, o homem macaco já se locomovia com facilidade, usava suas mãos, vivia em organização social, pensava, sentia e até já estabelecia meios de cooperação para garantir uma caça mais farta, mas ele não interrompeu seu processo evolutivo. Para que o homem macaco conseguisse se manter em organização social, foi necessário constituir um modo de vivência com o outro, sem conflitos entre os membros desta organização social. Neste sentido, núcleos foram se formando, sendo sua constituição normatizada e regulada por intermédio das regras sexuais da espécie. A importância do sexo para a espécie, portanto, está ligada à necessidade de procriação, a fim de que o grupo social não fosse extinto, pois era necessário um grande número de membros e, desta forma, procriar seria uma das maneiras do homem macaco se organizar socialmente, constituindo o que hoje conhecemos como família.

Vendo as bases do desenvolvimento social e cerebral se constituindo, bem como a utilização do sexo para a formação familiar e a estrutura de cooperação se estabelecendo, podemos pensar que a espécie já estaria em um nível de maturação que lhe possibilitasse a capacidade de simbolizar e de ritualizar algumas vivências. A capacidade de formar um símbolo é um item decisivo e importantíssimo na evolução da espécie, pois é através dessa ação que podemos pensar na possibilidade de constituição de uma linguagem, de uma forma de comunicação para a espécie do homem macaco. Não bastou ao homem macaco descer da árvore para que sua evolução ocorresse, nem a confecção de armas e de utensílios e seu respectivo uso para facilitar a sua vida, nem mesmo a organização social. A

simbolização foi fundamental para a espécie, pois possibilitou a formação da linguagem e, com isso, permitiu a transmissão e o acúmulo de conhecimento e aprendizagem adquiridos.

Cabe mencionarmos que toda essa descrição do desenvolvimento da espécie feita por Becker está baseada na teoria da evolução da espécie de Charles Darwin<sup>4</sup>; teoria essa que obteve grande visibilidade e reconhecimento no século XIX por se diferenciar pontualmente do que estávamos acostumados a ver até então, em se tratando de retóricas que explicavam a origem da espécie humana. Filósofos e cientistas, desde Sócrates<sup>5</sup>, utilizavam argumentos que continham noções ontológicas e religiosas para a explicação da origem da espécie humana. A teoria de Darwin apresentou à comunidade científica uma nova possibilidade de se elucidar a origem das espécies. Desta forma, Darwin causou um impacto gigantesco ao mostrar cientificamente que a espécie humana não seria uma mera criação divina. Como certa vez declarou Freud:

No decorrer dos séculos, o ingênuo amor próprio dos homens teve que se submeter a dois grandes golpes da ciência. O primeiro foi quando souberam que a nossa Terra não era o centro do universo, mas apenas um pequeno fragmento de um sistema cósmico de vastidão quase inimaginável [...]. O segundo golpe caiu quando a investigação biológica do homem destruiu o suposto lugar privilegiado na criação e provou sua descendência do reino animal e sua inextirpável natureza animal.<sup>6</sup>

Darwin teve a audácia de declarar para a comunidade científica de sua época que Deus não era o grande criador das espécies. Que a espécie humana era descendente de outra espécie e é incontestável que esse posicionamento de Darwin estrutura toda a dinâmica descrita por muitos antropólogos e pelo próprio Becker.

---

<sup>4</sup> Charles Robert Darwin, nascido em 12 de fevereiro de 1809, foi um naturalista britânico que alcançou visibilidade na comunidade científica quando escreveu sua grande obra *A Origem das Espécies*, que descreve o processo de evolução das espécies pela chamada seleção natural. Sua teoria é considerada, até os dias atuais, como um paradigma central para a explicação de diversos fenômenos da biologia. Cf. M. J. A. BEHE, *A Caixa Preta de Darwin*, p. 15- 37.

<sup>5</sup> Um dos principais ícones da filosofia e um dos fundadores da filosofia ocidental. Cf. L. A. DOURION, *Comprender Sócrates*, p. 23-25.

<sup>6</sup> *Apud D. SULLIVAN, Man is a Mad Animal: The Question of the Self as Addressed by Darwin and Wallace, Supplemented by Freud and Kierkegaard*, p. 1. Nesse artigo o autor comenta, em diversos momentos, a Teoria Beckeriana.

Vemos que o “homem beckeriano” sofreu um processo evolutivo nos moldes da teoria de Darwin e que o processo de seleção natural, e até mesmo o processo de seleção sexual, garantiu para a espécie uma perpetuação, expansão do seu desenvolvimento, seja ele nos moldes físicos, comportamentais, seja emocionais. Mas é importante salientar que o próprio Darwin, mesmo com toda a sua descrição teórica, não teve argumentos científicos para comprovar qual foi de fato a origem da vida. Wallace faz um comentário interessante a respeito da teoria de Darwin:

A teoria darwiniana [...] não somente se opõe, como também dá firme apoio a uma crença na natureza espiritual do homem. Ela nos mostra como o corpo do homem pode ter sido desenvolvido a partir de um animal inferior sob a lei da seleção natural; mas também nos ensina que possuímos faculdades intelectuais e morais que não poderiam ter sido tão desenvolvidas, senão por outra origem e, para essa origem, só podemos encontrar uma causa adequada no invisível universo do Espírito.<sup>7</sup>

Vemos, desta forma, que mesmo sendo um dos opositores de Darwin, Wallace constata a relevância de seus escritos e mostra que ele não fecha uma questão absoluta e totalmente contrária a Deus. Darwin só quer explicar, de forma lógica, racional e científica, o que ele pensava sobre a espécie. Podemos, assim, ver que Darwin influenciou a leitura antropológica que Becker faz do animal humano. Verificamos isso não somente pelas citações de Becker que nos remete a Darwin, mas também pela constatação de que o desenho teórico darwiniano, que busca explicações sobre a dinâmica da origem da espécie, é muito semelhante àquele desenvolvido por Ernest Becker sobre a dinâmica do ser humano moderno.

Voltando à citação anterior, poderíamos pensar que Wallace fez uma leitura equivocada do pensamento darwiniano. Todavia, como nos aponta Sullivan, não o faz, pois a noção de espírito para Darwin pode até ser considerada semelhante a uma projeção do espírito descrita não só por Wallace, mas também por Kierkegaard. Em suas palavras,:

---

<sup>7</sup> Apud D. SULLIVAN, *Man is a Mad Animal: The Question of the Self as Addressed by Darwin and Wallace, Supplemented by Freud and Kierkegaard*, p. 9.

Darwin observa que os cães e outros animais podem sonhar e, com base nessa observação, raciocina que eles possuem pelo menos uma versão reduzida da imaginação humana. Porque a imaginação é o meio para a projeção do espírito kierkegaardiano/wallaciano, apresentando o indivíduo com uma imagem de si mesmo para ser atualizada; uma personalidade unicamente humana não pode ser discutida, se acreditarmos que os animais possuem uma forma comparável de imaginação.<sup>8</sup>

É necessário pensarmos em uma definição do que é imaginação, o que a tradição fenomenológica sartriana pode nos esclarecer, pois, para esta tradição, imaginação é uma faculdade ou capacidade mental que nos possibilita representar objetos, ou seja, permite-nos, com as qualidades atribuídas a esses objetos, reconhecê-los através dos nossos órgãos do sentido, ou até mesmo através de nossos sentimentos. Sabemos que a imaginação é uma categoria que se localiza dentro de outra categoria: a do pensamento humano. Sartre ainda afirma que a imaginação é a categoria que descreve a resposta que o indivíduo possui frente à sua angústia existencial, como uma tentativa de negá-la no plano do pensamento, no plano da razão. Desta forma, vemos concretamente que a imaginação do *homo sapiens* se distingue da imaginação de outra espécie de animais e que essa distinção nos permite uma adaptação ao meio no mínimo diferenciada.

Essa adaptação diferenciada ao meio é muito importante para a teoria beckeriana, pois ela demonstra, a imensa capacidade de se adequar às situações. O nosso *habitat* é um exemplo: o “homem beckeriano” foi se adaptando ao meio geográfico ao qual estava inserido, construindo para si uma possibilidade mais ampla e segura de viver no meio ambiente no qual estava inserido. A formação social, nos homens primitivos, é outro exemplo, pois vivendo no coletivo, o animal humano tinha mais possibilidade de segurança e acesso à comida. A capacidade do ser humano é intensa, podendo ele construir sua fortaleza ou sua própria ruína. Pela capacidade que possuímos de apreender situações, viabilizamos, para nossa espécie, a possibilidade de transformação. Transformações essas que permitiram a construção do modelo de sociedade que vivemos hoje. No modelo social que vivemos, gozamos da possibilidade de ter direitos, mas também deveres, que visa

---

8 D. SULLIVAN, *Man is a Mad Animal: The Question of the Self as Addressed by Darwin and Wallace, Supplemented by Freud and Kierkegaard*, p. 15.

atender a todos de forma igualitária. A própria construção cultural permite que o “homem beckeriano” construa sua estrutura moral, permite que se tenha autoconsciência e até mesmo, que constate a verdade esmagadora que é a finitude. E conviver com essa constatação é conseguir criar um esquema simbólico adaptativo. Desta forma, podemos observar e verificar que alguns elementos que possibilitaram a evolução humana atuam na esfera psicológica da espécie e, assim, podemos também pensar que o desenvolvimento psicológico ocorrido com o processo evolutivo nos possibilitou uma melhor adaptação. Falaremos sobre isso mais adiante.

Em diversos momentos foi dito que o processo evolutivo do animal macaco possibilitou à espécie uma melhor adaptação. Mas o que seria essa adaptação? Poderíamos dizer que a adaptação da espécie humana, ou uma melhor adaptação da espécie, seria o efeito que o processo evolutivo causou para a vida prática dos homens macacos. E é importante ter consciência sobre qual é esse ganho de fato, pois, como vimos anteriormente, um cão possui também capacidade de sonhar. Entretanto, no que difere o sonho de um cão do sonho do ser humano? O ponto é que a espécie do homem macaco conseguiu, com todo esse desenvolvimento, uma autonomia em proporções jamais vistas em nenhuma outra espécie. Sua habilidade adaptativa faz com que, mesmo nas adversidades mais intensas, consiga pensar em qual estratégia usar para sair desta adversidade e ter toda a autonomia para que sua estratégia seja posta em prática a fim de alcançar o resultado esperado. Embora esta habilidade humana esteja além das possibilidades das outras espécies animais, isso não significa que os animais não possuam inteligência. Já está comprovado que algumas espécies de animais a possuem, só que não tão desenvolvida quanto à humana e não associada com a independência e autonomia que a espécie do homem macaco desenvolveu ao longo dos tempos.

Existe ainda outra questão importante na construção da visão antropológica do “homem beckeriano”: o instinto. A descrição que Becker faz da temática do instinto tem uma estrutura mais psicológica e, desta forma, haverá, no transcorrer desta dissertação, outra visão sobre a essa questão. Mas o que antropológicamente é importante ressaltar é que o instinto do homem macaco se configura de forma

distinta em relação ao das outras espécies de animais, uma vez que ele desenvolveu um certo controle e domínio sobre os seus instintos, o que não acontece com as outras espécies. Isto aponta para mais uma singularidade que possibilitou uma adaptação diferenciada para a espécie do homem macaco.

Becker, ao longo da descrição teórica da constituição de sua visão antropológica do homem, já faz uso de uma estrutura de linguagem multidisciplinar. O que é importante salientar é que, na primeira fase de sua escrita, ele seleciona grandes questões antropológicas como o surgimento do homem, a formação dos símbolos, a constituição da cultura, dentre outras e, com essa seleção, o autor não se remete apenas à antropologia para obtenção de respostas. Antes, constrói respostas antropológicas para, depois, movido pela curiosidade, indagar as outras ciências e, a partir das respostas obtidas, tecer uma rede de informações plurais que enriquecem consideravelmente sua visão enquanto teórico.

## **2.2 A face biológica do homem beckeriano**

Com a descrição do Homem Antropológico de Becker, podemos nos perguntar se há espaço para uma discussão sobre o homem biológico e, ainda mais, se o desenho teórico proposto por Becker respeita este espaço biológico uma vez que, indo às fontes do conhecimento que nos proporcionam respostas que estão além da estrutura biológica, entra pontualmente nas questões da metafísica.<sup>9</sup> Haveria um espaço para a biologia e a metafísica se relacionarem harmonicamente?

Possivelmente, para Becker, haveria sim esta possibilidade. Evidentemente este item não falará de metafísica e sim de biologia, mas é importante termos em mente que, para o autor, não existiria uma face biológica sem uma face metafísica, sendo estas faces complementares para um olhar abrangente da espécie. Desta forma, fica claro que ele não faz uma antropologia biológica, mas apenas se refere a

---

<sup>9</sup> Metafísica (do grego μετα [meta], depois de/além de/ entre/ através de e Φυσις [physis], natureza ou físico) refere-se a um ramo da filosofia que estuda a essência do mundo, não somente a essência do mundo, mas, é o estudo do ser ou da realidade. A Metafísica foi uma das mais importantes obras de Aristóteles. Cf. L. ANGIONI, *As Noções Aristotélicas de Substância e Essência*, p. 23-42.

aspectos da biologia nas questões que estão ligadas ao desenvolvimento que ocorre no processo evolutivo da espécie.

Como dito anteriormente, a visão biológica de Becker foi influenciada pela teoria de Darwin que, ao descrever o processo de evolução natural da espécie, deu à biologia uma possibilidade ilimitada, na medida em que ela permite não só estudar as espécies, mas também o quanto evoluíram. Essa teoria, portanto, abre múltiplas perspectivas, pois, ao estudar as espécies e, em especial, o animal humano, proporciona a este último um maior conhecimento de sua própria evolução.

Mas, afinal, o que moldou o animal humano? O que nos faz ser diferente das outras espécies? Somos uma raça superior ou apenas sofremos uma evolução adaptativa diferenciada? Como vimos, antropologicamente descer das árvores nos deu muitas possibilidades adaptativas, mas com o avanço dos estudos sobre o animal humano, sabemos que isso somente foi possível em virtude da maturação cerebral diferenciada que possuímos. Como diz Sullivan,

Para Darwin, [...] existe uma necessidade de explicar a consciência humana além dos meios disponíveis através da seleção natural. Na verdade, ele encontra em toda a natureza humana as qualidades que considera como, forma de diferenciar o homem das outras espécies: o uso de ferramentas e armas, as ações coordenadas pelos babuínos na caça ou na guerra; afeto, memória e até mesmo as origens potenciais de uma crença em Deus.<sup>10</sup>

Isso, não quer dizer que somos melhores ou superiores que as outras espécies. Sullivan coloca o animal humano no mesmo lugar que Becker, tentando demonstrar que somos compostos por uma animalidade e que, pelo fato dela se desenvolver de forma diferenciada em relação às demais espécies, sofre ações em relação a essas mudanças. Como a passagem nos mostra, é cerebralmente que o animal humano se fez diferente; sua estrutura física continua sendo frágil, passível de se ferir com uma grande facilidade. Mas a fragilidade física amparada na possibilidade de ser criativo, ter emoções, afetos e de ter memória, fez e faz toda a diferença para a espécie.

---

<sup>10</sup> *Apud* D. L. SULLIVAN, *Man is a Mad Animal*. Disponível na página virtual da Fundação Ernest Becker, p.7.

É essa leitura biológica de Darwin que faz com que Becker a considere, pois, para este, é dessa diferença cerebral que vemos emergir os grandes dilemas que vivemos, pois as inúmeras explicações que buscamos para as coisas no mundo, a construção do conhecimento, da ciência, e mesmo a possibilidade de se crer em Deus, com tantas verdades escritas, tudo isso só tem um intuito: protegemo-nos da imensa fragilidade física que temos. E ainda de nos protegermos de nós mesmos, pois buscamos incessantemente a resposta para qual é o sentido de ter consciência das coisas uma vez que não temos pleno poder para mudar o roteiro que a vida possui de se encaminhar para morte. Becker, ao descrever seu homem biológico, pretende fazer com que esse homem não se esqueça que suas ações, por mais racionais que sejam, não deixam de ser reações de um animal que se vê acuado frente ao perigo.

### **2.3 A face sociológica do homem beckeriano**

Na amplitude teórica proposta por Becker, em sua leitura do ser humano, ele não poderia deixar de contemplar a inserção deste indivíduo na sociedade. Desta forma, a face sociológica do “homem beckeriano” defende a ideia de que o ser humano é um ser social. Essa prerrogativa nos parece clara, mas devemos explorá-la um pouco mais para que possamos, de fato, compreendermos como essa dinâmica acontece para o autor.

Compreender o homem sociológico nos leva a refletir sobre a face antropológica uma vez que a evolução da espécie humana nos promoveu um acesso mais autônomo à liberdade. Poderíamos pensar que na questão da liberdade não há problemas já que almejamos e lutamos para conquistá-la; mas esta reflexão não nos levará para esse caminho, pois o autor nos faz pensar nas consequências que a liberdade nos trouxe. Vamos considerar a possibilidade de sermos verdadeiramente livres: poderíamos fazer o que quisermos, pensarmos da forma como quisermos, construir regras e limites que atendam nossos mais profundos anseios e desejos. Pensar na vida desta forma seria muito agradável, mas não são assim que as coisas funcionam no modelo social que vivemos. Imagine um homem, não no formato de homem moderno que conhecemos, mas em um homem primata e

o coloque neste esquema de liberdade, sem as normas e regras sociais pré-estabelecidas, plenamente livre, sem acordo nenhum com os demais primatas. Como ele conseguiria sobreviver? Uma vez que necessitava da caça para se alimentar e a caça apresentava sérios riscos à sua segurança, pois, por mais que ele se comportasse como uma fera, jamais conseguiria sozinho dominar e abater, por exemplo, um mamute. Esse homem primata, mesmo não estando no modelo social vivido hoje, precisava de um mínimo de regras de ordem social para obter seu alimento e estar a salvo.

À medida que o homem primata foi estabelecendo as suas regras para garantir comida e segurança, acabou limitando a sua liberdade em prol de uma vivência coletiva. Viver plenamente livre, só e sem se ajustar à nenhuma coletividade, será que não levaria o homem primata a ter uma vida mais curta? E é neste desenho que Becker traça seu homem sociológico, pois somente encaixado na sociedade ele estaria hoje aqui para contar e mostrar essa realidade: que necessitamos da organização social para garantir a permanência e a perpetuação da espécie. Pensar em uma vida social permitiu que chegássemos até os dias atuais, e a vida em sociedade, até mesmo nos dias atuais, é o que garante a espécie viva, na medida do possível em harmonia. Harmonia esta não vista como um artigo poético, uma vez que é indiscutivelmente utópica; mas harmonia no sentido de estar adaptado, não somente enquanto nas faces antropológica e biológica, mas também enquanto espécie social.

A adaptação promovida ao viver em sociedade viabiliza que todos da espécie tenham a mesma possibilidade de viver, que todos tenham acesso às mesmas condições sociais. Isso não quer dizer que todos temos as mesmas oportunidades na sociedade. Mesmo a sociedade dos homens primatas já contava com hierarquias. Um exemplo eram aqueles que conseguiam mais carne, ou seja, tinham mais eficácia no momento da caça, que acabavam tendo um poder maior tanto com as fêmeas como com os machos daquele grupo no qual estavam inseridos. E isso acontece até os dias de hoje. A diferença é que o poder não se centraliza na conquista de um pedaço de carne; o poder passou a ter múltiplas faces como

dinheiro, carro, imóveis, sucesso profissional, status social, dentre outras possibilidades. Mas o poder não deixou de ser objeto de desejo do animal humano.

A partir das vivências que foram sendo estabelecidas com os primeiros homens, abrimos a possibilidade de formações simbólicas que garantiriam a espécie, pois seu conhecimento seria passado para os outros membros do grupo. E, também, estas vivências simbólicas – que se referem às aprendizagens que iam se constituindo por tentativas e erros – possibilitaram-nos a formação da cultura<sup>11</sup> que, evidentemente, varia de grupo para grupo, já que questões geográficas, de localização, formação do território, de clima, influenciam diretamente em sua formação. O que está em jogo para que a formação cultural se desenvolva não é a evolução individual do homem, mas sim como essa evolução interage no grupo e qual melhoria, hábito, costume, que essa interação pode promover ao grupo.

Quando pensamos em processos culturais ou até mesmo em cultura, para que ambos aconteçam, segundo a estrutura do homem que Becker descreve, é imprescindível que o homem se relacione consigo e com o outro, independente da intensidade desta relação. Assim ele torna possível a constituição de reações que esse indivíduo irá ter e, destas reações, vemos emergir a possibilidade de construções culturais, uma vez que os sistemas de reações que manifestamos são regados de simbolismo, hábitos, costumes, normas, moral, leis, pensamentos criativos e pensamentos de liberdade, fluindo entre si e, com isso, constituindo as vivências encontradas na sociedade. O fato de as possibilidades sociais serem múltiplas torna viável ao “homem beckeriano” a formação de grupos de afinidades, ou seja, de reunir, na sociedade estabelecida, grupos que se identificam com coisas, situações, atitudes, formando, assim, um grupo identitário. É estando inserido nestes grupos que, além de poder manifestar suas preferências, o homem tem auxílio para a construção de sua identidade enquanto indivíduo, ou seja, da sua personalidade. Para Becker,

---

<sup>11</sup> A primeira pessoa a descrever o conceito de cultura foi Edward B. Taylor. O termo se origina do latim *colere* que significa cultivar. Este significado se remete à possibilidade que o conhecimento tem de estabelecer crenças, arte, moral, leis, costumes, hábitos e aptidões que o indivíduo pode adquirir desde que ele se constitua como membro de uma sociedade. Cf. R. B. LARRAIA, *Cultura: um conceito antropológico*, p. 31- 52.

O fato é que a sociedade é assim e sempre foi: um sistema regido por símbolos, uma estrutura de condições sociais e de papéis, de costumes e regras de comportamento, destinada a servir de veículo para o heroísmo dos seres terrestres. O que os antropólogos chamam de “relatividade cultural” é, na verdade, a relatividade dos sistemas de heróis em todo mundo. Um sistema cultural é uma dramatização de seres heróicos sobre a terra. Cada sistema cria papéis para a realização de vários graus de heroísmo: do “alto” heroísmo de um Churchill, um Mao ou um Buda ao “baixo” heroísmo do trabalhador das minas de carvão, do camponês, do simples sacerdote (o simples, habitual, terreno heroísmo desempenhado pelo trabalhador de mãos calejadas que sustenta uma família mesmo na fome e na doença).<sup>12</sup>

Sem entrar na questão do heroísmo, que será tratada no terceiro capítulo, gostaria de observar que Becker traçou o desenho do homem contemplando o desenvolvimento social da espécie como um sistema heróico. Sistema esse que garante a adaptação independente de onde se localize esse indivíduo no sistema social. O sistema heróico não está posto na teoria Beckeriana para atender uma minoria privilegiada, mais sim a todos: todos os indivíduos que possuem um sistema heróico com alta performance de conquista e os que se alimentam deste sistema heróico como modelo que os motivem a buscar maior desenvolvimento para si. Desta forma, é possível uma adaptação no contexto social de maneira mais funcional, pois quando se executa aquilo que é esperado, não se gera grandes problemas de aceitação social. Como diz Becker,

O sistema social de heróis em que nascemos traça trilhas para nosso heroísmo, trilhas com as quais nos conformamos, às quais nos moldamos para que possamos agradar aos outros, tornarmos-nos aquilo que os outros esperam que sejamos. E em vez de trabalhar o nosso segredo interior, vamos aos poucos cobrindo-o e esquecendo-o enquanto nos tornamos homens puramente exteriores, jogando com sucesso o padronizado jogo dos heróis, no qual caímos por acidente, por conexões familiares, por um patriotismo reflexo, ou pela simples necessidade de comer e pela ânsia de procriar.<sup>13</sup>

Estar adaptado à dinâmica social é, para o “homem beckeriano”, ter garantia de uma vida tranquila, pois, além de promover a aceitação externa, essa dinâmica

---

<sup>12</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 23.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p.110.

assegura ao indivíduo o não contato com seus dilemas interiores. A religião, por sua vez, acaba funcionando como uma agente promotora de experiências e vivências sociais, independente de confessionalidade, atuando como um sistema de crenças para esse indivíduo, que garante a possibilidade do funcionamento do sistema heróico, tanto em nível de expressão como em nível de identificação. Podemos citar como exemplo a história de tantos mártires dentro da tradição cristã que, mesmo tendo inúmeras dificuldades internas e externas, não se permitem ser corrompidos pelos seus desejos julgados incorretos em prol de serem fiéis a Deus. Assim, para Becker, toda religião faz parte de um sistema social que promove identificação e expressão da atividade heróica aos seus integrantes. Em suas palavras:

Toda sociedade é, assim, uma “religião”: a “religião” soviética e a “religião” maoísta são tão verdadeiramente religiosas quanto a “religião” científica e a do consumismo, não importa o quanto elas tentem se disfarçar omitindo idéias religiosas e espirituais em suas vidas.<sup>14</sup>

## **2.4 A face psicológica do homem beckeriano**

Em virtude das fortes influências da psiquiatria, psicanálise e psicologia, a escrita de Becker tem formatações muito parecidas com aquela encontrada nessas áreas do conhecimento, o que se pode observar já em suas primeiras pesquisas. Vejamos, então, como a visão psicológica do “homem beckeriano” é constituída.

A estrutura psicológica, encontrada em Becker, é basicamente fundamentada na psicanálise. Mas falar que ela é fundamentada apenas na psicanálise é pouco, uma vez que a psicanálise possui diversos autores, que utilizam e articulam os conceitos de forma diferenciada. Desse modo, cabe ressaltar que o autor é influenciado principalmente por Sigmund Freud e Otto Rank. O primeiro, fundador da psicanálise, enquanto Rank, um dos teóricos que deram continuidade à escrita psicanalítica dentro das diretrizes freudianas. Existem, ainda, outras influências da psicologia na construção da proposta do autor, porém de menor intensidade se comparada à teoria psicanalítica. Não se poderia deixar de mencionar, também, a questão da psicologia existencial, que será contemplada mais adiante.

---

<sup>14</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 26.

Na descrição psicológica do “homem beckeriano”, é possível observar como os conceitos freudianos vão dando forma à estrutura da psique, mas não é pretensão desta dissertação fazer um tratado dos conceitos freudianos. Assim, eles serão brevemente definidos e comentados com o objetivo único de que possamos compreender como Becker visualizava a estrutura psicológica dos indivíduos. Por isso serão descritos à luz da estrutura de pensamento de Ernest Becker.

Na descrição beckeriana, aparece a estrutura da primeira teoria topográfica de Freud: o “homem beckeriano” possui, conforme o pai da psicanálise descreveu, consciente, pré-consciente e inconsciente. A consciência do “homem beckeriano”, dotada de um aparelho perceptivo, permite ao indivíduo a possibilidade de ter conhecimento sobre situações, pensamentos, acontecimentos referentes à sua vivência emocional que marcam o aqui e agora, o presente que esse indivíduo está vivenciando. Essas vivências e percepções podem ocorrer no plano interno ou externo do indivíduo, e dessas percepções conscientes que o indivíduo detém é que emergem as possibilidades de reações frente às situações vivenciadas, sejam elas internas ou externas. Já a estrutura pré-consciente possui um elemento distinto das percepções do aqui e agora; seu conteúdo é diferenciado do conteúdo do consciente, uma vez que são inconscientes no sentido descritivo do termo. Mesmo sendo inconsciente, esse conteúdo possui uma formatação diferenciada do inconsciente, uma vez que os conteúdos do pré-consciente podem ser acessados pela consciência. Podemos utilizar as recordações, o conhecimento aprendido como exemplos de conteúdos pré-conscientes que são resgatados pela consciência. Já o inconsciente é um conteúdo que é ausente da esfera da consciência e que não pode ser acessado no momento em que se deseja. A liberação do conteúdo inconsciente tem uma formatação independente, ou seja, o consciente não consegue resgatar conteúdos inconscientes à sua vontade; os conteúdos do inconsciente são liberados pela própria dinâmica dessa estrutura. Poderíamos pensar que o inconsciente é um depósito onde guardamos nossos instintos e todo o conteúdo recalado<sup>15</sup> e

---

15 Recalque se manifesta através de falha da memória ou incapacidade de verbalizar sobre o assunto sugerido. Essa resistência é lida como mecanismo de defesa uma vez que deixa fora da consciência o conteúdo indesejado. Age de forma a exercer uma censura para o ego, diretamente nas ideias que despertam ao indivíduo vergonha e/ou culpa. Cf. D. ZIMERMAN, *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*, p.91.

reprimido<sup>16</sup> ao longo da vida. Como diz Liechty, um dos estudiosos de Ernest Becker, “a teoria freudiana, para caracterizar um pouco, retrata um inconsciente dinâmico composto por um frustrado instinto de impulsos sexuais e agressivos em relação aos conflitos às normas e valores da civilização”<sup>17</sup>. E complementa: “Becker sugeriu que o conteúdo do inconsciente dinâmico é composto por distorções simbólicas de percepções infantis das ações dos pais e de outros cuidadores”.<sup>18</sup>

Desta forma, vemos que Becker descreve a estrutura do inconsciente como uma estrutura dinâmica que é de fato constituída por recalques e repressões que serão gerados pelas distorções feitas pelo indivíduo na maneira como esse indivíduo se relaciona com o mundo social, no qual está inserido, e com o que está vivenciando ao longo do seu processo de desenvolvimento psicológico. Podemos até mesmo pensar que esse processo ocorre ao longo do desenvolvimento humano. E não somente isso, pois a repressão garante ao indivíduo possibilidade de vida. Não é este o momento de se abordar a questão da finitude, mas é de extrema importância que tenhamos o conhecimento de que, pelo fato do inconsciente não conhecer, não compreender o que é finitude, pois não tem a definição de tempo, toda a carga reprimida acerca do medo da morte, se permanecer em nossa consciência ou até mesmo em nosso pré-consciente, tornaria nossa vida insuportável. É justamente graças à repressão desse conteúdo que a psique fica protegida, guardando, escondido nos recônditos do inconsciente, os medos, e especificamente o medo da morte. Pela ação dessa estrutura, não é possível resgatar tais informações de forma consciente, o que garante à consciência uma proteção do conteúdo reprimido, promovendo, desta forma, uma melhor adaptação psicológica e emocional.

---

16 Repressão é definida por Freud como um mecanismo de defesa existente no homem que lhe garante a possibilidade de sustentar um desejo ou impulso, ou seja, o indivíduo consegue deter, reter, conter um determinado desejo ou impulso e, logo em seguida, há uma ação de esquecimento desse conteúdo que é promovida pelo inconsciente. O processo de repressão também pode ser utilizado pelo indivíduo como uma estrutura punitiva e com isso pode promover no indivíduo patologias ou psicopatologias. Cf. D. ZIMMERMAN, *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*.

17 DANIEL LIECHTY, Reaction to Mortality: An Interdisciplinary Organizing Principle for the Human Science, *Journal of Religion & Science*, v. 33, n.1, p. 48.

18 *Ibid.*, p. 49.

Com influências da cultura grega e da teoria platônica, Freud descreveu a segunda teoria topográfica, que se apropria de algumas partes da descrição da alma platônica, formulando as estruturas de Id, Ego e Superego, atribuindo, assim, partes físicas correspondentes ao funcionamento da mente. Estruturas estas encontradas na construção do “homem beckeriano”. É importante entendermos como Becker se utiliza destes conceitos na descrição psicológica. O Id corresponde à alma concupiscente do esquema platônico; é a reserva inconsciente de desejos e impulsos, que se volta para a preservação e propagação da espécie, tendo sua ação estruturada pelo princípio do prazer<sup>19</sup>. Já o Superego, na descrição beckeriana, é formado no ego e se refere à parte moral da mente humana, ou seja, ele representa todos os valores necessários para o indivíduo viver em sociedade, atuando como uma espécie de juiz. Na teoria platônica corresponde à parte irascível da alma, aos vigilantes. Mesmo sendo por ação inconsciente, o Superego produz uma censura em relação aos nossos impulsos, especialmente aqueles que a sociedade e a cultura ditam como não corretos. Desta forma, o Superego acaba impedido que o indivíduo satisfaça plenamente seus desejos e instintos provenientes do Id, sendo, assim, a estrutura da repressão. Segundo a teoria freudiana o Superego se desenvolve no período da latência, que acontece entre os seis ou sete anos de idade e no início da puberdade. Período esses que são responsáveis pela formação da personalidade moral e social do indivíduo.

Becker não somente descreveu a segunda teoria topográfica de Freud, mas analisou essas estruturas. Com relação à constituição do Ego, de acordo com Liechty,

Becker focou a atenção na fraqueza e na inferioridade do ego original no contexto da relação do bebê com os cuidadores e as vicissitudes do processo de separação/ individualização. Becker imaginou cada criança como naturalmente social, com uma contínua necessidade de segurança, proximidade e afeto.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Princípio do Prazer refere-se ao mecanismo de busca de prazer imediato, nas situações vivenciais do indivíduo. Essencialmente alude a catéxis pulsional, o que promove uma gratificação imediata, sem levar em consideração a realidade exterior. Um exemplo desta situação é quando o bebê substitui o seio faltante da mãe pela sucção do polegar. Cf. D. ZIMERMAN, *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*, p. 78.

<sup>20</sup> DANIEL LIECHTY, Reaction to Mortality: An Interdisciplinary Organizing Principle for the Human Science, *Journal of Religion & Science*, v. 33, n. 1, p. 49.

Segundo Liechty, Becker, ao descrever como a estrutura egóica é constituída, apresenta a fragilidade do indivíduo que está em formação, pois ser um bebê é uma condição que todos os animais vivenciam, porém o bebê da espécie humana, sem dúvida, é um dos seres mais frágeis, que jamais conseguiria sobreviver sem a ação de seus cuidadores. Desta forma, a constituição do Ego se faz na consciência, que é uma pequena área subtraída dos desejos do Id, juntamente com a ação repressiva do Superego. Sabendo que o Superego é constituído a partir dos pais ou cuidadores do indivíduo, podemos afirmar que o Ego, ou o eu, é formado pela ação do indivíduo com os cuidadores e, ainda, pela relação que ele estabelece com seu mundo exterior. Influenciado pelo esquema platônico da alma racional, o Ego é, para Becker, governado pelo princípio da realidade<sup>21</sup>, que permite ao indivíduo que as ações do Id e do Superego tenham estabilidade. Ou seja, trata-se de uma estrutura da psique que tenta harmonizar os desejos e impulsos residentes no Id com todo o conteúdo moral existente no Superego. Seria muito simples se o Ego conseguisse de fato harmonizar essas pressões dos desejos do Id e da repressão do Superego. Mas como isso não ocorre, o Ego passa a ser a o veículo que leva o “homem beckeriano” ao encontro da angústia existencial. Angústia essa que está localizada estruturalmente entre o princípio do prazer, que quer estar satisfeito a qualquer custo, e o princípio da realidade, que é um agente da repressão que nos põe limites internos e externos. Assim, o Ego é um agente que tenta recalcar o Id satisfazendo o Superego, como também satisfaz o Id suprimindo o poder do Superego.

E Becker, que já visualiza a fragilidade do “homem beckeriano” enquanto agente biológico, antropológico e social, aponta que também somos frágeis psicologicamente, pois a formação de nossas bases psicológicas é das mais diversas, já que ela não é constituída pela vontade do indivíduo, mas sim pelas vontades de seus cuidadores e dentro de uma máquina social sobre a qual ele não possui nenhum poder de controle. Desta forma, Becker afirma que o Ego é uma

---

<sup>21</sup> Princípio da realidade refere-se à estrutura descrita por Freud como responsável pelo amadurecimento do indivíduo. Os processos mentais, em um primeiro momento do funcionamento do aparelho psíquico, buscam a obtenção de prazer, independente de qual for a situação. A ausência de bons resultados, nesta busca para obtenção do prazer, cria a necessidade de se levar em consideração as circunstâncias da realidade, mesmo elas sendo desfavoráveis para o indivíduo. Desta forma, se instala o princípio de realidade. Cf. P. PORCHAT, *Freud e o teste de realidade*, p. 32-37.

estrutura frágil. E o ego infantil, que fica à mercê de uma formatação que não depende de si, em muitos momentos se constitui de forma inadequada. O “homem beckeriano” é, assim, muito suscetível a ter uma formação egóica imatura. Diz Becker:

É isso que entendemos por um ego imaturo: a criança não tem a capacidade segura de organizar suas percepções e o seu relacionamento com o mundo; não sabe controlar a própria atividade e não tem um comando seguro sobre os atos dos outros. Não tem, assim, controle verdadeiro algum sobre a magia de causa e efeito que percebe dentro de si mesma ou do lado de fora, na natureza e em outras pessoas. Seus desejos destrutivos poderiam explodir, o mesmo acontecendo com os desejos de seus pais. As forças da natureza são confusas, externa e internamente. E para um ego fraco, esse fato exige quantidade de poder potencial exagerado e um terror ainda maior. O resultado é que a criança – ao menos numa parte do tempo – vive com uma sensação íntima de caos à qual os outros animais estão imunes.<sup>22</sup>

O Ego é responsável pelas sensações que mais aterrorizam o homem. A angústia existencial, promovida pela necessidade que o Ego possui em fazer escolha, aterroriza o “homem beckeriano”, pois existem situações vivenciadas que a fragilidade do ego não suporta, como, por exemplo, a constatação da morte, um conteúdo que é irresoluto para o Ego.

Tendo uma ideia de como se compõem as duas teorias da formação do aparelho psíquico em que Becker se sustenta, podemos pensar como se dá o desenvolvimento do aparelho psíquico. E, aqui, a relação do bebê com seus cuidadores ou pais é fundamental para que ele se estabeleça. O autor acredita que quanto maior for a eficiência desses cuidadores no processo de desenvolvimento da psique, mais autonomia o indivíduo terá enquanto espécie. A psicologia, e até mesmo Becker, estão longe de demonstrar uma equação psicológica que funcione com todos os indivíduos e acredito que nunca chegaremos a um denominador comum. Desta forma, a atenção é importante, mas ela tem que ser dada a criança de forma tal, que os seus cuidadores não promovam nem excessos e nem ausência da atenção, o equilíbrio seria o adequado. E esse é apenas um exemplo, pois a criança necessita de atenção, segurança, estabilidade emocional, de ter suas necessidades fisiológicas saciadas, do contato social com as pessoas, divertimento,

---

<sup>22</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 39.

enfim, esses são alguns elementos que fazem com que o desenvolvimento psicológico possa fluir de forma eficaz. E ter autonomia emocional é se desenvolver nestas questões, estabelecer mecanismos de defesa que nos promovem reações para as situações vividas e ainda conseguir fazer um bom movimento repressivo quanto à questão da consciência da finitude. Não basta ser proposto apenas para a criança; ele tem que ser vivenciado pelos pais ou cuidadores, pois somente se essa questão da finitude for reprimida pelos pais ou cuidadores é que se promoverá ao bebê, ou para o indivíduo que está em desenvolvimento, a descrita adaptação emocional da espécie. Como diz Becker,

Quanto mais favorável a criação da criança, maior a ocultação do temor da morte. Afinal, a repressão torna-se possível pela identificação natural da criança com os poderes de seus pais. Se ela tiver sido bem cuidada, a identificação virá fácil e solidamente, e o poderoso triunfo que os seus pais conquistam sobre a morte se torna automaticamente dela também.<sup>23</sup>

Com isso, o autor que sinalizar a importância dos pais e cuidadores no papel de formação emocional do indivíduo. Destaca que além de ser importante o cuidado prestado para a criança, quanto mais a dinâmica de repressão dos pais for funcional, mais essa criança será beneficiada. A criança aprende de forma automática e instantânea os recursos emocionais que os pais e cuidadores possuem. Mas não é somente com a ação dessa repressão que garantimos o desenvolvimento emocional do indivíduo. Vemos Becker recorrer novamente à teoria freudiana, pois, como mencionado anteriormente, ele se vale muito de Freud como um dos recursos de sua escrita, uma vez que este tenta mostrar a condição de criatura do homem e pensar na dinâmica do homem enquanto criatura. Condição essa que corresponde à construção do “homem beckeriano” que vemos nas entrelinhas da escrita.

Para uma compreensão ainda mais estruturada do animal humano, Becker acaba recorrendo à teoria do desenvolvimento psicosexual<sup>24</sup> pois, na teoria

---

<sup>23</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 44.

<sup>24</sup> Partindo do princípio de que todos nós possuímos libido (energia sexual), a teoria do desenvolvimento psicosexual descreve cinco fases em que haverá o desenvolvimento da libido e descreve alguns complexos que são vivenciados em fases específicas, bem como algumas instâncias

freudiana, a criança passa necessariamente por esse desenvolvimento, que é composto pela fase oral, fase anal, fase fálica, pela latência sexual e pela puberdade<sup>25</sup>.

Vemos ainda, por intermédio do desenvolvimento dessas fases, a importância do narcisismo<sup>26</sup> e do complexo de Édipo<sup>27</sup> para o indivíduo. Pensar o narcisismo na estrutura do “homem beckeriano” é constatar que o animal humano vive frente ao “caos”, seja ele interno ou externo, e que a estrutura narcísica é uma defesa do animal humano frente a esse caos, independente de sua origem. Mesmo tendo a defesa narcísica, o animal humano se inquieta frente a esse “caos” e acaba mobilizando-se para a busca de verdades que o organizem. É evidente que essas verdades vão variar de indivíduo para indivíduo, de cultura para cultura e que, mesmo havendo essa variação na busca, há uma verdade que é básica e existente em toda a extensão da espécie humana: a finitude. A intenção de Becker foi sim descobrir que nesta verdade reside uma preposição universal e, ao descobrir que a verdade da finitude é essa preposição, constatou que é impossível para a psique humana encarar e viver bem com essa verdade. Sendo assim, a estrutura

---

que formam a nossa personalidade. Cf. D. ZIMERMAN, *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*, p. 92.

<sup>25</sup> Fases do desenvolvimento psicosssexual freudiano nas quais a zona erógena se concentra em uma região. Assim, na fase oral, ou oralidade, a boca é a responsável pela obtenção de prazer e o acesso ao conhecimento do mundo que o indivíduo possui. Na fase anal, ou analidade, o ânus é o órgão responsável pela obtenção de prazer do indivíduo, bem como a realização dos primeiros exercícios de poder que esse indivíduo irá apresentar. Na fase fálica, a zona erógena é localizada na genitália da criança. É a fase em que a criança toma consciência das diferenças sexuais. É ainda nessa fase que o gênero feminino vive o Complexo de Castração por constatar que não possui a genitália masculina. É também nessa fase que o gênero masculino vivencia o Complexo de Édipo. Na latência sexual, há uma superação dos complexos vividos na fase fálica e as energias dos indivíduos são concentradas no desenvolvimento das relações interpessoais e sociais. E a puberdade, ou fase genital, é um período em que a zona erógena do indivíduo se concentra nos órgãos sexuais. Nesse momento do desenvolvimento humano já há uma consciência da sua identidade sexual, permitindo que haja uma busca de formas para satisfazer suas necessidades eróticas e interpessoais. Cf. D. ZIMERMAN, *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*, p. 93-95.

<sup>26</sup> Freud, baseado no mito grego de Narciso, desenvolve o conceito de Narcisismo que pode ser descrito como um complemento libidinal para o egoísmo da pulsão de autoconservação do indivíduo, ou seja, o narcisismo recebe uma quantidade de energia da libido que possibilita que o processo de autoconservação ocorra. É importante ressaltar que ele não é o destino da libido humana, é apenas um complemento. *Ibid.*, p. 191-192.

<sup>27</sup> Freud baseou-se na tragédia de Sófocles (mitologia grega) para formular o conceito do Complexo de Édipo, que se refere a uma preferência do filho pela sua mãe e uma declarada aversão ao pai. *Ibid.*, p. 123-132.

psicológica do animal humano acaba tendo que criar esquemas que consigam ser eficazes para driblar os dilemas existenciais vividos pelo “homem beckeriano”, bem como pela angústia oriunda da constatação da finitude. Desta forma, o “homem beckeriano” lança mão da possibilidade de se iludir, estabelecendo para si um estilo de vida, acreditando que ele é fantástico. Utiliza-se, ainda, de mecanismos de defesa que garantem qualquer coisa ou pensamento que coloque em risco sua construção ilusória. Coloca-se em posição de controlador da vida e da morte, alimentando, muitas vezes, seu narcisismo e seu egocentrismo, ou seja, olha para si contemplando sua beleza e a beleza de suas coisas e se colocando no centro do Universo – em casos mais drásticos, de psicopatologias, esse indivíduo se coloca no lugar de Deus.

De todo esse funcionamento psicológico, descrito na teoria beckeriana, surge um conceito nomeado de “ideias vitais” que mostra o que fazemos frente a essa situação. Para Becker,

[...] o estilo de vida de uma pessoa é uma mentira vital, e agora compreendemos melhor o motivo pelo qual dissemos que era vital: ele é uma desonestidade *necessária* e básica acerca da própria pessoa e de toda a sua situação. Essa revelação é a conclusão a que realmente chega a revolução do pensamento de Freud, e é o motivo básico pelo qual ainda lutamos contra ele. Não queremos admitir que somos fundamentalmente desonestos no que se refere à realidade, que não controlamos realmente nossas próprias vidas. Não queremos admitir que não ficamos sozinhos, que sempre nos apoiamos em algo que nos transcende, um certo sistema de ideias e de poderes no qual estamos mergulhados e que nos sustenta. Esse poder nem sempre é óbvio: não precisa ser um deus ou uma outra pessoa mais forte, mas pode ser o poder de uma atividade que exija plena dedicação, uma paixão, a dedicação a um jogo, um modo de vida que, como uma teia confortável, mantém a pessoa apoiada e ignorante a respeito de si própria e ao fato de que sobreviver de uma maneira desinteressada, ignorando quais as energias que realmente consumimos e que tipo de mentira criamos a fim de vivermos segura e serenamente.<sup>28</sup>

Interessante notar como o ser humano tem fascínio em saber a verdade e a possuir. Impressionante é constatar que Ernest Becker, movido pelo seu encantamento pelo saber, fez essa busca pela verdade e, ao constató-la, percebe que a verdade não é tão poética como aparecem descritas nos romances: ela é

---

<sup>28</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 80.

ácida e letal. Desta forma, não há mais nada que o animal humano possa fazer do que se iludir. Qual seria a forma mais saudável de se iludir? Será que isso é possível? Ou será que a doce ilusão humana de negar a verdade ou as verdades, também não leva o homem aos braços esmagadores da finitude? Acessar essas informações gera o caos, a angústia existencial; mas negá-las não nos salva da finitude. O que fazer frente a essa situação?

A partir da constatação das ideias vitais, emerge mais um conceito fundamental para a compreensão da teoria beckeriana: a estrutura heróica do indivíduo, ou seja, a capacidade que ele possui de ser herói. Para Becker essa temática se assenta na psicologia, e o autor teve a preocupação de descrever a atividade heróica de forma tal que fosse considerada nos moldes aceitos pelo meio científico. Desta maneira, acabou formulando seu conceito de heroísmo em moldes psicológicos, utilizando os conceitos da psicanálise, mais especificamente, do conceito de narcisismo.

Becker concordava com o pensamento de William James de que o heroísmo é um instinto comum da humanidade. O homem age, em inúmeros momentos, como se ele fosse imortal e que o resto da humanidade não goza dessa imortalidade que ele possui. Essa sensação é possível dentro da esfera psicológica, por conta do heroísmo existente no homem. Pensar em heroísmo na estrutura do “homem beckeriano”, portanto, nos remete a pensar no narcisismo, pois a estrutura narcísica é uma das responsáveis pelo funcionamento da estrutura do heroísmo na espécie. Becker acredita que uma das grandes descobertas de Freud foi perceber que todos os seres humanos passam pelo narcisismo, que se resume na vivência do mito de Narciso, retirado da mitologia grega. Para Becker, “estamos perdidamente absortos em nós mesmos. Se nos preocuparmos com alguém, em geral é conosco, antes de qualquer outra coisa. Como disse Aristóteles em algum lugar: sorte é quando o sujeito ao seu lado é que é atingido pela flecha”<sup>29</sup>.

O homem vive no mundo como se o mundo fosse uma extensão de si mesmo e, certamente, não é isso que ocorre, pois estamos inseridos em um mundo que não

---

<sup>29</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 20.

faz concessões de suas regras sociais para atender aos caprichos narcísicos individuais. Mas o homem ignora essa constatação e daí resultam inúmeros conflitos e até mesmo guerras. O narcisismo do indivíduo acaba operando muitas vezes em prol de seu desejo, de seu amor próprio, e, em virtude de agir por essas demandas, torna-se um substrato necessário, uma vez que alimenta seu movimento ilusório e, em algumas situações, até um substrato perigoso para o próprio ser humano em virtude da proporção dos danos que pode causar para toda sociedade. Becker deixa claro que, desde a infância, o indivíduo vivencia o estágio narcísico:

Na infância, vemos a luta pelo amor-próprio na sua fase menos disfarçada. A criança não tem vergonha daquilo de que mais precisa e que mais quer. Todo o seu organismo proclama em voz alta as exigências de seu narcisismo. E essas exigências podem tornar a infância um inferno para os adultos envolvidos, em especial quando há várias crianças competindo ao mesmo tempo pelas prerrogativas da ilimitada autoextensão, aquilo que poderíamos chamar de “significância cósmica”. [...] Preferimos minimizar a importância da “rivalidade entre irmãos”, como se fosse alguma espécie de subproduto do crescimento, um pouco de competitividade e egoísmo de crianças que foram mimadas, que ainda não cresceram a ponto de adquirirem uma natureza social mais generosa. No entanto, é demasiado absorvente e incessante para ser apenas uma incômoda aberração. Ela expressa o seu âmago do ser: o desejo de se destacar, de ser *algo* na criação.<sup>30</sup>

É exatamente isto: o homem desenvolve sua estrutura psicológica no narcisismo, que deixa transparecer um clima de egoísmo, mas é vital para conseguir se destacar dentre os outros e se sentir valorizado por algo ou por alguma coisa.

Já foi falado sobre a sensação de imortalidade vivenciada pelo homem e fica claro que o narcisismo é um dos responsáveis por essa sensação ocorrer. Porém, não é o único, pois o inconsciente<sup>31</sup> age de forma a auxiliar para que isso aconteça. O inconsciente não conhece a morte e o tempo. Para Becker: “a explicação de Freud para isso era de que o inconsciente não conhece a morte ou o tempo: nos

---

<sup>30</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 21.

<sup>31</sup> Conceito apresentado por Freud na primeira topologia da descrição do aparelho psíquico. Refere-se a uma estrutura que contém conteúdos que são ou estão ausentes da consciência. Dentro da esfera do inconsciente também encontramos conteúdos referentes às pulsões do indivíduo e conteúdos que foram recalçados e rejeitados pelo pré-consciente. Na segunda topologia da descrição do aparelho psíquico, o inconsciente é associado ao Id, sendo que o Superego e o Ego são associados ao pré-consciente. Cf. D. ZIMERMAN, *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica.*, p. 83.

seus recessos orgânicos fisiológicos mais íntimos, o homem se sente imortal”<sup>32</sup>. Essa sensação de imortalidade, também promovida pelo inconsciente, mais a soma da estrutura narcísica existente no “homem beckeriano” permitem que ele consiga estruturar uma sensação heróica dentro de si. Além de o indivíduo construir sua estrutura heróica, ele necessita visualizar, no grupo em que está inserido, seja ele família, escola, igreja ou sociedade, outros exemplos de seres humanos com atividade heróica para que possa constantemente renovar as forças heróicas existentes dentro de si. Somente assim o “homem beckeriano” pode sobreviver: sendo um herói de si mesmo, alimentando-se de outros exemplos de heroísmo; sem isso, seria impossível viver neste mundo intensamente esmagador.

Com tantas descrições freudianas, poderíamos pensar que Becker fez uma releitura da teoria da psicanálise de Freud. Mas não foi assim. Como vimos, há um complemento das ideias de heroísmo paralelo à estrutura narcísica. E veremos ainda mais, pois o autor propõe uma leitura diversa do complexo de Édipo freudiano. Difere-se no momento em que deixa de fazer uma descrição puramente psicosssexual, apenas quanto à satisfação fisiológica ou a satisfação da libido para obtenção de prazer. O autor alarga o complexo de Édipo, uma vez que a teoria beckeriana acredita que esse complexo é composto também por elementos de origem simbólica e existencial. Para Liechty,

Becker não escreveu sobre um complexo de Édipo psicosssexual, mas sim de uma transição edípica relacional/existencial nas crianças de ambos os sexos. A transição do Édipo é um período em que a criança deve aprender a procurar e estar satisfeito com o envolvimento contínuo dos pais em um nível psicológico e simbólico ao invés de um nível fisiológico direto. É um processo culturalmente específico, o início do processo de socialização. A transição do Édipo descreve o processo pelo qual a criança está sendo alterada de um ator essencialmente biológico para um ator essencialmente social. É transaccional e não presume uma teoria de desenvolvimento do tipo “impulso instintivo”.<sup>33</sup>

Desta forma, Becker acredita que o desenvolvimento edípico não é apenas psicosssexual, como descrito por Freud. Liechty demonstra, com essa passagem, o

---

<sup>32</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 20.

<sup>33</sup> Daniel LIECHTY, *Reaction to Mortality: An Interdisciplinary Organizing Principle for the Human Science*, *Journal of Religion & Science*, v. 33, n. 1, p. 49.

quanto Becker busca dar explicações que integrem o “homem beckeriano”, e percebemos isso com a preocupação em demonstrar que a importância dessa fase do desenvolvimento humano se dá à medida que ele estiver satisfeito com os pais, psicológica e simbolicamente. É evidente que ele não nega que ocorra um prazer ao nível fisiológico, mas dá sua contribuição agregando elementos como, por exemplo, a indicação de que o aprendizado da criança se dá ao nível do inconsciente, como uma ação instantânea. É importante apontar que essa fase edípica é o momento em que se dá o início do processo de socialização da criança. Desse modo, a criança não é somente vista como elemento biológico, mas vista de forma psicológica e também social.

A teoria de Becker não se limita à psicanálise nem mesmo à sua própria visão da psicanálise. O autor vai além, às publicações de artigos sobre psicopatologia ao longo de seu percurso intelectual. Diferente da psicanálise, que propõe uma visão singular do indivíduo, a psicologia beckeriana reconhece que esse indivíduo possui outras raízes fortes que o sustentam. Sem maiores pretensões, o autor demonstra que a leitura da psicanálise é uma forma de ler o homem, mas se ela não observar as viências do indivíduo, como se processa a sua existência, somente realizando análises e leituras sobre as “verdades” deste indivíduo, ela não promove uma funcionalidade. Ou seja, Becker acredita que somente o conhecimento de suas “verdades” não são suficientes para que esse indivíduo se manifeste como um ser social, estabeleça suas relações, desenvolva de forma segura seu emocional. No próprio livro *A negação da morte*, há uma descrição muito interessante sobre a forma como Becker visualiza a neurose, a depressão e a esquizofrenia. No entanto, mesmo ciente que o ser humano possui problemas emocionais, não será abordada essa discussão, pois fugiria da proposta desta dissertação. O importante aqui é desenhar como o “homem beckeriano” é constituído enquanto ser, enquanto agente psicológico.

## **2.5 A face existencial do homem beckeriano**

Poderíamos nos perguntar por que abordar a face existencial do “homem beckeriano”, uma vez que já descrevemos sua psicologia? E para ser ainda mais

específico, sobre a psicanálise. Não estaria a face existencial dentro da psicologia em Becker? A resposta seria sim, a face existencial está sim dentro da psicologia e essa separação ocorreu pelo simples fato do autor ler estas duas possibilidades psicológicas como se uma fosse a extensão da outra. Por ter tido influências da psiquiatria, faz-se evidente que o autor deveria saber que a prática dos profissionais da psicologia se faz pela escolha de uma abordagem psicológica e, desta forma, Becker, não sendo psicólogo, mas sim estudante de psicologia, passou a ver como e aonde essas abordagens poderiam se encontrar. Assim, vemos em sua obra a psicologia do desenvolvimento, que contempla como se dá o desenvolvimento psicológico ao nível biológico, a psicanálise, que se encarrega de fazer a leitura emocional e social, promovendo o maior contato com as verdades interiores deste indivíduo, e a psicologia existencial, que se encarrega de como esse indivíduo irá reagir no mundo, quais são seus dilemas mais profundos, suas angústias, seus medos, seu temor da vida e terror da morte. E coloco como psicologia existencial ao invés de filosofia existencial, uma vez que o autor faz a indicação que o futuro da psicologia moderna está dentro desta área do conhecimento. Como diz Becker,

Hoje, podemos chamar Kierkegaard de “psicanalista” sem receio de que riam de nós – ou, pelo menos, com a confiança de que os zombadores estejam mal informados. Nas últimas décadas, tem-se verificado uma nova descoberta de Kierkegaard, uma descoberta que é significativa porque liga toda a estrutura do conhecimento de humanidade de nossa época.<sup>34</sup>

É essa interligação dos conhecimentos que, para Becker, é o futuro da psicologia moderna. A maior influência em sua leitura da face existencial foi o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, fundamentalmente o seu desenvolvimento teórico referente à angústia. Mesmo assim, não se pode deixar de considerar que no livro *A negação da morte* há momentos em que ele menciona Heidegger<sup>35</sup>. Na leitura existencial desenvolvida por Becker, a angústia é tema central da discussão e o autor busca a explicação desta dinâmica, de onde surgiu e quais são os elementos

---

<sup>34</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 93.

<sup>35</sup> Martin Heidegger foi um dos grandes pensadores do século XX. Classificava-se como fenomenológico e hermeneuta, mas que acabou influenciando o existencialismo. Cf. M. A. CASANOVA, *Compreender Heidegger*, p. 25-28.

que a intensificam. Desta forma, é importante ressaltarmos que um dos caminhos ao qual o autor nos conduz em sua empreitada existencial é diretamente o problema da liberdade, o que demonstra fortemente haver influências de Sartre<sup>36</sup> que, por sua vez, fora influenciado por Heidegger.

Como já referido, o eixo central da face existencial beckeriana é a angústia e é nela onde Becker visualiza que residem os maiores problemas do “homem beckeriano”. E aí residem uma vez que a angústia faz com que as defesas psicológicas se ativem e comecem a operar. A sensação física e emocional, causada pela angústia, faz com que o homem se desespere e busque de forma mais rápida a saída deste quadro sintomático. A força da angústia assinala, com intensidade, a posição de criatura na qual nos encontramos, ou seja, sinaliza que por mais que tenhamos a articulação da racionalidade, que não é tão ampla nas outras espécies de animais, não deixamos de ser animais, e devemos nos consolar ou enlouquecer com o fato de sermos animais racionais. Consolar-nos por força do heroísmo residente no “homem beckeriano” ou enlouquecer porque a angústia nos mostra cruelmente que não somos donos de nós, que não temos poder nenhum sobre o nosso destino, pois somos apenas criatura de Deus, que faz conosco o que ele de fato deseja. Sem dúvidas podemos pensar que essas afirmativas estão erradas, que temos sim força para decidirmos o nosso destino. Mas, pela perspectiva beckeriana, ao pensarmos assim já estamos usando nossas defesas psicológicas para nos salvar da angústia que a força desta afirmativa possui.

Se olharmos para a possibilidade de escolha que temos, veremos que somos sim seres de liberdade, de autonomia. Ser este que já realizou e ainda irá realizar grandes feitos para a humanidade: construção de carros, de aviões e de tanques de guerra; de hospitais e a descoberta da cura de uma série de doenças e até a invenção de inúmeras técnicas de plantio para obtenção de mais alimentos. Como somos livres, como temos liberdade! Podemos escolher uma profissão e até a roupa que iremos usar. Podemos pensar o que quisermos e só mostrar aquilo que nos convém. Tudo isso é verdade, mas não é a essa liberdade ou escolha que Becker se

---

<sup>36</sup> Jean Paul Sartre, filósofo, escritor e crítico considerado como um dos representantes do existencialismo.

refere como promotora de angústia. Essas ações são, para o autor, apenas de adaptação, para que o nível de angústia fique controlado e, por isso, contentamo-nos com elas. Mas para que servem? A resposta emerge rapidamente: para dar sentido à vida do “homem beckeriano”, para torná-la suportável. Contudo, mesmo tendo todas essas possibilidades, encontramos-nos angustiados com a escolha de muitas delas, pois temos um medo muito grande de errar, que em algumas pessoas chega a ser quase que incontrolável.

A acidez de Becker não está direcionada à angústia das coisas cotidianas e das possibilidades que temos, mas sim à nossa condição limitada de criatura. Não decidimos quando iremos nascer, em qual família, em que localidade, embora isso ainda não seja um dos maiores problemas, uma vez que pode ser muito bom viver. O que de fato é decisivo é que não poder escolher diante da finitude do homem. É desta constatação, de que somos finitos, que brota a mais forte angústia, da qual não podemos nos livrar, pois, enquanto tal, não podemos de fato escolher, Deus é quem escolhe por nós e, assim, passamos a buscar sentido em tantas coisas que não fazem sentido algum frente à morte.

Chegamos aqui a um ponto que a ciência procura constantemente não se aproximar: a existência de Deus. Mas Becker nos leva à reflexão desta questão, juntamente com Kierkegaard, com a coragem de afirmar que é neste encontro de “Ciência e Religião” que poderemos encontrar maior tranquilidade para o “homem beckeriano”. O autor acredita que, neste sentido, Freud foi fundamental para que fosse possível entender o que Kierkegaard apresentou: “Freud teve que viver e escrever para que só então a obra de Kierkegaard, mais antiga, pudesse ser compreendida e apreciada de maneira correta”<sup>37</sup>. E, ainda, que : “houve diversas e boas tentativas de mostrar que Kierkegaard previu os dados da moderna psicologia clínica. A maioria dos existencialistas europeus tem tido algo a dizer sobre isso, juntamente com teólogos como Paul Tillich”<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 92.

<sup>38</sup> *Ibid.*

A partir do dilema existencial descrito por Kierkegaard, Becker descreve o que o “homem beckeriano” faz para suportar a finitude. O “cavaleiro da fé”<sup>39</sup>, descrito na obra de Kierkegaard, *Temor e Tremor*, é um clássico exemplo da postura heróica que um indivíduo pode adotar frente à sua existência e à constatação de que está na posição de criatura e, assim, não tem nenhum domínio ou conhecimento do que o Criador pretende de sua própria existência. Mas, mesmo assim, resiste bravamente a toda angústia existente entre o dilema de ouvir ou não a Deus, de seguir ou não o que Ele propõe, de sacrificar ou não seu filho, demonstrando, desta maneira, o tamanho de sua fé. O “cavaleiro da fé” nos ensina como temos que nos comportar frente a Deus e à angústia promovida por Ele. O que o personagem kierkegaardiano fez foi atribuir sentido à sua angústia, frente a todas as dificuldades que lhe foram colocadas: como oferecer a vida do seu filho pela fé que ele tinha em Deus se aí não residisse um grande sentido? Ter a força de acreditar em algo que lhe promova sentido é o grande trunfo contra angústia, pois quando se crê em Deus, por exemplo, tem-se o conforto da esperança de que tudo ficará bem no final.

Recorrer a Kierkegaard permitiu que a face existencial do “homem beckeriano” não se restringisse apenas à leitura psicológica do fenômeno da angústia. Por haver uma necessidade de dar sentido às coisas vividas, de crer em algo que faça com que sua vida crie bases seguras, possibilitou uma abertura para considerar que o transcendente pode auxiliar o “homem beckeriano” a suportar a angústia vivida. Nas ciências da religião esse discurso ganha ainda mais força, pois há uma possibilidade de crer sem que limitemos a confessionalidade da crença. Para Kierkegaard, crer o conduzia a um Deus cristão, mas o fenômeno crer pode se dar com qualquer outra manifestação que conduza a uma experiência transcendente, na medida em que essa experiência possibilite crenças capazes de apaziguar emocionalmente os medos mais profundos, que tranquilize a angústia.

Com a perspectiva existencial, que inclui a crença como uma dinâmica que auxilia o indivíduo a se equilibrar emocionalmente, Becker também se colocou a buscar respostas que chegassem à essência primária de toda angústia existencial

---

<sup>39</sup> Refere-se à postura heróica de Abraão frente aos dilemas vivenciados no enredo da história de sua vida. Cf. Søren Kierkegaard, *Temor e Tremor*.

sentida pelo homem. O que a leitura existencial do autor pretende é encontrar uma ontologia<sup>40</sup> no homem. E qual seria essa ontologia? Para Becker o centro de tudo, a essência, a ontologia está entre o medo da vida e o medo da morte. Liechty nota que

Becker via a psicologia adulta como um entre meio, como a vida ao meio, como se as forças que emanam da dialética viessem da influência existencial, que estão enraizadas na projetada percepção inconsciente das ameaças e das fontes de proteção, que forma a experiência inicial, que explora os termos de eixo ontológico. O eixo ontológico, o medo da vida e da morte, Becker via como fundamental para os seres humanos. O eixo existencial representa manifestações culturais específicas da dinâmica ontológica.<sup>41</sup>

Constatar que a ontologia do homem advém do medo da vida e da morte é o que Becker sinaliza como universal no homem. E é neste momento, em que se vê frente ao dilema da impossibilidade de decisões que temos frente à vida e a morte, que surgem a angústia e, juntamente com ela, a dinâmica da repressão. O “homem beckeriano” se encontra no entroncamento do medo da vida versus medo da morte e, paralelamente, a angústia sentida de ordem existencial versus a repressão necessária para que tornemos nossa vida viável. Becker afirma que é do cruzamento destas variáveis, uma de ordem ontológica e a outra de ordem existencial, é que estabelecemos a vida, a cultura, nossas relações, reações e crenças. É nesse exato ponto que se concentra a liberdade. Esta não tem força para combater a ontologia do “homem beckeriano”, ela apenas age entre as escolhas que se faz frente à possibilidade de sentir angústia ou de reprimi-la. A liberdade se localiza nas escolhas que iremos fazer frente a esse entroncamento – angústia versus repressão –, como, por exemplo, a crença, as vivências mais agradáveis, as escolhas consumistas, ou seja, qualquer escolha que faça com que a essência do homem, que se encontra entre o medo da vida e o medo da morte, fique estabilizada a ponto de não tomar consciência deste fato constantemente.

---

<sup>40</sup> Ramo da filosofia que estuda a natureza do ser. Cf. S. CASTRO, *Ontologia*, p. 19-37.

<sup>41</sup> Daniel LIECHTY, *Transference and Transcendence: Ernest Becker's contribution to psychotherapy*, p. 122.

Toda essa ausência de possibilidades descrita, que a ontologia do homem nos propõe, é necessária uma vez que necessitamos nos adaptar, e, em contrapartida, a dinâmica da repressão fragmenta e fecha as possibilidades de se sentir pleno ao nível de satisfação do ser humano. Podemos pensar, então, que o caminho ilimitado seria a angústia, mas sabemos que não, uma vez que não é possível suportar os sintomas físicos e emocionais que ela ocasiona. Cabe ressaltar, ainda, que quando se reprime em excesso, fecha-se para as possibilidades vivenciais, e que sem as vivências não se consegue construir a autoconfiança, processo este que começa na infância, com a relação com os pais. Nas palavras de Becker:

Tal como Rousseau e Dewey, Kierkegaard está aconselhando o pai a deixar que a criança faça a sua própria exploração do mundo e desenvolva seus próprios poderes experimentais seguros. Ele sabe que a criança tem que ser protegida contra os perigos e que a vigilância por parte do pai é de vital importância, mas não quer que o pai intrometa suas próprias angústias no quadro, que interrompa a ação da criança antes que isso seja absolutamente necessário. Hoje sabemos que só uma criação desse tipo dá a criança uma autoconfiança diante de experiências que ela não teria se fosse demasiadamente bloqueada: isto lhe dá uma “sustentação interior”. E é precisamente essa sustentação interior que permite a criança criar um confinamento “altivo”, ou reserva: isto é, uma avaliação do mundo, autoconfiante e controlada pelo ego, por uma personalidade que pode se abrir mais facilmente às experiências.<sup>42</sup>

Percebemos, assim, que o que o autor não postula ausência de repressão, mas que ela seja feita somente quando necessário, para que esse indivíduo consiga criar defesas a partir das experiências estabelecidas com o mundo e, desta forma, acabe encontrando, em si, elementos para lidar com a sua própria angústia. Vivenciar as angústias sem essa defesa constituída também é um grande dilema. O que fazer frente à angústia é um aprendizado que promove a abertura para as infinitas possibilidades que se possui. Frente à angústia, a possibilidade de ter uma postura segura e confiante, esse é o desafio que Becker acredita ter encontrado a solução: um enfrentamento estruturado em crenças, independente de sua origem. Evidentemente, se a origem for boa, este indivíduo terá uma resolução, enquanto uma má influência trará más experiências. Os exemplos de boa crença, segundo ao

---

<sup>42</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 98.

autor se estruturam dentro de uma via ética e moral, ou seja, o que se espera em termos morais, este indivíduo pode se sentir feliz e realizado acaba tendo, maior liberdade de ação. Um exemplo de uma boa crença seria ajudar o próximo, vivenciar uma situação como essa viabiliza inúmeras sensações positivas. Já crenças de má influência, possuem influências imorais, por exemplo, e com isso faz com que esse indivíduo fique preso dentro de si, sentindo medo de ser descoberto pelo ato imoral realizado. Becker acredita, que termos boas crenças, faz com que adotemos posturas confiantes e seguras e, desta forma, adaptamo-nos melhor. Becker diz, a partir de Kierkegaard, que

[...] o “bem” é a abertura para novas possibilidades e escolhas, a capacidade de enfrentar a angústia; o fechado é o mal, aquilo que afasta o indivíduo do que é novo e das percepções e experiências amplas. O fechado barra a revelação, interpõe um véu entre a pessoa e a sua situação no mundo. Na forma ideal, estes deveriam ser transparentes, mas para as pessoas fechadas são opacos.<sup>43</sup>

Essa abertura ou fechamento para mundo é o que existencialmente traz as sensações que irão promover ou não saúde mental e uma boa adaptação no mundo. Ser opaco é se enganar com qualquer ideia fantástica e até fanática que se encontra pelo mundo. Ser transparente é considerar que se está perdido. Como diz William James:

Esta é a salvação através do autodesespero, o morrer para nascer de verdade, da teologia luterana, a passagem para o nada, sobre a qual escreve Jacob Boehme. Para se chegar a ela, em geral, é preciso passar por um ponto crítico, dobrar uma esquina dentro da própria pessoa. Alguma coisa tem que ceder, uma dureza inata tem que se quebrar e liquefazer-se.<sup>44</sup>

Ou, como afirma Ortega:

O homem lúcido é aquele que se livra daquelas “ideias” fantásticas [a mentira caracterológica sobre a realidade<sup>45</sup>] e encara a vida sem temor, percebe que tudo nela é problemático, e se sente perdido. E esta é a verdade elementar – a de que viver é sentir-se perdido – que aquele que aceita já começou a encontrar a si mesmo, a pisar em terra firme. Por instinto, como fazem os naufragos, olhará em

---

<sup>43</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 98.

<sup>44</sup> *Apud* Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 118.

<sup>45</sup> Esse conceito será explorado no próximo capítulo desta dissertação.

torno, a procura de algo em que possa se agarrar, e esse olhar trágico, implacável, absolutamente sincero, porque se trata de sua salvação, irá fazer com que ele ponha ordem no caos de sua vida. São estas as únicas autênticas: as ideias dos naufragos. Tudo o mais é retórica, pose, farsa. Aquele que realmente não se sentir perdido não tem perdão; quer dizer, nunca se encontrará, nunca enfrentará a sua realidade.<sup>46</sup>

A solução é considerar que se está perdido para poder, assim, se encontrar; de não temer a verdade, mas enxergá-la e aprender a lidar com a realidade da vida: essa é a face existencial do “homem beckeriano”.

## **2.6 A face teológica do homem beckeriano**

A face teológica do “homem beckeriano” foi premeditadamente colocada como última neste texto em virtude de sua importância e de sua dinâmica. Poderíamos nos indagar o que Becker na realidade quer nos mostrar, uma vez que ele se coloca a falar do homem de maneira tão ampla. É claro que ele propõe uma ciência unificada do homem e, desta forma, faz muito sentido recorrer às ciências descritas nos itens anteriores, bem como inserir, em sua visão de homem, elementos que demonstram a estrutura metafísica também existente no homem. Mas e a teologia? Poderíamos pensar até que Becker inclui esse segmento para dar consistência às ideias metafísicas, ou mesmo ontológicas, descritas em sua teoria, mas não é por esse motivo que o autor recorre à teologia.

Para entendermos o porquê Becker recorre à teologia, é importante compreendermos o que aconteceu com essa descrição do “homem beckeriano” feita até então. E esta descrição foi fragmentada, pois contemplou o homem antropológico, sociológico, biológico, psicológico e existencial. Podemos dizer, desta forma, que construímos uma leitura, uma visão unificada do homem? E ainda, será que descrevemos de fato quem é o “homem beckeriano”? Becker toma a afirmação de Otto Rank – “o homem é um ‘ser teológico’”<sup>47</sup> – não para negar a ciência que foi descrita até então, mas apenas para sinalizar que a teologia, no “homem beckeriano”, é a responsável pela unificação dos fragmentos que o compõem. As

---

<sup>46</sup> *Apud* Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 118.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 214.

ciências descrevem o homem em múltiplas faces e a teologia liga essas faces para a construção plural, multidisciplinar deste homem, sem destacar que uma é mais importante que a outra, mas sim mostrando que a união de todo esse conhecimento do homem, que a teologia propõe, é o que pode promover uma zona de conforto ao “homem beckeriano”. Becker, embora reconheça a importância da psicologia, diz que ela sozinha não mostra a estrutura adequada ao homem, mas se somada a um elemento teológico pode apresentar uma outra configuração. Em suas palavras:

A teoria é que se o indivíduo for progressivamente descascando a fachada social, as defesas do caráter e as angústias inconscientes, chegará ao seu “eu verdadeiro”, a fonte de vitalidade e criatividade que está por trás do escudo neurótico do caráter. Para tornar a psicologia um sistema de crenças completo, tudo o que o terapeuta tem que fazer é tomar por empréstimo às religiões místicas tradicionais aquelas palavras que indiquem o recôndito interior da personalidade: esse interior recebe nomes diversos, como “o grande vazio”, a “sala íntima” do taoísmo, o “reino da essência”, a fonte das coisas, “Aquilo”, o “inconsciente criativo”.<sup>48</sup>

E complementa ainda dizendo que:

[...] o homem despe sua armadura e revela seu eu interior, as energias fundamentais vindas da terra do seu ser na qual ele cria raízes. A pessoa não é afinal de contas o seu próprio criador; ela é sustentada, o tempo todo, pelo funcionamento de sua fisiológica – e, abaixo desta, pela sua estrutura atômica e subatômica. Essas estruturas contêm, dentro de si, as imensas forças da natureza, e por isso parece lógico dizer que estamos sendo constantemente “criados e sustentados” pelo “vazio invisível”<sup>49</sup>.

Essas passagens demonstram o quanto Becker difere da postura científica de sua época, principalmente ao apresentar a teologia como uma das faces do homem e que sem esse elemento o homem estaria diluído em um mundo interior, não conseguindo dar para si um sentido de vida que lhe permita tranquilidade ao longo de sua existência. Vemos, ainda, que Becker usa em sua descrição uma forma de escrita que não afirma uma confessionalidade como a correta, mas que ter uma confessionalidade independente de qual seja, promoverá os benefícios da unificação

---

<sup>48</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 326.

<sup>49</sup> *Ibid.*

dos elementos que compõem o “homem beckeriano”, o que o torna um teórico pertinente com a estrutura proposta pela ciência da religião.

Mesmo sabendo que a teologia é, de certa forma, um elo que une a visão fragmentada do homem, poderíamos perguntar: por que o homem criou essa dinâmica de fragmentar a visão de si próprio? É evidente que toda essa fragmentação do conhecimento que o homem vem fazendo ao longo do tempo foi uma tentativa de se conhecer, uma tentativa de buscar respostas para si. E isso de fato aconteceu cientificamente, pois temos uma visão muito ampla das partes do homem, e não somente do homem, mas de tudo que o cerca. Hoje sabemos que o estudo das células tronco trouxe uma esperança para as pessoas que sofreram lesões medulares de se recuperar; temos a aplicação da engenharia civil para propiciar melhores condições de segurança em nossa adaptação ao *habitat*; conhecemos os efeitos dos alimentos em nossos corpos; estudamos, pesquisamos e inventamos remédios que nos alivia a dor do corpo e até possibilitam uma vida mais longa. Mas, indiscutivelmente, não arrumamos em definitivo um remédio, ou uma técnica paliativa, que cure a dor da alma, que cure a angústia que a verdade sobre a finitude nos traz. Em relação a essa questão, a ciência pouco progrediu. Quando um paciente, que possui uma doença terminal, chega na trajetória final de sua vida, por mais que ele ouça o discurso médico lhe dizendo o que está acontecendo, essa explicação não acalma a angústia que está vivendo. E este é um dos momentos em que o paciente entra em contato consigo, com a sua face mais bela e otimista ou com a sua face mais tenebrosa; em que, por mais que se criem argumentos lógicos e racionais, não conseguimos tirar a dor de sua alma de estar vivendo aquela situação. Sem mencionar o desespero que a família sente diante da iminente possibilidade de perder um ente querido. A finitude é uma das causas do desespero, da angústia, que nenhum antidepressivo ou ansiolítico consegue curar. Neste exato ponto, em que as respostas construídas pela ciência não surtem um efeito benéfico no sentido de tranquilizar o indivíduo, é que “as teologias” possuem todas as respostas.

E o que a teologia possui de tão extraordinário para conseguir fazer o que a ciência, com toda a sua pesquisa, não consegue? Becker observa que, de certa

forma, o discurso teológico possibilita ao “homem beckeriano”, além de todo um processo de simbolização, que se dá pela disponibilidade do indivíduo em acreditar em algo que ele mesmo definiu como correto acreditar, a possibilidade também de um discurso emocional. Discurso este que não se dá com outro homem apenas, mas pode acontecer com o Criador das coisas e, neste discurso, é possível edificar em si as emoções e sensações mais nobres. Para Becker, “o objeto do amor é Deus. Como diz uma canção hindu: ‘meu amor é como Deus; se ele me aceitar, minha existência é utilizada’”<sup>50</sup>. Vemos que Deus nos dá uma possibilidade ilimitada, pois acreditamos naquilo que nos faz sentido, temos possibilidade de ouvir um discurso edificante sobre o amor e isso é muito mais agradável aos ouvidos do homem do que escutar de um médico que o fatídico destino pode ser a falência múltipla dos órgãos e que a medicina nada tem a fazer. Ou, ainda, como mencionam inúmeras vezes alguns médicos, que a ciência nada tem a fazer para “aquele caso”, esgotaram-se as possibilidades médicas e que a partir daquele momento somente um “milagre” ou uma “ação divina” para poder curar aquele indivíduo.

Desta forma, concluímos esse capítulo constatando a importância que a compreensão científica nos oferece e que ela, sozinha, não é capaz de explicar a estrutura do homem. Alguma forma de crença é necessária para que o homem encontre as respostas que a ciência, por mais que tente, não satisfaz completamente, bem como aquelas respostas que a ciência nem ousa responder.

---

<sup>50</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 199.

## CAPÍTULO III

### O percurso da angústia e da fé humana na teoria beckeriana. Um itinerário à margem de Freud e Kierkegaard

Como seria fácil se pudéssemos satisfazer os anseios de toda a condição humana em segurança, no quarto do nosso chalé! Como disse Rank, nós queremos que o parceiro seja igual a Deus, todo-poderoso para suportar nossos desejos, e universal, para nele fundirmos nosos desejos – mas isso é impossível.

Ernest Becker<sup>1</sup>

Criar um pano de fundo foi a intenção dos dois primeiros capítulos desta dissertação. Nesse caminho, vimos quem é Ernest Becker, como ele contemplava as questões do ser humano e como sua leitura de mundo foi moldada com suas próprias experiências. E, ainda, como o fato de ser judeu, de ter ido à guerra, de não ter se ajustado aos moldes acadêmicos, no que se refere a fazer lobie com as políticas internas das instituições, fez total diferença em sua construção teórica. Podemos até supor o papel fundamental de sua própria angústia no desenvolvimento da sua teoria.

Justifico que toda a sistematicidade empregada nesta dissertação, a fim de conceituar as faces múltiplas que o autor utiliza, foi uma tarefa árdua, uma vez que não era sua preocupação apresentar suas ideias de forma didática. Peço desculpas ao leitor se cometi os mesmos erros beckerianos, já que somente neste capítulo

---

<sup>1</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 297.

serão abordadas algumas tentativas de respostas às problemáticas levantadas nesta pesquisa. O objetivo foi apresentar a estrutura necessária para termos em mente qual foi a forma como o autor tentou estabelecer sua leitura do homem e sua existência.

O terror do mundo é o ponto de partida do homem beckeriano. A condição de criatura, que suportamos desde o momento de nossas concepções, é aniquilante. A dura constatação de que não somos fortes o suficiente, para confrontar a ausência de forças e de respostas que temos frente à finitude, é devastadora. Para o animal humano, viver implica a dura realidade de ter consciência de sua finitude e, mesmo assim, ter que achar sentido na vida. Como diz Becker:

[...] trágico destino do homem: justificar-se desesperadamente como um objeto de valor primordial no universo, se destacar, ser um herói, dar a maior contribuição possível para a vida no mundo, mostrar que vale mais do que qualquer outra coisa ou pessoa.<sup>2</sup>

Ante essa terrível constatação, o homem não sai ileso emocionalmente. Vive um dilema existencial, que chega a ser uma situação universal no ser humano. Durante muito tempo, filósofos e estudiosos buscaram explicar essa condição assombrosa que o homem vivencia. E que condição assombrosa é essa? Poderíamos pensar no sofrimento como a condição miséria existencial vivenciada pelo homem, haja vista que o sofrimento é um substrato ontológico na condição humana. Não só o sofrimento, mas também a angústia e o medo. Para Becker, a questão possui um grau de complexidade ainda maior, pois constatar a ontologia destes sentimentos não abarca a complexa natureza humana: “a natureza humana é paradoxal, a essência humana é paradoxal e essa afirmativa se dá pela constatação que o ser humano é metade animal e metade simbólico”<sup>3</sup>. Dessa constatação é que vemos emergir o paradoxo existencial que Becker descreve. A natureza simbólica que o homem possui é o que faz se destacar da natureza. Mas desse destacar-se é que surgem os grandes dilemas que o homem vivencia. E qual seria uma proposição universal para a condição humana a que me refiro? Para Becker, o medo da morte

---

<sup>2</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 22.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 48.

seria a preposição universal. Independentemente da cultura que o animal humano esteja inserido, se há ou não estruturas religiosas de apoio ou até mesmo a forma de organização social que se vivencia, o medo da morte é um ponto em comum da espécie. A própria estrutura psicológica e emocional que nos constitui é composta de instintos programados para as reações iminentes ao perigo. Dependendo da situação vivenciada, se nos for sinalizado que corremos um risco, serão acionados os nossos mecanismos de defesa, que são de certa forma elementos compensatórios e instintivos que emergem para a nossa proteção. É exatamente neste momento que o medo entra em cena. O medo é uma sensação vivenciada pelo ser humano; é um dos indicadores de que algo ameaça a sua segurança e que surge uma ação para que sua segurança seja restabelecida. Se nessa a situação, tivermos eficiência para restaurar a segurança tudo ficará bem. Mas, se não conseguirmos? No momento em que a segurança do animal humano não é estabelecida, ele experiencia, sente e vive a sensação de angústia. Morte, medo da morte: é neste momento que estamos desprotegidos e mergulhamos na dura constatação de nossa inferioridade. Como diz Becker, “sentimento natural de inferioridade que o homem tem diante da maciça transcendência da criação; ao seu verdadeiro sentimento de criatura diante do esmagador e anulador milagre do Ser”<sup>4</sup>. É a nossa posição de criaturas que nos deixa totalmente desprotegidos e sem respostas. A nossa consciência, toda a razão produzida pela espécie humana não nos tira da posição de criatura, não nos leva ao encontro da verdade que nos liberta do não ter poder frente à finitude. Toda essa condição leva o animal humano a ter medo.

Pensando ainda no medo, Becker diria que o animal humano possui mais medo do seu autoconhecimento, da sua consciência, do que do meio externo no qual ele vive. A consciência sem dúvida nos possibilita encarar a verdade sem véus e isso é terrível: é quase insuportável vermos essas proposições referidas anteriormente como verdadeiras. A verificação que o movimento da vida, que o desenvolvimento de nossas consciências nos leva a essa constatação da insuficiência da espécie, suscita um sofrimento e, indiscutivelmente, uma

---

<sup>4</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p.73.

condenação que nos conduz à angústia e nos deixa muito próximos das margens de inúmeras psicopatologias.

A constatação de que o medo promove angústia ao indivíduo é importante, mas não só isso. Como o homem beckeriano reage a essa situação? Quais são as armas utilizadas nesta batalha? O ser humano pode ter esperança e uma vida tranquila, mesmo sendo autoconsciente de sua condição finita? Essas e mais muitas outras questões serão tratadas neste capítulo, com o intuito de vermos a leitura da angústia e da fé que Ernest Becker realiza.

### **3.1 O homem beckeriano e a questão do heroísmo e do terror da morte**

O terror da morte é uma das matrizes do ser humano. Sabemos que a vida pode ser boa, que temos acesso a inúmeros prazeres e certeza com a vida, mas frente à morte não as temos. Com esse pano de fundo, morrer não significa apenas morte biológica de um organismo vivo, significa incerteza, significa ausência de sentido e um desespero iminente. As verdades, quando vistas a olho nu, nos cegam. E a verdade da constatação da morte é uma destas verdades aniquilantes que nos tiram do eixo, promovem doenças, desespero e, principalmente, angústia. É impressionante o número de pessoas em nossa atualidade que sofrem de doenças psicopatológicas e psicossomáticas que, se observarmos a origem delas, encontraremos certamente um medo aterrorizante da vida ou da morte. Desta forma, a falta de autoconsciência protegeu o animal humano por muito tempo. Foi depois de Darwin que muitas questões referentes à morte foram retomadas com muita intensidade. E após as propostas de Freud, vislumbrou-se a possibilidade do autoconhecimento. De acordo com Becker, “uma das grandes redescobertas do pensamento moderno: de todas as coisas que movem o homem, uma das principais é o seu terror da morte”<sup>5</sup>. Recuperamos então, nossa consciência com a grande redescoberta do pensamento moderno: somos finitos! E sentimos medo por essa constatação e, ainda mais, nos angustiamos ferozmente, porque não sabemos ao certo o que fazer frente a ela.

---

<sup>5</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p.31.

Becker não se contentou em obter apenas essa constatação e foi atrás de saber, o que fazemos frente à morte. Ou melhor dizendo, o que fazemos com o medo da morte. Sabemos que, biologicamente, possuímos instintos que lutam pela vida, temos uma estrutura social que consolida a possibilidade de estarmos seguros e que, psicologicamente, temos inúmeros mecanismos de defesa para combater a constatação da finitude. Mas o autor não se satisfaz novamente com essa constatação e se interessa em saber como o biológico, o social e o psicológico interagem para enfrentar a demanda do medo. E a solução encontrada por Becker está no heroísmo. Ainda que o termo tenha inúmeras definições, para o autor,

O Heroísmo é, antes de qualquer coisa, um reflexo do terror da morte. O que mais admiramos é a coragem de enfrentar a morte; damos a esse valor a nossa mais alta e mais constante adoração. Ele toca fundo em nossos corações porque temos dúvida sobre até que ponto nós mesmos seríamos valentes.<sup>6</sup>

Ser valente, ter coragem e adoração, esses três elementos são necessários para a leitura que a teoria beckeriana faz de um herói. Ser valente porque é necessário para o herói ter uma inquietação interior para combater o que se percebe de injusto, de conflituoso no meio. Mas essa inquietação sem a coragem nada seria, uma vez que temos que tomar uma atitude, não adianta ser valente apenas no plano do pensamento e não por a ação em prática. A adoração se refere ao fato de que todo herói luta por uma causa e necessita de uma recompensa, que é se sentir aceito. Ou seja, ser valente no plano das ideias, ter coragem ao nível de atitude frente aos conflitos sinalizados pela ideia e ter adoração como prêmio por sua valentia e coragem. Desta forma, esses três elementos reagem frente às adversidades da vida e também como reflexo do terror da morte. Uma vez que o animal humano remou em busca da verdade e a encontrou, passou a ter que assumir uma postura heróica para poder sobreviver com as suas constatações. Podemos exemplificar a condição do herói em inúmeras situações cotidianas. Ter êxito em conseguir se estabelecer profissionalmente, construir uma família feliz, superar a tristeza de perder um ente querido, essas e muitas outras são situações que vemos a estrutura do heroísmo em funcionamento.

---

<sup>6</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p.31.

O heroísmo se constitui, na teoria beckeriana, via estrutura narcísica do indivíduo. Ou seja, ele necessita ter a sensação de ser único, de que sua vida seja segura, que os problemas acometem somente o outro e jamais com ele. Assim cria para si uma realidade “quase intocável”. E a expressão é “quase intocável” porque, evidentemente, ocorrem ações da natureza para as quais o indivíduo não possui nenhum controle e, ainda, há experiências em sua vida que, muitas vezes, não possuem explicação, e ele sabe. Tendo consciência disso, ele cria um novo sistema heróico para combater os imprevistos e, assim, volta a estar protegido. Nas palavras de Becker:

O narcisismo natural – a sensação de que a pessoa que está ao seu lado vai morrer mas você não – é reforçado pela dependência confiante do poder do líder. Não admira que centenas de milhares de homens saíssem das trincheiras marchando, diante do intenso fogo de artilharia na Primeira Guerra Mundial. Eles estavam, por assim dizer, parcialmente auto-hipnotizados.<sup>7</sup>

Fica claro, com essa citação, que a ação psicológica, que temos para utilizar de defesa frente às situações de morte, pode ser perigosa. E é perigosa porque ela não se alimenta por si só. Seria muito fácil ser somente herói, mas não é assim que o heroísmo se processa, uma vez que necessitamos de exemplos de heroísmo, uma referência à qual esse indivíduo acredite poder imitá-la, bem como a necessidade de termos outros líderes para nos guiar. Imagine se haveria a possibilidade da organização social que vemos hoje, independente de sua origem, de viver de forma harmônica sem hierarquia. O ser humano necessita de referenciais, de modelos para que ele possa fazer as suas escolhas e assim acaba direcionando suas atitudes com essa influência. É o animal humano que decide o que vai fazer e em quem ou no que irá acreditar. Sendo assim, é possível entender porque tantos homens ouviram os líderes das duas grandes guerras para lutarem em prol de um objetivo, que lhes promovessem a possibilidade de um mundo melhor e mais seguro, sem verificar que essa crença era fruto de uma ilusão infundada, pois jamais conseguiremos retirar da humanidade sua multiplicidade de culturas, raças, crenças. Mas acreditar nesta ilusão de poder, de que é possível superar as dificuldades e chegar à construção de um mundo melhor e seguro, é agradável, por isso

---

<sup>7</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p.167.

almejamos tanto o poder. Como diz Becker, "os homens adoram e temem o poder e, por isso, dedicam sua lealdade àqueles que o administram"<sup>8</sup>. Aonde se encontra a autoconsciência do indivíduo? É fácil constatar que quando acreditamos na ideologia da situação vivenciada, deixamos de realizar pensamentos discriminatórios, que poderiam detectar a falta de fundamentação de nossas ilusões, mas isso não ocorre quando estamos fazendo e vivendo nosso momento heróico.

O que fazer? Temer a morte e nos afogarmos na angústia proveniente de nossos medos? Ou nos iludirmos que somos heróis? Pensamos que tudo podemos ou nos deixaremos sucumbir pela nossa própria formação psicológica? Será que o terror da morte é tão corrosivo assim? Voltemo-nos agora para o terror da morte.

Afinal o que é morte? Segundo o dicionário Aurélio<sup>9</sup>, morte é a cessação da vida. Termo que se refere ao fim, destruição e ruína. Pesar profundo. E, conseqüentemente, morrer significa perder a vida; falecer, finar-se, desencarnar, ir-se, passar, perecer, sucumbir, abotoar, espichar e esticar. Tantos verbos de ação unidos para explicar algo que os homens jamais queriam ouvir. Saber o que é morrer, ou o que é a morte, não faz nenhuma diferença, não torna o fardo de carregar essa informação mais leve, pois esses verbos de ação, descritos na definição de um dicionário, são letais. E não poque temos meramente a morte biológica, porque, ao morrer, todo o significado da simbologia que constituímos perece, todo o sentido que atribuímos às coisas que executamos ao longo da vida desaparece e sucumbe, a única coisa que deixamos são as pessoas que nos cercam e que possuíam algum sentimento por nós, é a ruína e a desctuição emocional que o cessar da vida causa. A morte não se faz apenas para o morto, ela se faz também para o que permanece vivo, pois ela confronta ferozmente uma das poucas certezas que o homem tem na vida que é o morrer. Entrar em um processo de resimbolização psicológica é um processo lento e demorado. Segundo Elisabeth Kübler-Ross<sup>10</sup>, que analisou os sentimentos de inúmeros pacientes terminais, bem como da família envolvida no processo da morte próxima, são vários os estágios

---

<sup>8</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p.161.

<sup>9</sup> Dicionário Aurélio.

<sup>10</sup> Elisabeth KÜBLER-ROSS, *Sobre a morte e o morrer*.

pelos quais passamos quando nos deparamos com a morte: negação, em um primeiro momento, quando não se quer aceitar o fato como verdadeiro – “isso não está acontecendo”; em seguida vem a revolta, a ira, o “por que eu?”; a negociação, a barganha, fase seguinte, leva o indivíduo a promessas de mudanças, caso consiga a cura; a depressão vem quando se percebe a dificuldade ou impossibilidade da cura; e, por fim, a aceitação, quando há um entendimento da situação e se faz uma tentativa de dar algum sentido à vida.

Presenciar uma pessoa vivenciar essas fases é agonizante. Mas será que quando o ente querido se vai, não passamos pelas mesmas fases para aceitar a sua morte, para podermos realizar a morte simbólica deste indivíduo, dentro de nós mesmos? Não quero aqui gerar um padrão, mas é fatídico que podemos passar por essas fases sendo ou não o eleito da morte. O que deixa essa situação difícil é a constatação da verdade que se configura em sua finitude; de reconhecer que nada podemos frente à morte e que nada que façamos terá força suficiente. Com esse cenário é muito fácil questionar a Deus ou qualquer crença que se possua do porquê as coisas têm que ser assim. De acordo com Kierkegaard,

Saber que o homem é comida para os vermes. Este é o terror: ter emergido do nada, ter um nome, consciência do próprio eu, sentimentos íntimos profundos, um cruciante anelo interior pela vida e pela autoexpressão e, apesar de tudo isso, morrer. Parece uma burla, pela qual um tipo de homem cultural se rebela ostensivamente contra a ideia de Deus. Que espécie de divindade criaria tão complexa e extravagante comida para vermes?<sup>11</sup>

Kierkegaard nos confronta com a nossa condição de criatura. Ver a situação da morte neste prisma, no mínimo é para nos enloquecer. Por isso nós utilizamos tanto da repressão como um mecanismo de defesa, para não constatarmos que temos medo da morte. Assim diz Zilboorg:

Porque por trás da sensação de insegurança diante do perigo, por trás do sentimento de desânimo e depressão, sempre se esconde o medo básico da morte, um medo que sofre elaborações muitíssimo complexas e se manifesta de muitas maneiras indiretas. [...] Ninguém está livre do medo da morte. [...] As neuroses de angústia, os diferentes estados fóbicos, até mesmo um número considerável de

---

<sup>11</sup> Apud R.J. BLANK, *Escatologia da Pessoa: vida, morte e ressurreição*, p. 32.

estados depressivos suicidas e muitas esquizofrenias demonstram amplamente o sempre presente medo da morte, que se entrelaça com os principais conflitos das condições psicopatológicas dadas. [...] Podemos considerar como ponto pacífico que o medo da morte sempre está presente em nosso funcionamento mental.<sup>12</sup>

Becker também considera o que James disse a respeito:

Que as otimistas mentalidades saudáveis aproveitem ao máximo o seu estranho poder de viver o momento de ignorar e esquecer, mas ainda assim o pano de fundo maligno está ali para ser lembrado, e a caveira irá aparecer com um riso escarinho durante o banquete.<sup>13</sup>

Constatar a morte e mergulhar nas sensações que essa constatação pode proporcionar pode gerar doenças e/ou as sustentar. Será que, diante disso, somente com repressões conseguimos nos encaixar novamente na vida? Evidentemente que não. Veremos o quanto a atividade heróica descrita por Becker é importante no processo de negação da morte, uma vez que ser herói implica sentir-se imortal. Cabe ainda dizer que, além de uma figura de identificação encontrada em um líder, o herói também pode recorrer à religião para se sustentar ou a qualquer outra crença social ou cultural existente. Temos que nos apoiar em alguém ou em alguma crença para conseguirmos viver. E mediante essa verdade fatidicamente constatada, a religião é uma possibilidade muito recorrida, já que ela fornece explicações sobre como será o após morte. E o indivíduo é livre para escolher se que ou não crer nas múltiplas explicações que se apresentam. Mas as coisas não são simples assim, na medida em que crer pode ser um problema. De acordo com Blank, “este é o problema relacionado, por um lado, com a vida anteriormente vivida e, por outro lado, com o fato de se aceitar ou não a vida depois da morte”<sup>14</sup>.

Em vista de tudo isso, invariavelmente surge a pergunta: temos alguma saída? Becker acredita que sim. A ação heróica existe e ela ganha força no coletivo. Os heróis sempre terão espaço para mostrar a sua valentia e a sua coragem. E os heróis mais fracos também terão espaço de liberdade para acreditar em suas escolhas. Herói mais fraco, entretanto, não significa um juízo qualitativo, pois toda

---

<sup>12</sup> *Apud Ernest BECKER, A negação da morte*, p. 36.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p.36.

<sup>14</sup> R. J. BLANK, *Escatologia da Pessoa: vida, morte e ressurreição*, p. 33.

ação heróica é importante, já que ser consciente da finitude e, mesmo assim, ser capaz de viver e transformar o mundo, suportar a esmagadora realidade que nos envolve, sem dúvida é um ato heróico da humanidade.

### 3.2 A questão da mentira vital e das ideias vitais

Considerando que viver seja um ato heróico, começaremos a discorrer sobre as ideias vitais e sobre a mentira vital, pelo panorama da atividade heróica. Para Becker, a atividade heróica nos proporciona qualidades básicas para podermos sobreviver. Sendo a coragem o eixo central para a formação heróica, o que acontece com o animal humano? Ou, nas palavras do autor: “se a qualidade básica do heroísmo e a coragem autêntica, por que tão poucas pessoas são realmente corajosas? Porque é tão raro ver um homem que possa se sustentar nos próprios pés?”<sup>15</sup> A resposta pode ser simples, mas é dura. Muitos seres humanos são covardes e se sentem amedrontados diante da vida. Conta Becker que,

Certa vez, escrevi que achava que a razão pela qual o homem era tão naturalmente covarde era que ele sentia não ter autoridade; e a razão de ele não ter autoridade estava na própria maneira pela qual o animal humano é formado: todos os nossos significados nos são inculcados pelo lado de fora, pelas nossas relações com os outros. É isso que nos dá um “eu” e um superego. Todo nosso mundo de certo e errado, bom e mau, nosso nome, exatamente quem somos, tudo isso é enxertado em nós. Nunca sentimos que temos autoridade para oferecer coisas por nossa conta. Como poderíamos fazê-lo, pergunto, já que nos sentimos, sob muitas formas culpados e em débito em relação aos outros, sendo uma criação secundária deles, devendo a eles nosso próprio nascimento.<sup>16</sup>

E de fato é isso que ocorre. E um exemplo disso é o nascimento de um bebê. Sua mãe o carrega por aproximadamente nove meses dentro de seu ventre e, ao nascer, tem uma vida extremamente dependente do que o outro lhe oferece, ou seja, sua mãe o alimenta, cuida de sua saúde e integridade, e somente com aproximados 12 meses de vida é que ele começa a andar. Mas andar ainda não o qualifica para a vida, uma vez que todo o seu desenvolvimento cerebral demora

---

<sup>15</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 71.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 72.

anos para se realizar, além do desenvolvimento emocional, como descrito anteriormente, bem como o desenvolvimento biológico e social, enfim, sua autonomia só lhe é acessível depois de experienciadas muitas situações com o meio e com as pessoas. Desta forma, estamos à mercê de outras pessoas, estamos nas mãos de inúmeras situações para as quais não temos possibilidade nenhuma de julgamento ou alteração. Como afirma Maslow:

Temos nossa mais elevada possibilidade (asim como as mais baixas). Em geral, temos medo de nos tornarmos aquilo que podemos vislumbrar em nossos momentos mais perfeitos. [...] Apreciamos e até nos emocionamos com as possibilidades divinas que vemos em nós mesmos em tais momentos culminantes. E, no entanto, trememos simultaneamente de fraqueza, pasmo de medo diante dessas mesmissimas possibilidades.<sup>17</sup>

A vivência de fato é paradoxal, pois sonhamos, embora tenhamos medo de alcançar, e quando não alcançamos, sofremos porque não atingimos o objetivo. As dúvidas e as incertezas são substâncias maléficas para o ser humano. A terceira lei de Newton nos coloca de forma conceitual que “toda ação possui uma reação”, e mesmo sabendo que essa lei se aplica à física, observamos que, nas relações que estabelecemos com os outros e em nosso próprio desenvolvimento emocional, essa lei é, de fato, constante em nossas vidas. Escolher, que seria a ação, implica a responsabilidade de se assumir a reação que virá. E essa responsabilidade é extremamente pesada em níveis emocionais; queremos fugir dela, queremos ideias vitais, não queremos pagar o preço que a liberdade de escolha acarreta. Na verdade, o animal humano gostaria de agir e saber que essa ação está correta. Mas não temos garantias de que fazemos as escolhas certas. Queremos viver de forma plena e incondicional, mas a finitude nos assola e nós não queremos encarar essa verdade, por isso recorremos às mentiras vitais. Becker inicia o quarto capítulo de seu livro *A Negação da Morte* com uma citação de José Ortega y Gasset para ilustrar essa condição:

Examine as pessoas à sua volta e irá [...] ouvi-las falar em termos precisos sobre elas mesmas e seu meio, o que parecerá indicar que elas têm ideias sobre o

---

<sup>17</sup> Apud Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 72.

assunto. Mas comece a analisar essas ideias e irá descobrir que praticamente não refletem, de forma alguma, a realidade a que parecem se referir, e se você aprofundar mais a sua análise, irá descobrir que não há nem mesmo uma tentativa de ajustar as ideias a essa realidade.

Muito pelo contrário: através dessas teorias, o indivíduo está tentando cortar qualquer visão pessoal da realidade, de sua própria vida. Porque a vida é, no princípio, um caos no qual a pessoa se acha perdida. O indivíduo suspeita que seja assim, mas tem medo de se ver face a face com essa terrível realidade, e tenta cobri-la com uma cortina de fantasia, onde tudo está claro. Não o preocupa o fato de suas “ideias” não serem verdadeiras; ele as usa como trincheiras para a defesa de sua existência, como espantalhos para espantar a realidade.<sup>18</sup>

O que Becker constatou foi que o homem necessita de mentiras vitais e das ideias vitais para sobreviver. As ideias vitais lhe dão a garantia de acreditar em algo que não permita que ele encare a realidade, e as mentiras vitais se referem à ação das ideias vitais no pensamento. Mesmo tendo consciência e percepção de mundo, vemos o que o homem não consegue lidar com sua autolimitação de nada fazer frente à realidade. Desta forma, ele estabelece uma ideia vital para si e, em cima dela, cria seu repertório de mentiras vitais para não deixar a sua consciência e percepção reconhecerem a força do conflito experiencial que vivencia e, ainda, o tamanho de sua ilusão estabelecida para tentar ordenar o caos inteiror. De acordo com Becker,

O homem teve que inventar e criar, a partir de si mesmo, as limitações da percepção e equanimidade para viver neste planeta. E por isso o cerne da psicodinâmica, a formação do caráter humano, é um estudo da autolimitação humana e dos assombrosos custos dessa limitação.<sup>19</sup>

O termo “mentira vital” também é utilizado na teoria beckeriana como mentira caracteriológica. E cabe aqui esclarecermos que o conceito criado por Becker nada tem a ver com o conceito de mentira que se liga a um ato moral. A mentira vital relaciona-se com a constatação de que sem crença nas ilusões, o indivíduo não conseguiria suportar o peso da existência. Para precisar como a mentira vital funciona, vejamos um exemplo. Certa vez, um professor, em sala de aula, retirou os seus óculos para limpá-los e disse aos seus alunos que não estavam bons, que era

---

<sup>18</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 71.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 75.

necessário refazê-los. Nesta situação, ocorreu que o professor usou a força da ideia vital em ação da mentira vital. Explico. Na realidade, seus óculos poderiam até estar ruins e inadequados, mas a verdade é que a sua visão está com problemas, que ele não tem o mesmo vigor para enxergar que tinha, pois ou está com sua visão doente ou possui dificuldades por ação de seu envelhecimento. Portanto, o fato da sua visão não estar boa é a realidade a ser negada, e ele acabou usando como ideia vital um conceito científico que o ampara, a ineficiência das lentes de seus óculos, e a mentira vital que contou para si foi a de que seus óculos não estavam tão bons e, assim, protegeu-se de constatar que está doente de sua visão ou que está envelhecendo. A articulação do conceito de mentira vital, portanto, nada tem a ver com o conceito negativo que empregamos à palavra mentira, pois, neste caso, o professor não teve uma ação imoral que pudesse prejudicar qualquer um dos alunos que ali estavam, só mentiu para si para não encarar que nossa estrutura biológica possui problemas e/ou que ela envelhece. Independente de ser uma doença ou envelhecimento, reconhecer implicaria enxergar sua fragilidade.

Powell comenta que a morte é uma parte da realidade que tentamos não aceitar e, desta forma, descreve o processo de mentira vital em ação:

[...] uma parte da realidade que geralmente nos recusamos a enfrentar é a morte. Muitos de nós não têm a menor ideia de como reagiriam à morte iminente. E assim como receamos o fim de nossa existência finita, a morte, Becker afirma que também temos receio de experienciar a vida plenamente. Uma parte integrante da vida humana é a experiência do sofrimento – o nosso e o dos outros. No entanto, quando alguém chora, a reação mais comum é o pedido: “não chore”. Talvez seja bom para a pessoa chorar, mas muitos não sabem o que fazer diante das lágrimas.<sup>20</sup>

Nesta passagem, a ideia vital que está alimentando o enredo é que não é bom chorar, e também que não é bom sofrer. Assim, a ação da mentira vital se faz no ato de solicitar que a pessoa não chore, pois se não a vemos chorar, poderemos nos enganar que ela é forte, que ela não sofre e evitamos constatar a fragilidade que temos. E, desta maneira, não pensamos no outro, mas sim em nós e no quanto não estamos preparados para encerrar situações difíceis.

---

<sup>20</sup> J. POWELL, *As estações do coração*, p. 117.

Sabendo como as ideias vitais e as mentiras vitais operam, resta-nos compreender como elas se constituem no indivíduo. Esta constituição se dá ao longo do desenvolvimento psicológico do indivíduo, juntamente com as experiências que ele realiza com o meio no qual está inserido. Desta forma, além de ir ganhando maturidade emocional e cognitiva, esse indivíduo também adquire uma formação cultural, e é a partir destas interações que se formam as ideias e as mentiras vitais. A cultura proporciona ao indivíduo, por exemplo, inúmeras possibilidades de crenças e experiências para que ele constitua para si uma vasta possibilidade de ideias vitais. Portanto, quanto maior a diversidade cultural, maior suas chances de constituir para si uma gama de ideias vitais. Contudo, não é apenas a diversidade, mas também quanto mais estruturada for a dinâmica cultural, maior credibilidade ela fornecerá. Como diz Liechty,

Depende da viabilidade cultural fornecer respostas convincentes para as questões humanas básicas. Com os estudos antropológicos têm se mostrado que o declínio e o mal estar cultural ocorrem quando as pessoas, dentro de uma cultura, não estão mais convencidas da verdade de suas respostas recebidas frente às questões básicas.<sup>21</sup>

Buscamos na cultura respostas básicas para a formação de nossas certezas, e estas se dão através do conteúdo simbólico que adquirimos com as experiências vividas. Se essas experiências forem favoráveis, introjetamos essas certezas; caso contrário, colocamo-nos em busca de outras ideias que atendam às nossas expectativas. Segundo Liechty, “a capacidade de atender uma nova experiência com confiança depende de um quadro amplo de interpretação e de referência, uma vez que o indivíduo se encontra no mundo onde sua transformação é constante, e que ele avança no sentido de incorporar as experiências”.<sup>22</sup>

Outro aspecto refere-se à condição psicológica do animal humano, de como se dá a aceitação do processo de introjeção das experiências culturais selecionadas pelo indivíduo. E ainda, do que fazer com as experiências não selecionadas, do que

---

<sup>21</sup> Daniel LIECHTY, *Transference and Transcendence: Ernest Becker's Contribution to Psychotherapy*, p.65.

<sup>22</sup> Daniel LIECHTY, *Transference and Transcendence: Ernest Becker's Contribution to Psychotherapy*, p. 65.

fazer com os desejos não ajustados em se tratando das regras sociais impostas, de como, frente a todo esse cenário, a estrutura da psique se articula para a constituição das ideias vitais. Nas palavras de Becker:

Mas o homem, pobre criatura desnuda, tem que construir e obter seu próprio valor interno e a sua segurança. Terá que reprimir sua pequenez no mundo adulto, seus fracassos, na tentativa de viver de acordo com as ordens e os códigos adultos. Terá que reprimir seus sentimentos de inadequação de suas boas intenções, mas também a sua culpa e suas más intenções: os desejos de morte e ódio que sente ao ser frustrado e bloqueado pelos adultos. Terá que reprimir a inadequação dos pais, as ansiedades e terrores destes, porque percebê-los termina por minar o sentimento de segurança e poder. Terá que reprimir sua própria analidade, suas comprometedoras funções corporais que significam sua mortalidade, sua indiscutível transitoriedade dentro do mundo natural. Com tudo isso e com muito mais que não mencionamos, terá que reprimir o assombro e o temor básico diante do mundo externo.<sup>23</sup>

A repressão, na teoria beckeriana, tem a função de favorecer o estabelecimento e funcionamento das ideias vitais e das mentiras vitais. Para Becker, “o indivíduo tem que fazer uma repressão global de todos os espectros de sua experiência para ter uma acalentadora sensação de valor e segurança básica.<sup>24</sup> A repressão viabiliza, então, ao animal humano, essa construção da segurança básica. Esse mecanismo permite que, mesmo tendo consciência de determinadas situações, o indivíduo continue vivendo sem se lembrar que as constatações das realidades vividas permaneçam constantemente na sua consciência. Ou seja, torna o conteúdo inacessível por ação da repressão. É uma espécie de esquecer para poder viver. Por isso, diz Becker,

A grande dádiva da repressão é a que possibilita ao homem viver decisivamente em um mundo esmagadoramente miraculoso e incompreensível, mundo tão cheio de beleza, majestade e terror que se os animais o percebessem, ficariam paralisados e sem ação.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p.77.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 76.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 74.

Desta forma, a repressão acaba sendo uma ação adaptativa da espécie humana. Controlar os instintos é uma das ações que o animal humano faz por ação da repressão. Esse mecanismo de ação que possuímos faz com que não fiquemos paralisados frente às situações adversas ou de constatação da realidade vivida. Assim, podemos usufruir das possibilidades que a vida nos propõe, evitando, ao máximo, entrar em contato com a angústia da tomada de conhecimento das demandas que não temos o poder de alterar.

### **3.3 O projeto *causa sui* como agente integrador no homem beckeriano**

Em virtude da condição paradoxal que o homem beckeriano vive, ele passa boa parte de sua vida buscando respostas que atendam às suas necessidades, que lhe acalmem, que façam com que ele encontre sentido em um mundo que, muitas vezes, rouba os sentidos. A própria condição paradoxal do homem se encarrega de confundir-lo. E esta confusão vem do fato de possuímos uma mente ilimitada, que se sente imortal e acredita piamente que nada de mau jamais lhe acontecerá, e que está presa dentro de um corpo, que sente a finitude, que caminha em direção à morte a cada dia. Evidentemente, como já vimos, incumbimo-nos de ser criativos e estabelecemos, para nós, as ideias vitais e a mentira vital, que nos salvam a cada segundo de nossas vidas de encerrar essa aniquiladora situação, este paradoxo. Frente a essa condição, o animal humano caminha em busca de respostas que lhe promovam segurança, para que ele possa conviver com seu paradoxo com o menor custo emocional possível. E essa caminhada em direção às respostas não acontece apenas com o homem moderno. Desde os primórdios, vemos que o ser humano busca sentido para uma série de ações que ocorrem em seu cotidiano. É o sentido que nos integra, e é por essa via que nos adaptamos emocionalmente. A grande questão é: como construir sentido? Uma das formas mais utilizadas para construir o sentido se dá pela via do conhecimento. E ele se faz à medida que nos questionamos e encontramos uma resposta ou uma solução frente ao questionamento realizado. É importante ressaltar que essa busca de respostas, que dão sentido ao animal humano, vão desde questões simples e básicas até as mais complexas. Essas respostas são buscadas com o intuito do animal humano

conseguir se estabelecer na vida, adaptar-se. Em relação à simplicidade ou complexidade das respostas construídas, o que as define como simples ou complexas é o próprio indivíduo. E essa definição qualitativa é variável no homem beckeriano uma vez que ela depende de quanto o homem desenvolveu os seus aspectos social, cognitivo<sup>26</sup> e emocional.. Becker levanta exemplos de questões básicas, as quais o ser humano busca respostas e quem lhe fornece essas respostas. Com base em Kluckhohn (1950), escreveu sobre seis questões básicas humanas para que uma cultura viável dê respostas: qual é e onde começa a relação entre humanos e natureza? O que a natureza humana básica? Que tipos de pessoas são mais valorizadas? Quais são os modos básicos de se relacionar com os outros? Qual a dimensão tempo/espaço fundamentais em que vivemos? Qual é o meu lugar na hierarquia de poder na natureza e na sociedade?<sup>27</sup>

A antropologia, por sua vez, possui inúmeras possibilidades de nos fornecer essas respostas, sob o prisma de diversos pensadores. Mas o que importa realmente é se a resposta será suficiente para que o indivíduo estabeleça para si um significado, um sentido, se o seu projeto *causa sui*, irá funcionar com eficiência.

Em se tratando da *causa sui*, Becker não usou este conceito com exclusividade, uma vez que Spinoza<sup>28</sup>, Freud e Sartre também articularam esse conceito como estrutura central em suas obras. Do latim, *causa sui* corresponde a significado em si mesmo. Refere-se a algo que possua um sentido gerado dentro de si. Fragoso apresenta o conceito de *causa sui* em Spinoza:

Spinoza inicia a *Ética* com uma definição *notum per se* (ou não demonstrável) que não define nenhuma coisa e sim uma propriedade. [...] “Por causa de si entendo aquilo cuja essência envolve a existência; ou isto, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão como existente”.

Esta definição é fundamental ao sistema spinozista, pois é ela que vai postular a indentidade entre aquilo que é e aquilo que é concebido; ou seja, a causa

---

<sup>26</sup> Cognição refere-se a aprendizado. A psicologia cognitiva aponta que para ocorrer o aprendizado é necessário que o indivíduo possua um conjunto de processos mentais envolvidos, que são: percepção, atenção, classificação, processamento, pensamento e raciocínio. Cf H. BEE, *O ciclo vital*.

<sup>27</sup> Ernest BECKER, Toward a comprehensive theory of depression. *Journal of Nervous and Mental Disease* 135: 26 – 35.

<sup>28</sup> Spinoza, filósofo holandês, é considerado um dos grandes racionalista do século XVII. Cf. H. RIZK, *Comprender Spinoza*.

sui funda a ontologia spinozista porque possibilita que aquilo que o entendimento finito concebe da coisa e o que a coisa em si sejam postos como idênticos.<sup>29</sup>

A definição de *causa sui* encontrada em Spinoza vai de encontro ao que Becker postula enquanto conceito. Para este último, toda essa demanda de respostas que buscamos para construir a segurança dentro de nós está diretamente ligada à capacidade de darmos sentido às coisas, nesta articulação que ocorre “entre aquilo que é e aquilo que é concebido”. Conhecendo as respostas, evidentemente, não a conceberemos na íntegra, mas sim, parte dela, a parte que nos convém. Um exemplo dessa ação seria a constatação de nossa finitude. Não é porque sabemos desta informação que a morte ocorrerá neste instante. Diante dessa situação, vemos que aquilo que é, de fato não acaba sendo concebido. Fica claro que o que sustenta o projeto *causa sui* no homem beckeriano é a ação das ideias vitais e das mentiras vitais. Tanto para Becker como para Freud, o projeto *causa sui* permite que o indivíduo crie um reduto de imortalidade, ou seja, é um local onde o sentido, os significados das coisas, poderia existir para além de sua própria vida.

A sensação de imortalidade promovida pelo paradoxo humano é reconfortante, protege toda a dinâmica da psique da angústia e de outras sensações que podem ser consideradas avassaladoras. Viabiliza que sentimentos, como o de esperança, se estabeleçam no homem beckeriano que, com isso, ganha força em si. Tudo passa a ter sentido porque a dinâmica da imortalidade no animal humano é integradora. Ela faz com que tudo que perde o sentido frente à finitude volte a exercer sentido em virtude da ação psicológica que a imortalidade nos proporciona. Ter essa sensação é ainda um fator decisivo para a adaptação da espécie. Becker diz do indivíduo que não tem as capacidades psicológicas para essa adaptação, direcionadas à questão da constatação da finitude:

O esquizofrênico sente essas coisas mais do que ninguém, porque não conseguiu armar as defesas confiáveis que uma pessoa normalmente usa para negá-las. A desdita do esquizofrênico está em que ele ficou sobrecarregado com

---

<sup>29</sup> E. A. da R. FRAGOSO, *As Definições de Causa Sui, Substância e Atributo na Ética de Beneticus de Spinoza*, p. 83.

quantidades extras de angústia, culpa e desamparo, em um meio ambiente ainda mais imprevisível e que não lhe dá apoio. Ele não está instalado em segurança em seu corpo, não tem uma base segura que lhe dê condições para vencer um desafio e obter uma negação da verdadeira natureza do mundo. Os pais o tornaram maciçamente inepto como ser vivo. Ele tem que inventar meios de viver no mundo, ultraengenhosos e ultradesesperados, que o protejam de ser despedaçado pela existência, uma vez que já está quase despedaçado. Vemos confirmando outra vez o ponto de vista de que o caráter de uma pessoa é uma defesa contra o desespero, uma tentativa de evitar a loucura, devida à *verdadeira* natureza do mundo.<sup>30</sup>

Desta forma, vemos que o projeto *causa sui* quando não realizado com eficiência, quando não nos possibilita a construção de nossas personalidades, pode nos gerar uma doença emocional. Desde criança somos ensinados a nos posicionarmos diante da vida e diante das situações como uma ação necessária para a adaptação da espécie. Como diz Becker, “as ‘atitudes’ da criança nasciam de sua necessidade de se adaptar a toda desesperada condição humana – não apenas para se ajustar aos caprichos dos pais”<sup>31</sup>. Pensar em adaptação no mundo do homem beckeriano é muito importante, pois é exatamente pela via da desadaptação é que são atraídos, para o animal humano, inúmeros problemas, e a esquizofrenia é apenas um exemplo. De acordo com Becker, a não adaptação pode estabelecer o padrão esquizofrênico. Diz ele:

O fracasso em construir defesas do caráter confiáveis permite que a verdadeira natureza do homem apareça. Ela é cientificamente apodíctica. A criatividade das pessoas que se acham na extremidade esquizofrênica do *continuum* humano é uma criatividade que nasce da incapacidade de aceitar as padronizadas negações culturais da verdadeira natureza da experiência. E o preço desse tipo de criatividade quase “extra-humana” é viver à beira da loucura, como os homens sabem há muito tempo. O esquizofrênico é sumamente criativo num sentido quase extrahumano porque está longe demais do animal: falta-lhe a segura programação instintiva dos seres inferiores. E lhe falta a segura programação cultural dos homens comuns. Não admira que ao homem comum ele pareça “louco”: ele não faz parte do mundo habitual.<sup>32</sup>

Viver é complexo, toda essa rede adaptativa que criamos tem o intuito de que consigamos suportar o paradoxo de nossa existência. A estrutura psicológica do

---

<sup>30</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 88.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 87.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 89.

indivíduo cria seu projeto *causa sui*, visando que este encontre o sentido em sua vida e que consiga, ainda, suportar a angústia que sente frente à finitude. O projeto *causa sui* permite que se enxergue a vida de forma diferenciada, bem como possibilita a sensação de imortalidade. O ser humano se encontra entre a necessidade de ter consciência da finitude e a necessidade de se sentir infinito. Desta forma, a infinitude nos protege de um lado, mas também a própria sensação de finitude nos protege de outro lado. Vimos, na citação anterior, que a sensação de ser “extrahumano” faz com que nossa parte animalesca e instintiva não opere de forma satisfatória, gerando, assim, no caso da esquizofrenia, um problema irreversível. É neste sentido que Becker diz que “a ironia da condição do homem está em que a mais profunda necessidade é livrar-se da angústia da morte e do aniquilamento; mas é a própria vida que a desperta e, por isso, temos que nos recusar a ser plenamente vivos”<sup>33</sup>.

É desta forma que o projeto *causa sui* se torna um agente integrado do homem beckeriano, pois ele consegue fazer com que a total falta de sentido possa ter um sentido. Ele permite que o homem, mesmo diante do paradoxo de sua existência, se integre com o meio no qual está inserido, respeitando e vivendo a cultura, sem deixar de considerar seu sentimento em relação ao mundo e a si próprio; sem ficar doente, ou até mesmo sem adoecer de suas emoções. Desta forma, acaba possibilitando para si uma ação adaptativa, independente da origem do conteúdo vivenciado. O animal humano, se tiver uma dinâmica favorável em seu desenvolvimento emocional, terá capacidade de superar as dificuldades usando esse projeto.

### **3.4 A angústia e os dilemas existenciais do homem beckeriano**

Por mais que não se tenha falado sobre a angústia de forma específica, é notório que os temas beckerianos circulam o tempo todo, em relação à angústia, pelo viés da negação da morte. Mas agora será focada especialmente a angústia

---

<sup>33</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 92.

que, de certa forma, é apresentada sempre que o homem beckeriano vive um dilema existencial.

Becker se vale de muitos autores para sustentar suas ideias, mas em relação à angústia seu referencial é Kierkegaard, que destina toda a sua obra a falar sobre aspectos da condição humana e os seus paradoxos, bem como a angústia e o desespero que o ser humano vive em inúmeros momentos de sua vida. Um dos grandes paradoxos vividos pelo homem, segundo Kierkegaard, é o fato de sermos metade humanos e metade divinos, ou, em palavras beckerianas, temos uma mente infinita presa dentro de um corpo finito. Mediante esse paradoxo do finito *versus* infinito, Becker acredita que o animal humano acesse sua consciência e sinta a força deste paradoxo e, ao senti-la, passe a ter consciência de sua finitude. Assim, o ponto de partida para o indivíduo ter angústia é a consciência da morte. “A angústia da morte é a angústia característica, a mais intensa angústia do homem”.<sup>34</sup> Ser metade divino e a outra metade animal é uma experiência complicada. Possuir uma identidade, um nome próprio, ser alguém no mundo, fazer suas escolhas e ter consciência de si, do meio em que se vive e da morte, é assustador. “A consciência do terror do mundo e de sua morte e deterioração”<sup>35</sup> é a porta de entrada, para a angústia; é na constatação da finitude que o animal humano se vê na posição de criatura que nada pode fazer frente à verdade e o Criador. Diante dessa condição de criatura é que o animal humano vivencia suas ambiguidades, que são, também, responsáveis pelo sentimento de angústia. Para Becker,

A angústia do homem é uma consequência de sua absoluta ambiguidade e de sua completa incapacidade de dominar essa ambiguidade, de ser francamente um animal ou um anjo. Ele não pode viver indiferente ao seu destino, tampouco pode exercer um controle seguro sobre esse destino e vencê-lo, porque isso está fora da condição humana.<sup>36</sup>

Como se pode observar, a ambiguidade do animal humano lhe promove um excesso de possibilidades, que é causa de seus problemas em relação à angústia.

---

<sup>34</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 96.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 95.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 95.

Escolher é difícil, pois o homem beckeriano não tem nenhuma garantia de que esteja fazendo a escolha certa. E por mais que o ser humano deseje sua liberdade, diante de sua vasta possibilidade de escolhas, ele gostaria de ter garantias de que elas fossem corretas, mas isso ele não tem. Desta forma, um ser de possibilidades implica dúvidas e, conseqüentemente, angústia com elas. Como diz Guarnieri, “quando o ser humano é formado pela angústia, ele é formado pela possibilidade e só assim é formado na infinitude”<sup>37</sup>. Não encontramos, nas possibilidades, garantias que as coisas ou situações irão fluir de forma satisfatória. O que nelas encontramos é a ação e o estabelecimento da sensação de infinitude. Somente munidos desta sensação de infinitude é que conseguimos fazer o processo de negação da morte de forma eficaz. Cabe apenas sinalizar que o processo de negação da morte é uma das mentiras vitais que o homem usa para si, pois não somos infinitos.

Ter consciência da finitude gera angústia. Ter consciência é um grande problema para o animal humano, uma vez que por via da nossa consciência que conseguimos nos diferenciar dos outros animais, pois utilizamos os recursos da racionalidade, criatividade, percepção, armazenamento de informações, dentre outras. Mas é exatamente o que nos diferencia é que gera os problemas, pois também temos consciência da angústia, que necessita, em muitos momentos, ser administrada no pensamento e, desta forma, utilizamos a mentira vital e inúmeras ilusões para tentar não acessar essa informação. Mas isso não ocorre o tempo todo. E, assim, a consciência, em relação às questões da angústia, é o fator que permite ao animal humano perceber as sensações, perceber as limitações que a angústia proporciona.

Mas, afinal, quando é que o homem beckeriano começou a ter consciência? Becker não recorre à antropologia para responder essa questão, tampouco a Darwin; caminha para uma direção teológica, pois acredita que o ponto de partida seja o mito bíblico da Queda. Adão e Eva, por terem experimentado a fruta do conhecimento, geraram o que a teologia cristã chama de pecado original. E é a partir deste ponto que o homem passa a ter consciência de si e a sentir o peso da

---

<sup>37</sup> M. C. GUARNIERI, *Angustia e Conhecimento: uma reflexão a partir dos pensadores religiosos Franz Rosenzweig, Soren Aabye Kierkegaard e Qohélet*, p. 149.

angústia. Não somente da angústia, mas também o peso da escolha e, com isso, conhece e vivencia a noção do pecado que conduz ao sentimento de culpa e medo.

Constatamos que é neste ponto que o autor acredita ter nascido a consciência do homem. Mas voltemos nossas atenções novamente para a angústia. Afinal, o que é angústia? Qual é o seu objeto? Como a angústia age no indivíduo? Segundo a definição encontrada no dicionário<sup>38</sup>, angústia é uma grande ansiedade ou aflição; ânsia, agonia; grande sofrimento ou atribulação. Esta de uma descrição apenas sintomática. Já seu objeto, segundo Guarnieri, “é o nada”<sup>39</sup>. Ter o nada como objeto da angústia é o que permite que as sensações físicas sejam tão avassaladoras; é o que amedrota tanto o animal humano, pois, ao caminhar para o nada, não temos absolutamente nada: nem certezas, nem segurança, nem esperança. Esse nada se configura na teoria beckeriana na face da finitude. O homem beckeriano nasce e vive sua vida em direção à ausência de certezas que a morte proporciona. Essa constatação é a pura essência da angústia.

Como a angústia nos deixa sem chão! E poderíamos pensar que Becker resolveu a questão ao nos presentear com a possibilidade de mentirmos para nós mesmos e, desta forma, negarmos e fugirmos de toda angústia que nos aniquila. Mas a equação não é simples assim, pois, mesmo usando da mentira vital, o animal humano não sai ileso. Kierkegaard demonstra que há duas possibilidades no conceito de angústia: uma, objetiva e outra, subjetiva. De acordo com Guarnieri,

A angústia objetiva é a angústia da inocência, que é um reflexo interior da liberdade possível; a angústia da criação: é aquele que deseja e não é por acaso que cai neste estado de angústia. É na angústia objetiva que se anuncia o estado do qual se deseja sair, e é ela própria que nos avisa que não basta apenas o desejo para que se consiga sair deste estado.<sup>40</sup>

Quando o homem se encontra dentro da angústia objetiva, ele ainda consegue mensurar o objeto do seu sentimento. Já na angústia subjetiva, o estado

---

<sup>38</sup> Dicionário Aurélio.

<sup>39</sup> M. C. GUARNIERI, *Angústia e Conhecimento: uma reflexão a partir dos pensadores religiosos Franz Rosenzweig, Soren Aabye Kierkegaard e Qohélet*, p. 144.

<sup>40</sup> *Ibid.*, p. 136.

que o sentimento se processa é vertiginoso e o indivíduo acaba se apoiando em uma sensação subjetiva, que é a infinitude para sobreviver a esse estado. Segundo Kierkegaard, a angústia subjetiva “é a angústia da vertigem da liberdade, que nasce quando, ao querer o espírito instituir a síntese, a liberdade mergulha o olhar no abismo das suas possibilidades e se agarra à finitude para não cair”.<sup>41</sup>

Becker não faz uma divisão tão metodológica da definição de angústia em sua obra. Mas é incontestável que a descrição que o autor faz da vivência da angústia no animal humano é baseada na de Kierkegaard. Becker não afirma que a mentira vital cura o ser humano da angústia, ela só possui uma ação que permite a melhor adaptação deste indivíduo ao meio onde está inserido. A psicologia trata de uma série de casos clínicos em que o paciente não consegue ter eficácia no processo de negação de suas angústias. A Própria TMT<sup>42</sup> instrumentaliza os psicólogos e os psiquiatras a trabalhar com pacientes que viveram uma situação extremamente traumatizante, como um atentado terrorista, a conseguirem lidar com suas angústias e voltarem a viver com certa tranquilidade. O caso de um atentado terrorista é um exemplo da angústia objetiva, ou seja, ela possui o objeto, que é a perda de um ente querido, onde terá que vivenciar a elaboração do seu luto, que promove aos que ficam um contato de consciência da finitude que nos gera angústia.

Utilizando ainda o exemplo de um atentado terrorista, e para ser mais específica, o de 11 de setembro nos Estados Unidos, podemos mostrar a outra forma de sentir a angústia objetiva, que se dá pela ação da constatação da fragilidade que temos. Nem em um país de primeiro mundo, onde se tem os melhores sistemas de proteção à segurança nacional, os habitantes saíram ilesos. A ação terrorista fez a população estado-unidense comprovar a fragilidade de sua nação, que acabou por gerar uma ameaça iminente ao poder que a nação exercia em relação aos outros países do mundo, como aos seus próprios habitantes. Poder esse que foi reconquistado no dia 01 de maio de 2011, por uma ação militar americana, quando o terrorista Osama Bin Laden foi morto. O que assistimos nos

---

<sup>41</sup> S. KIERKEGAARD, *O Conceito de Angústia*, p. 93.

<sup>42</sup> TMT: Teoria de Administração do Terror.

noticiários foi a descrição de como ocorreu sua morte e a comemoração da população, que se sente vingada e volta a vivenciar a falsa sensação de segurança e poder de sua nação. E essa sensação só foi reestabelecida porque a morte do terrorista serviu de fio condutor para que a mentira vital fosse novamente instituída.

Já a angústia subjetiva está ligada a um conceito teológico: o conceito de pecado que, para Kierkegaard, anda ao largo do conceito de desespero. “O desespero é identificado como pecado e, portando, o pecado reside na vontade.”<sup>43</sup> Vivenciar a vontade é sair de um esquema que nos mantém protegido. Vivenciar a vontade é ser infinito, e a condição humana, isto é, a consciência, não comporta tamanha ambição. Quando o homem beckeriano vivencia a vontade, acaba renegando quem lhe deu a vida. Vemos nas nossas relações, e um exemplo seria a relação da mãe com seu filho, que as vontades individuais nem sempre são compatíveis, pois para viver uma vontade, na maioria das vezes, a outra tem que morrer. Matar a vontade da mãe não é renegá-la? Matar a vontade do filho não é impossibilitá-lo de fazer suas escolhas? Esse exemplo é concreto, mas que facilmente poderia se encaminhar em direção da origem do mundo e da vida. Quem nos deu a vida? Devemos ou não obediência a ele? A resposta destas questões, encaixa o indivíduo em um esquema lógico que sustenta sua vida. Suas crenças, independente da origem, sustenta-o frente às questões que não possui respostas objetivas, como a relação da mãe com o seu filho. Diante da realidade complexa de quem nos deu a vida, acreditar em Deus é garantia de respostas e não cometer pecados é garantia de controlar nossas angústia.

Voltando à questão da angústia objetiva, descrita por Kierkegaard, a angústia com o objeto, Becker acredita que as diversas formas de enfrentá-la, umas mais eficazes do que outras, é certo, são propiciadas pelo desenvolvimento psicológico do indivíduo, desenvolvimento construído por seus pais e cuidadores. Quando nascemos, somos inteiramente dependentes, pois, além das limitações físicas, não possuímos ainda uma estrutura mental e psicológica desenvolvida para que

---

<sup>43</sup> M.C.GUARNIERI, *Angústia e Conhecimento: uma reflexão a partir dos pensadores religiosos Franz Rosenzweig, Soren Aabye Kierkegaard e Qohélet*, p. 158.

tenhamos a compreensão do mundo e dos nossos sentimentos. Nas palavras de Becker:

Embora a criança não tenha conhecimento de uma ideia abstrata como a negação absoluta, tem suas ansiedades próprias. [...] Se a criança fosse abandonada à própria sorte, seu mundo iria despencar, e seu organismo deve perceber isso em determinado nível; chamamos isso de ansiedade pela perda do objeto. Não será essa ansiedade, então, um medo natural, orgânico, de aniquilamento? Há os que consideram esta questão muito relativa. Acreditam que se a mãe tiver cumprido sua tarefa de maneira carinhosa, que inspire confiança, as ansiedades e culpas naturais da criança irão desenvolver-se de forma moderada, e ela conseguirá colocá-las firmemente sob o controle de sua personalidade em desenvolvimento.<sup>44</sup>

Assim sendo, a angústia objetiva, que de fato ocorrerá ao longo de nossas vidas, terá uma frequência maior em alguns indivíduos: aqueles que não tiverem, por parte de seus cuidadores, a promoção e a construção desta zona de segurança. Temos que transcender a nós mesmos para enfrentar a angústia. Mas, como indaga Becker, “como é que alguém transcende a si mesmo, como é que esse alguém se abre à nova possibilidade?” [Ao que ele responde:] “percebendo a verdade de sua situação, dissipando a mentira de seu caráter, fazendo com que seu espírito seja libertado de sua prisão condicionada”.<sup>45</sup> Ou, poderíamos também dizer, aceitando que essa prisão condicionada que estabelecemos para nós mesmos seja a melhor alternativa para a adaptação da espécie.

Becker, ao longo de sua obra, foi perdendo a esperança de encontrar uma solução definitiva que promovesse ao animal humano a cura de sua angústia. E se ampara no pensamento de Rank para descrever sua descrença:

Foi Rank quem admitiu muito cedo que a angústia não podia ser completamente superada por meios terapêuticos, e eis que ele tinha em mente: é impossível enfrentar sem angústia o terror da condição de indivíduo. Foi Andras Angyal quem chegou ao cerne da questão do renascimento psicoterapêutico, quando disse que o neurótico que recebeu tratamento médico é como um associado dos Alcoólatras Anônimos: nunca poderá aceitar sua cura como definitiva, e o melhor sinal da autenticidade dessa cura é o fato de ele viver com *humildade*.<sup>46</sup>

---

<sup>44</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 33.

<sup>45</sup> *Ibid.*, p. 114.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 83. (grifos do autor)

Viver com humildade frente à nossa condição é o grande trunfo que Becker nos deixa. Somos animais; somos limitados; e somos incapazes de conviver com essa constatação sem a angústia. E para essa condição, não há cura. Viver a angústia e aprender a conviver com ela é o preço que o animal humano tem que pagar.

### **3.5 A fronteira entre a Psicanálise e o Existencialismo**

Pensar na fronteira entre a psicanálise e o existencialismo é, dentro da perspectiva do homem beckeriano, importantíssimo, uma vez que sua leitura foi plural. Tanto a psicanálise como o existencialismo tratam de questões sobre o ser humano, porém, a estrutura teórica e a interação com o indivíduo são de naturezas muito distintas. Becker se sustenta teoricamente nas duas correntes para falar sobre as questões do animal humano. Para ele, a psicanálise tem o valor de promover ao indivíduo a possibilidade de autoconsciência, enquanto a psicologia existencial possibilita as reflexões frente aos dilemas da existência, coisa que a psicanálise não faz. Freud fez a leitura do homem como animal, considerando sua condição de criatura. Kierkegaard, que é um dos representantes da psicologia existencial, construiu uma teoria sobre o sofrimento do homem, seu desespero e sua angústia. Freud, a partir dos instintos do animal humano, criou os conceitos de inconsciência, pré-consciência, consciência, Id, Ego Superego<sup>47</sup>, e como esses conceitos se articulam na estrutura neurótica do indivíduo, desenvolvendo a teoria psicosssexual e dos mecanismos de defesa. Kierkegaard postulou que o indivíduo pode viver em uma “semi-obscuridade” ou em um “confinamento” interior em relação à sua autoconsciência, e que destas duas posturas resultam atitudes distintas de enfrentamento ao sofrimento. O autor abordou, ainda, os tipos de angústia e o desespero que o homem experimenta diante da vida, sua posição de criatura e o quanto a religião poderia auxiliar ou até mesmo arruinar sua vida. Mas o que é decisivo nas diferenças entre Freud e Kierkegaard é que o primeiro vê o homem exclusivamente como animal instintual, ou seja, uma estrutura ligada mais a uma

---

<sup>47</sup> Cf. capítulo II.

tentativa de fazer uma ciência com as suas descobertas, e o segundo vê o ser humano composto de uma dualidade, ou seja, metade animal e metade anjo, sem uma preocupação aparente de misturar sua leitura filosófica e psicológica com a teológica.

Becker concorda até certo ponto com Freud, mais possui críticas da forma exclusiva com a qual ele abordou a condição de criatura do homem. Becker esperava mais da teoria de Freud e, então, encontrou em Rank e Brown, que são seguidores da psicanálise Freudiana, possibilidades de ver uma interação e uma leitura teórica diferente. Em suas palavras:

Freud compõe o detalhe mais contemporâneo de seu pensamento: o pessimismo baseado na realidade e na verdade científica. A questão explica ainda mais. A obstinada insistência de Freud na condição de criatura do homem explica, quase que por si só, por que ele insistia numa visão instintual do homem, isto é, explica o que há de errado com a teoria psicanalítica. Ao mesmo tempo, com uma ligeira modificação na abordagem dessa teoria, como a feita primeiro por Rank e agora por Brown, a ênfase psicanalítica na condição de criatura surge como a duradoura compreensão relativa ao caráter humano.<sup>48</sup>

Segundo Becker, essa foi a primeira relutância de Freud: ele sustenta a leitura instintual, racional, sem considerar os afetos. “Os psicanalistas falam de angústia sem afeto.”<sup>49</sup> Os psicanalistas buscam aonde residem as ilusões que o indivíduo construiu para tornar a sua vida viável. E com essa constatação nos iludimos, nenhum ser humano gostaria de vivenciar, encarar essa verdade de que mentimos para nós mesmos; isso é aterrorizante. E a segunda grande relutância de Freud, segundo Becker, é a dificuldade que o homem tem em ceder: “a primeira coisa que parece surgir com clareza sobre a postura de Freud em relação à realidade é que, como muitos homens, ele tinha dificuldade em ceder”<sup>50</sup>. Quem acaba cedendo na teoria psicanalítica são os seus sucessores Rank e Brown, que Becker cita inúmeras vezes.

---

<sup>48</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 124.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 135.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 136.

Pensar na angústia sem afeto, como os psicanalistas fazem, é o oposto da leitura kierkegaardiana sobre a angústia. Becker vê nesta última uma estrutura diferente da encontrada na psicanálise: “em Kierkegaard, psicologia e religião, filosofia e ciência, poesia e verdade fundem-se imperceptivelmente nas aspirações da criatura”<sup>51</sup>. Para Becker, a diferença entre as duas abordagens está no conceito de angústia: “em outras palavras, enquanto o homem for uma criatura ambígua, nunca poderá abolir a angústia; o que pode fazer, em vez disso, é usar a angústia como uma eterna mola para prosperar em novas dimensões de pensamento e confiança”<sup>52</sup>.

Becker acredita que Freud usa seu pessimismo a favor da descrição que constrói sobre o homem, destruindo suas ilusões, mas acaba vivendo sua própria ilusão de que em sua teoria se encontraria todas as respostas sobre o homem. Becker julga que Freud faz sim, uma boa leitura do homem, porém ela necessita ser complementada com a de Kierkegaard para se tornar mais consistente. Pois, Kierkegaard se posiciona, frente à ilusão, de forma muito diferente, considerando que, se o homem não mentisse para si próprio, a situação poderia ser muito diferente da vista. Becker observa que

Kierkegaard não precisou viver em nossa época para compreender essas coisas. [...] ele já as via prefiguradas no seu tempo, porque compreendia o quanto custa mentir a respeito de si mesmo. Todos os caracteres que esboçou, até aqui, representam graus de mentiras do homem a respeito de si mesmo em relação à realidade da condição humana. Kierkegaard se dedicou a esse exercício extremamente difícil e incrivelmente sutil por uma só razão: ser capaz, finalmente, de concluir, com autoridade, como uma pessoa seria *se não mentisse*<sup>53</sup>.

Toda a ontologia do ser se estrutura de forma diferente no existencialismo em relação à estrutura psicanalítica. Para o existencialismo, a existência está sobre a essência. Diferente da psicanálise que tenta descrever a composição e a dinâmica do pensamento. Para Becker, a psicanálise enquanto abordagem psicológica apenas promove a psicologização do indivíduo. Ou seja, suas abordagens não se

---

<sup>51</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 121.

<sup>52</sup> *Ibid.*, p. 120.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 113. (grifos do autor)

direcionam às questões da existência e da essência do homem. Mesmo com essa constatação, Becker não descarta sua importância, pois ela promove o poder do autoconhecimento, possibilita ao indivíduo o reconhecimento de sua culpa, de suas angústias e de seus medos. Mas, inquieta-se Becker, o que fazer com esse conhecimento? Ou, melhor, o que fazer com esse autoconhecimento? De fato é até desejável, mas é, também, aniquilante, pois de quê adianta reconhecer e conhecer, se a própria psicanálise não conseguiu dirigir o homem para a cura? “A hostilidade contra a psicanálise, no passado, hoje e no futuro, será sempre uma hostilidade contra o reconhecimento de que o homem vive à custa de mentir para si mesmo sobre si mesmo e sobre o mundo, e de que o caráter [...] é uma mentira vital.”<sup>54</sup> Por outro lado, Becker vê em Kierkegaard o futuro da psicologia. O autor mostra que a filosofia kierkegaardiana possui uma estrutura de relevância analítica e reflexões importantíssimas sobre o dilema existencial vivenciado pelo homem. A filosofia em questão chega até a promover certa antecipação de alguns dados contidos na psicologia clínica moderna. E, sem dúvida, Kierkegaard demonstra que há sim uma relação intensa entre a psicologia e a religião, pois toda busca de sentido vivenciada pelo homem para administrar sua angústia o leva de encontro com a fé, diferente da psicanálise, que promove ao indivíduo o conhecimento, mas não sinaliza a direção que este deve seguir. Para Kierkegaard, a fé, o crer, é uma possibilidade. Com essas observações, Becker visualiza a possibilidade da unificação dos conhecimentos propostos em estabelecer a Ciência do Homem: “uma das principais coisas que tento fazer neste livro é apresentar um resumo da psicologia de Freud, voltando a relacionar toda a evolução da psicologia ao ainda eminente Kierkegaard. Defendo, pois, uma fusão da psicologia com a perspectiva mítico-religiosa”<sup>55</sup>.

Becker defende uma visão unificada do homem, o que está próximo da descrição de Rank, para quem é difícil termos uma leitura fragmentada do animal humano, pois as demandas emocionais, experienciais, espirituais e sociais fluem ao mesmo tempo. E se elas estão fluindo ao mesmo tempo, porque fragmentá-las e desconsiderá-las no momento em que construímos o conhecimento sobre o ser

---

<sup>54</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 76.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 13.

humano? Becker nega essa ideologia de ler o animal humano em partes e propõe duas soluções para a aproximação da psicanálise ao existencialismo. A primeira está ligada à possibilidade que a religião fornece de sermos heróis, independente de raça, cor, situação financeira ou poder, todos têm mesma possibilidade de se tornarem heróis. “O cristianismo pregava a consciência de criatura – a coisa que o homem mais queria negar – e a transformava na própria condição para o heroísmo cósmico do homem”.<sup>56</sup> E ainda insere ainda nesta solução o amor, que possibilita, segundo Becker, que se tenha atos heróicos. “Meu amor é como Deus; se ele me aceitar, minha existência é utilizada.”<sup>57</sup> Assim, o autor considera o amor como uma possibilidade de transformar o animal humano e se baseia na afirmação de Rank de que a dificuldade que o homem tem em seus próprios relacionamentos se dá pela dificuldade que ele possui em se relacionar com o divino. A outra solução proposta por Becker, nomeada como uma solução criativa, reside na possibilidade da individuação, ou seja, o indivíduo acaba, na evolução de seus processos infantis, constituindo sua consciência geral e, em especial, sua autoconsciência que, para Becker, é uma via para conseguir ser herói e se justificar do seu heroísmo, e, somente desta forma o indivíduo conseguiria viver o paradoxo humano.

Para Becker, portanto, é na fronteira entre psicanálise e existencialismo que podemos iniciar a unificação do conhecimento que possuímos sobre o animal humano, deixar de vê-lo apenas como ser biológico, passando a enxergá-lo em suas múltiplas faces.

### **3.6 Becker e Kierkegaard na descrição da fé**

As influências kierkegaardianas fizeram com que Becker pensasse e escrevesse sobre a psicologia da religião. Área do conhecimento que reside atualmente nas Ciências da Religião<sup>58</sup>, possui inúmeras possibilidades de estudos e

---

<sup>56</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 198.

<sup>57</sup> *Ibid.*, p. 199.

<sup>58</sup> Ciência da Religião é uma área de investigação sistemática que possui um enfoque multidisciplinar sobre assuntos relacionados com as diversas religiões existentes. Cf. H. J. GRESCHAT, *O que é Ciência da Religião*, p.18-44.

pesquisas, e a teoria de Becker se encaixa perfeitamente neste campo, pois propõe uma ciência multidisciplinar, tendo, como objeto, o homem.

Certamente, Becker utilizou, em sua articulação teórica, o exemplo clássico de heroísmo do “cavaleiro da fé” descrito por Kierkegaard, em sua obra *Temor e Tremor*. De acordo com Becker,

O ideal do cavaleiro da fé é, sem dúvidas, um dos mais belos e desafiadores ideais propostos pelo homem. Está incluído na maioria das religiões, de uma forma ou de outra, embora ninguém, acho eu, tenha descrito em detalhes com tanto talento quanto Kierkegaard.<sup>59</sup>

Na teoria beckeriana, a fé é um ideal, e todo ideal é uma ilusão, mas no caso específico da fé, é uma ilusão criativa que leva o indivíduo à possibilidade de vivenciar os seus paradoxos, transcendendo sua condição de criatura. Acreditar em Deus dá ao crente a possibilidade de ser filho de Deus e se for eleito, se a graça de Deus agir em sua vida, esse indivíduo poderá ter o salto para a fé. A fé capacita e certifica o indivíduo como “eleito” e, assim, estabelece para si a possibilidade de transcender a condição de criatura. Amparados por Deus, deixamos de temer a finitude, pois temos a vasta possibilidade da infinitude. Um ótimo exemplo desta postura, que luta pelo seu ideal, é a figura do “cavaleiro da fé” descrita por Kierkegaard:

O ideal do cavaleiro da fé é, sem dúvidas, um dos mais belos e desafiadores ideais propostos pelo homem. Está incluído na maioria das religiões, de uma forma ou de outra, embora ninguém, acho eu, o tenha descrito com tantos detalhes com tanto talento quanto Kierkegaard. Como todos os ideais, é uma ilusão criativa, com a finalidade de liderar os homens, e liderar homens não é uma coisa mais fácil que se possa fazer. Como disse Kierkegaard, a fé é o que há de mais difícil: ele se colocava entre a crença e a fé, incapaz de dar o salto. Afinal, o salto não depende do homem – e aí é que está a dificuldade: fé é uma questão de graça.<sup>60</sup>

Segundo Guarnieri, a fé do personagem bíblico Abraão, descrito em *Temor e Tremor*, está centralizada na promessa que Deus faz ao homem:

---

<sup>59</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 308.

<sup>60</sup> *Ibid.*, p. 308.

É a Fé em Iahweh que dá origem à tradição religiosa monoteísta. Depois da morte do pai, Abrão (assim denominado antes da aliança, que significa pai elevado) ouve pela primeira vez a voz de Deus que lhe promete terra e descendência se for a Canã. No momento da aliança, Abrão passa a se chamar Abraão (pai da multidão). Sua esposa de Sarai para Sara, a quem Deus promete: “Eu te abençoarei e te darei um filho. Eu te abençoarei e ela será mãe das nações e dela sairão reis”. A promessa de Deus se realiza, porém depois de muitos anos de espera. A fé de Abraão suporta a espera, pois Isaac era o filho da promessa, que sela a aliança de Deus com os Homens<sup>61</sup>.

Na descrição kierkegaardiana de Abraão, Becker vê que a promessa feita por Deus, para com o homem, somente pode ser concretizada, se houver de fato a crença em Deus. Abraão teve que crer no ideal de vida proposto por Deus, para ter o encontro com a fé, que foi o que o auxiliou na espera que a promessa fosse concretizada. Ser fiel ao ideal imposto por Deus, faz de Abraão a personificação do herói, faz com que ele carregue o título de “cavaleiro da fé”, pois ele defendeu e acreditou na promessa de Deus. Assim, o homem beckeriano também encontra na fé múltiplas possibilidades, mas a principal é a negação de sua finitude. “A fé propõe uma nova tarefa para a vida, a aventura da receptividade de uma realidade multidimensional”<sup>62</sup>. As múltiplas possibilidades geram, diretamente ao indivíduo, angústia. A angústia direciona o homem a buscar respostas e, quando as encontra na fé, experimenta a sensação de paz. Diferente do homem moderno que busca, muitas vezes, suas respostas na ciência, e, como não as encontra, só alimenta sua angústia, pois se defronta apenas com sua finitude. O “cavaleiro da fé” busca em Deus respostas que dão a segurança da infinitude. Com a ciência somos finitos e com a fé temos a possibilidade de sermos infinitos. Para Becker:

Repetidas vezes, ao longo de seus trabalhos escritos, Kierkegaard repete a fórmula básica da fé: somos uma criatura que nada pode fazer, mas existimos em face de Deus vivo para quem “tudo é possível”. Toda a sua argumentação se torna cristalina, como a chave de abóbada da fé corando a estrutura. Podemos compreender o motivo pelo qual a angústia “é a possibilidade de liberdade”: ela derruba “todas as metas finitas” e, assim, “o homem que for educado pela

---

<sup>61</sup> M. C. GUARNIERI, *Angústia e Conhecimento: uma reflexão a partir dos pensadores religiosos Franz Rosenzweig, Soren Aabye Kierkegaard e Qohélet*, p. 162.

<sup>62</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 121.

possibilidade será educado de acordo com a sua infinitude". A possibilidade não leva a lugar algum se não levar a fé.<sup>63</sup>

Becker acredita que a autoconsciência do indivíduo, e a análise que ele faz ao longo de sua existência, pode conduzi-lo para o mesmo caminho que Abraão percorreu: "a melhor análise existencial da condição humana leva diretamente ao problema da existência de Deus e da fé"<sup>64</sup>. Becker teve perspicácia em perceber, ao se apoiar em Kierkegaard, que se a psicologia continuar a andar sozinha, acabará se limitando a descrever processos mentais, a utilizar técnicas para a melhoria das atitudes do indivíduo, mas não promoverá a cura. E acredita que, se houver alguma possibilidade de cura, ela está na psicologia, mas sim nesta fusão bravamente defendida. Ou seja, a psicologia da religião passa a ser uma possibilidade para que os psicólogos, e incluiria os psicanalistas, compreendam que tanto a psicologia como a psicanálise não contemplam a todas as possibilidades que a psicologia da religião pode fornecer. Qual seria a análise psicológica de uma figura como Santa Teresa D'Avila<sup>65</sup>, Marguerite Porete<sup>66</sup> e até do próprio Jesus Cristo? Será que a psicologia está preparada para a complexidade desta análise? Becker sabia que não. Mesmo a leitura analítica tendo o seu valor, para Becker o verdadeiro valor reside no encontro do homem beckeriano com a possibilidade da fé.

Assim, fé, para Becker, é a possibilidade de firmeza ao homem beckeriano, o ser heróico, que caminha em direção à execução de sua vida. Execução no sentido pleno da palavra, ou seja, o homem que caminha para a sua morte e, mesmo assim, em algum momento de sua vida angustiante, questiona-se e encontra respostas na promessa e no compromisso que Deus faz ao homem, independente da religião que esse indivíduo professe. E com esse encontro e confronto com a promessa, ele passa a crer em Deus e, crendo, Deus pode lhe conceder a graça deste indivíduo dar um salto para a fé.

---

<sup>63</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 119.

<sup>64</sup> *Ibid.*, p. 94.

<sup>65</sup> Famosa religiosa espanhola, muito conhecida pela escrita de obras místicas.

<sup>66</sup> Famosa escritora francesa que se dedicou a escrever obras místicas como *O Espelho das almas Simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor*.

### 3.7 A fé e sua relação com a *causa sui*

A teoria beckeriana nos propõe muitos desafios, em virtude da sua metodologia. Mas, decisivamente, um dos maiores é pensar sobre o finito *versus* infinito. Viver é um desafio, viver e ter consciência da finitude é um desafio ainda maior. Por essa postura, Liechty classifica Becker como um autor pós-liberal:

Ernest Becker, portanto, se apresenta como um teórico verdadeiramente pós-liberal. Desenhou o estudo do comportamento humano com tamanho empenho, a fim de melhorar a vida individual e social do homem, ele foi finalmente forçado a concluir que a história do progresso humano inevitavelmente abriu a ele uma grande dúvida, e que, além disso, o núcleo da natureza humana não foi utilizado, assim, estabelece uma luta frenética para encontrar as respostas a respeito do humano, no espiritual e teológico também.<sup>67</sup>

Considerar que no núcleo do homem há perspectivas de ordem espiritual e teológica faz com que o projeto *causa sui*, que é toda a sua estrutura de crença, significados e sentidos que emprega para a vida, possibilite que o homem crie as condições necessárias para que Deus promova a graça de haver um verdadeiro encontro com a fé. Assim como Kierkegaard, Becker visualiza que o animal humano possui dentro de si um dualismo onde é metade animal e a outra metade anjo, e a fé é uma possibilidade de expressão da metade anjo que o homem beckeriano possui.

Toda a fragilidade do animal humano se dá em virtude da constituição dual que possui. Esse paradoxo, de ser metade animal metade divino, faz com que ele constate que existem forças que operam dentro de si que independem de sua vontade. E ter consciência que nem tudo o que vivencia e sente está em seu comando, faz com que, o animal humano sinta medo. Assim, acaba em inúmeros momentos se comportando como um covarde, vendo suas forças serem engolidas e, conseqüentemente, sentindo-se limitado. E em outros, comporta-se como um herói, enfrenta com muita coragem as angústias promovidas pela sua existência dual e,

---

<sup>67</sup> Daniel LIECHTY, *Transference and Transcendence: Ernest Becker's Contribution to Psychotherapy*, p. 24.

com isso, sente-se com uma força ilimitada. Conviver com essa dualidade é o que ele tem que fazer para não se ver impotente frente a Deus. Liechty acredita que todas as vezes que o homem perde suas forças é porque os dualismos existentes em si não estão convergindo para um ponto único, ou seja, o lado animal do homem caminha para uma direção e seu lado anjo caminha para outra. Por sua vez, a postura do herói é exatamente oposta à descrita: o lado animal caminha para a mesma direção que o lado anjo.

Deve ser salientado que, ao apresentar a existência humana em termos de forças dialéticas, Becker não quis postular essas forças como dualismos absolutos. Mas que os sentidos são duais. Eles são dualismos experienciais. Com efeito, Becker estava dizendo que a vida humana é uma confluência de opostos. Mas que a nossa sociedade tende a pensar em opostos de forma exclusivas<sup>68</sup>.

Esses opostos, que os animais humanos tendem a ver como formas exclusivas, concentram-se em seus desejos e instintos, o que se refere a seu lado animal, e o outro oposto se concentra no lado anjo do animal humano, que se encarrega de fazer o que é correto, tendo a moral como um fio condutor de sua ação. Becker acredita que no encontro destes opostos, se ambos estiverem operando para um mesmo objetivo ou sentido, o ser humano terá mais possibilidades de eficácia em sua vida. E estes opostos não são os únicos; temos, ainda, a vida e a morte, o bem e o mal, o certo e o errado, e é no ponto de intersecção destes dualismos que reside o homem. Constatando a dualidade, Becker também verifica que o indivíduo tende a observar e agir apenas por um de seus opostos, apenas por um dos lados das múltiplas possibilidades duais que ele possui. Desta forma, acredita que um bom projeto *causa sui* teria que incorporar o encontro entre os dualismos, para que a parte animal e divina do homem tivessem o mesmo projeto, que caminhassem para a mesma direção.

Becker afirma, ainda, que o animal humano não possui autonomia ontológica. Ou seja, o indivíduo não possui sua estrutura formada, nem física, nem social e nem psicológica, quando nasce. Desta forma, os valores, a moral, as regras, acabam

---

<sup>68</sup> Daniel LIECHTY, *Transference and Transcendence: Ernest Becker's Contribution to Psychotherapy*, p. 23.

sendo adquiridas posteriormente. Não nascemos com os elementos necessários para viver, eles nos são dados pela vida, nos relacionamentos que estabelecemos com nossos cuidadores, com o mundo, com a cultura, enfim, é nestas interações que o animal humano encontrará possibilidades de adquirir o que é fundamental para a sua existência. Assim, acaba sempre necessitando recorrer a um estatuto exterior para atribuir e administrar os significados que liga o seu ser à vida. E ainda, quando se é criança, não se possui a possibilidade de escolha em virtude da fragilidade que a espécie humana possui, de sua dependência de um cuidador, e, por isso, as escolhas são colocadas nas mãos dos outros, o que traz, como consequência, que boa parte da formação do indivíduo ocorra segundo o que o externo dita que seja melhor. Becker diz que:

Todos os nossos significados nos são inculcados pelo lado de fora, pelas nossas relações com os outros. É isso que nos dá um 'eu' e um superego. Todo o nosso mundo de certo e errado, bom e mau, nosso nome, exatamente quem somos, tudo isso é enxertado em nós. Nunca sentimos que temos autoridade para oferecer coisas por nossa conta.<sup>69</sup>

Neste sentido, aquilo que chamamos de caráter, por exemplo, nada mais é do que uma ideia que temos de uma individualidade simbólica autosubsistente, mas isso é uma grande ilusão que resulta de um processo de negação defensiva, de um instinto medroso, isso é a mentira vital. Poderíamos pensar, assim, que os traços de caráter contidos na constituição do indivíduo nada mais são do que um processo neurótico que reflete a forma como reagimos às questões da vida, da morte e da existência.

O que é fascinante no animal humano é que, mesmo sem autonomia ontológica, mesmo sabendo que boa parte do que é ele é designada pelos outros e pelas próprias defesas que ele constrói para si, a fim de viver, ele ainda consegue ir à luta para a construção de sentidos que imortalizem a sua existência. É neste ponto em que a fé possui uma relação direta com o projeto *causa sui*.

Vimos que a definição de fé, em Becker, está estruturada na forma como esse indivíduo se liga à sua vida. Para que haja a fé, o homem beckeriano estabelece o

---

<sup>69</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 72.

projeto *causa sui* de tal forma que sua vida se organiza de forma diferenciada. E esta forma diferenciada é dada a partir de como esse indivíduo enfrenta sua finitude. O indivíduo tem que dar um salto em direção às possibilidades que ele possui para vivenciar sua infinitude. Para tornar-se infinito é necessário firmeza para atingir a busca de sentido, a coragem heróica para superar os obstáculos impostos pela finitude e a esperança agindo a favor da confiança de que a promessa de sua infinitude seja concretizada. É não ter medo de ser plenamente “homem”. Para Becker,

Kierkegaard tinha uma fórmula própria para o que significava ser um homem. Ele a expôs naquelas páginas admiráveis nas quais descreve o que chama de “o cavaleiro da fé”. Essa figura é o homem que vive na fé, que entregou o significado da vida ao seu criador e que vive concentrado nas energias do seu Deus. Aceita sem reclamar o que quer que aconteça nessa dimensão visível, vive a vida como um dever, enfrenta a morte sem receio.<sup>70</sup>

Crer é fundamental para que o projeto *causa sui* tenha possibilidade de se estabelecer no homem. A promoção de sentidos e significados é o que move o animal humano. Assim, a crença no divino, que o conduz para a fé, também é fonte de significados e sentidos. E é de força inigualável, uma vez que o crer e a fé o leva a respostas que a ciência não conseguiu construir. Muitos homens não acreditam somente nas respostas científicas; geralmente, queremos nos cercar de todas as possibilidades de respostas que nos aliviem da angústia sentida pela finitude. Se questionarmos a um médico, por exemplo, o que acontecerá com o paciente que acabou de falecer, ele provavelmente descreverá, de forma científica, o modo como o corpo deste indivíduo entrará no estado de “apodrecimento” ou decomposição”. Agora, se fizermos essa mesma questão a um padre, pastor, rabino, monge budista ou até mesmo a um mestre espiritual, encontraremos as mais variadas respostas sobre o que acontecerá após a morte. Aos que conseguem crer, as respostas promovidas por qualquer que seja a religião irá enchê-los de esperança para com a promessa que as respostas lhes fornecerá. Ninguém é forçado a crer, é sempre uma opção: há aqueles que optam pela crença a alguma forma de divindade e outros que

---

<sup>70</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 308.

preferem crer na ciência. Em ambos os casos, busca-se respostas para sustentar a instalação do projeto *causa sui*. Em qualquer caso, o homem sente a angústia frente à finitude e busca a infinitude, porém os crentes no divino encontram esse caminho de sentidos via fé. E os céticos, as pessoas que não acreditam em uma verdade absoluta, buscam outros caminhos, mas que certamente lhe darão respostas. O próprio Freud é um exemplo de um cético em relação às religiões, que fez da ciência o seu sistema de crença, o seu projeto *causa sui*. Para Becker, Freud é um exemplo da outra forma que o homem possui para vivenciar a possibilidade de infinitude, pois escrever um livro, fazer pintar um belo quadro, ter um filho, são possibilidades de se tornar infinito dentro da finitude. E a prova disso é que, até hoje, estudamos as obras de Freud, e não somente dele, mas do próprio Becker e de tantos outros.

É por reconhecer que tanto as ciências, como a filosofia ou a teologia possuem vastas possibilidades que levam o animal humano a crer e, conseqüentemente, ter fé, que Becker pensou na unificação destes conhecimentos. Não que se estabelecesse apenas um conhecimento, mas que todos fossem estudados como parte integrante da “Ciência do Homem”. Becker não quis converter ninguém aos ideais cristãos de Kierkegaard, mas mostrar que neste autor reside um sistema de crenças que pode ajudar o homem a fazer um encontro com a fé e, assim, a negação da finitude pode assumir uma forma menos angustiante. Buscou compreender o homem, sob tantas outras faces, recorrendo a diversos sistemas de crença, como o de Freud, de Rank, de Brown, de Heidegger, de Nietzsche, dentre outros, e com essas leituras formou o seu próprio sistema de crença: o medo da morte.

### **3.8 O homem beckeriano e sua relação com a angústia e a fé**

A relação da angústia com a fé, no homem beckeriano, é a temática que trataremos neste item. Toda a descrição teórica realizada até o momento foi para que o leitor compreendesse a forma como Ernest Becker entende essa relação. É na angústia que tudo começa, é na angústia que o homem se faz. E se faz no sentido de que todas as buscas e anseios que o animal humano possui são movidos pela angústia, que nada mais é do que a ânsia que o homem tem de ser livre. Todavia,

essa liberdade procurada não se refere ao sentido de ir e vir. O sentido do ser livre está ligado à possibilidade de não sentir angústia. A angústia aprisiona dentro de um quadro sintomático enloquecedor. Invade o nosso espaço mais íntimo e profundo e nos rouba os pensamentos, o nosso tempo e, em alguns momentos, até as nossas atitudes. E quando isso acontece, é a angústia que passa a nos governar. É desta sensação que o homem beckeriano quer se libertar. Libertar-se dos sentimentos que a angústia causa: culpa, medo, pavor, temor, ansiedade, náusea, dores estomacais, tremores, sudorese, enfim, o homem sonha em poder escolher se quer ou não sentir isso. Mas o animal humano não tem escolha, pois a angústia é o que o faz humano, a angústia faz parte da essência do homem.

Nascer e morrer, esse é o percurso que seguimos. Mas, emocionalmente, essa constatação não é simples, como as palavras podem fazer crer. E não é simples, porque esse é o ponto inicial, onde a angústia se instala. Não há o que ser feito. A transitoriedade que vivemos, de um extremo ao outro, é o fato mais concreto que existe em nossas vidas tão abstratas. Diria que é a única certeza que temos, pois, as demais, serão construídas ao longo de nossa existência. Pensando ainda na angústia, se ela é o ponto inicial, o que reside na outra extremidade? Para Becker, é a possibilidade do animal humano fazer um encontro de fé. É como diz Kierkegaard: “a angústia é o possível da liberdade e só essa angústia forma, pela fé, o homem, no sentido absoluto da palavra, devorando todas as finitudes, pondo a descoberto todas as ilusões”<sup>71</sup>.

Perder essas ilusões não é uma tarefa fácil e Guarnieri postula que é na fé que encontramos a possibilidade de aprender a lidar com a angústia e a finitude. De acordo com a autora,

A fé é uma escola do finito, uma sabedoria da finitude. A angústia encaminhará o ser ao seu caminho, mesmo que ele não deseje ir – conscientemente falando –, a angústia o levará para onde quer ir. Pela fé, a angústia nos ensina repousar na Providência. E, em relação à culpa, a angústia nos ensinará que só na redenção encontraremos repouso. [...] a finitude pode nos ensinar muito, mas sobre a angústia ela nos revela seu pior aspecto.<sup>72</sup>

<sup>71</sup> Sören KIERKEGAARD, *O conceito de angústia*, p. 232.

<sup>72</sup> M.C. GUARNIERI, *Angústia e Conhecimento: uma reflexão a partir dos pensadores religiosos Franz Rosenzweig, Soren Aabye Kierkegaard e Qohélet*, p. 149.

A autora coloca a fé como uma possibilidade de que o homem aprenda a ter sabedoria. E a angústia mostra seu pior aspecto que, evidentemente, prefigura-se na sua dinâmica de ação interna. E, ainda, independente de nossa vontade consciente, direciona o animal humano ao encontro com a fé. Neste sentido, as religiões são os veículos que levam os indivíduos ao encontro da fé. Mas como ter fé em um mundo tão científico? Como ter fé com tantas opções convidativas que a nossa sociedade possui? Como ter fé depois de Freud? Diz Becker:

Quando Norman O. Brown disse que a sociedade ocidental, mesmo a partir de Newton, por mais científica ou secular que alegue ser, ainda é tão “religiosa” quanto qualquer outra, eis o que ele queria dizer: a sociedade “civilizada” é uma esperançosa crença de que a ciência, o dinheiro e os bens *façam com que o homem valha* mais do que qualquer outro animal. Nesse sentido, tudo aquilo que o homem faz é religioso e heróico e, no entanto, corre o perigo de ser fictício e falível.<sup>73</sup>

A fé é a armadura que o herói utiliza em sua batalha contra a angústia. Batalha essa para a qual a psicologia, ou qualquer outra ciência, não possui armas. O que os psicólogos podem fazer frente à angústia é apenas ações paliativas, pois a cura não existe. Becker acredita que o ser humano nunca encontrará a cura para a angústia: “foi Rank quem admitiu muito cedo que a angústia não podia ser completamente superada por meios terapêuticos, e eis que ele tinha em mente: é impossível enfrentar sem angústia o terror da condição de indivíduo”<sup>74</sup>. Neste sentido, quando o indivíduo se encontra com a fé, acaba aprendendo com a sabedoria que ela proporciona, anulando temporariamente as sensações que a angústia promove.

Sentimos angústia porque não queremos ser finitos. Sentimos angústia porque temos medo de morrer. E a fé, neste sentido, relaciona-se intimamente com a angústia, dando-lhe respostas que ativam, na estrutura psicológica do indivíduo, a sensação da infinitude. Promove, ainda, certezas e segurança, dá sentido para uma vida que, em si, não possui sentido. Essa ausência de sentido refere-se ao fato de vivermos um paradoxo frente à dualidade de nossa estrutura. Somos animais? Ou

---

<sup>73</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 24.

<sup>74</sup> *Ibid.*, p. 83.

somos anjos? A grande questão é que somos a soma do animal com o divino. Será que isso nos torna animais diferentes? Guarnieri acredita que sim:

Só a experiência angustiante do infinito pode apontar o reconhecimento da falta. A presença da angústia, mesmo no mundo separado de Deus, torna-se um sinal de que o humano é mais do que aquilo que se propõe a ser e desejar na não verdade. Essa inquietude nos lembra de nossa origem divina, é ela que nos revela a nostalgia de algo.<sup>75</sup>

Quando estamos de frente à possibilidade do infinito, por que ainda não nos contentamos? A resposta é simples: é a angústia que nos leva ao encontro da constatação de nossa origem. Será que a angústia é a saudade da paz que tínhamos antes do viver? Será que estávamos com Deus antes de virmos para a Terra? Será que voltaremos para Deus, depois da nossa morte? A angústia nos assola com essas e mais perguntas, e essa é a forma dela procurar a fé, pois, a todas essas questões, a ciência não responde. Somente a teologia nos responde a essas indagações. Becker acredita que o homem necessita de respostas teológicas: “o homem é um ‘ser teológico’, conclui Rank, e não biológico”<sup>76</sup>. Para Becker, o homem tem a real necessidade de apoio de sentir que está amparado e é a fé que promove esse amparo.

O homem, para se apoiar, precisa estender a mão para um sonho, uma metafísica de esperança que o sustente e torne a sua vida digna de ser vivida. Falar de esperança é dar o foco adequado ao problema. Isso nos ajuda a entender o motivo pelo qual até os pensadores de grande estrutura que chegaram ao cerne dos problemas humanos não se satisfaziam com a ideia da natureza trágica do destino do homem que esse conhecimento proporciona.<sup>77</sup>

Esse apoio que o homem procura, pode ser encontrado na fé. A face de Deus pode ser esse apoio que tanto o homem beckeriano busca e que somente na fé que

---

<sup>75</sup> M. C. GUARNIERI, *Angústia e Conhecimento: uma reflexão a partir dos pensadores religiosos Franz Rosenzweig, Soren Aabye Kierkegaard e Qohélet*, p. 148.

<sup>76</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 214.

<sup>77</sup> *Ibid.*, p. 327.

se encontra sustentado. De acordo com Blank, “a fé transmite uma imagem de Deus aos fiéis, e estes serão sustentados por ela no momento de morrer”<sup>78</sup>.

É isso que ocorre na relação da angústia com a fé. A fé nos ampara, não somente porque temos medo de morrer, mas sim porque temos um enorme desejo de viver. A ideia de perder a vida é angustiante e somente em Deus podemos nos sentir plenos, pela possibilidade de infinitude que ele nos proporciona. Para Becker,

Rank, porém, entendia que a ideia de Deus nunca foi um simples reflexo de um medo supersticioso e egoísta, como têm alegado os céticos e os “realistas”. Em vez disso, ela é um fruto da autêntica aspiração pela vida, uma tentativa de alcançar uma plenitude de significado.<sup>79</sup>

A relação da angústia com a fé leva o homem à sensação de plenitude. Somente com a angústia o homem beckeriano fará seu salto para a fé, rumo à plenitude que Deus pode promover ao homem, e isso nenhuma ciência seria capaz de proporcionar.

---

<sup>78</sup> R. J. BLANK, *Escatologia da Pessoa: vida, morte e ressurreição*, p.13.

<sup>79</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p.189.

## CONCLUSÃO

Se psicoterapeutas e cientistas caem na metafísica com tanta facilidade, não deveríamos condenar os teólogos por fazerem o mesmo.

Ernest Becker <sup>1</sup>

Começamos esse trabalho com a proposta de analisarmos a relação da angústia com a fé em Ernest Becker. E, para que isso fosse possível, foram levantadas três questões básicas. A primeira era “quem é Ernest Becker?” Para respondê-la, o primeiro capítulo desta dissertação contemplou a descrição de sua vida, principais obras e quais as repercussões do autor, dentro de um panorama contemporâneo das ciências humanas e, em especial, na antropologia, psiquiatria, psicologia, filosofia e na filosofia da religião. E assim feito, conhecemos suas origens, alguns elementos de sua vida pessoal e de sua vida profissional, suas principais obras, de que forma os pesquisadores estão ampliando a teoria beckeriana e o quanto estão sustentando novas ideias com o referencial teórico beckeriano. Vimos, ainda, que essas pesquisas se concentram nos campos das ciências humanas, filosofia e teologia.

A segunda questão levantada foi quem é o “homem beckeriano”? Pois, para falarmos sobre angústia e fé, necessitamos desta definição. No segundo capítulo, apresentamos como Becker enxergava as muitas faces do animal humano, podendo, assim, conhecermos o “homem beckeriano”.

---

<sup>1</sup> Ernest BECKER, *A negação da morte*, p. 329.

A terceira e última questão referia-se à construção do “homem beckeriano”. Haveria um caminho, uma passagem da angústia para a fé humana? Quais eram os passos para essa trajetória em Becker? Este foi o tema do terceiro capítulo. Todavia, surgiu uma dificuldade, pois falar de angústia é uma tarefa árdua, ainda mais quando relacionada com a fé. Desta forma, tivemos que mostrar as ações que ocorrem no “homem beckeriano”, que fazem com que ele experencie seu estado de angústia e, assim, tenha a possibilidade de encontrar a fé.

É neste sentido que Becker nos conduz em seu livro *A negação da morte*, é como uma viagem de conhecimento e autoconhecimento, onde desmontamos o animal humano para poder compreendê-lo. Visitamos seu heroísmo, o terror da morte, as mentiras vitais, as ideias vitais, o projeto *causa sui*, até chegarmos aos dilemas existenciais, local de residência da angústia. Todos esses tópicos, antes dos dilemas existenciais, remetiam-se a como o “homem beckeriano” se estruturou, ao longo dos tempos, para conseguir sobreviver, diante da constatação de sua finitude. Foram e são mecanismos que nos fazem negar a morte e encarar a vida com um pouco de dignidade, tentando dar sentido à transitoriedade que reside entre o nascer e o morrer. Desmontando e explicando esses processos de sustentação humana é que chegamos ao cerne desta pesquisa.

A angústia produz os dilemas existenciais que vivemos; ela possui um poder de ação sobre as nossas vidas que podem nos levar a situações extremas em questão de minutos. A angústia é a essência do homem. Essência essa que faz com que ele constate sua animalidade e sua finitude. Mas é também essa mesma angústia que nos leva ao encontro de nosso outro lado, que é divino, que nos presenteia com a possibilidade da infinitude, que é o que nos libertaria de toda a situação angustiante que vivemos.

De fato, a angústia movimenta nossa condição paradoxal de vida, leva-nos à ruína, mas também nos conduz ao paraíso, que pode se localizar no ato de crer e na possibilidade da graça da fé. É clara a distinção entre ter crença e ter fé. Crer é apenas o veículo que utilizamos para chegar a um ponto onde a fé pode ou não vir ao nosso encontro, pois ter fé não depende de nós, só depende de Deus. Essa dissertação demonstra que ter angústia, por mais aniquilante que possa parecer, é a

condição necessária para que busquemos estruturar nossas crenças. E crendo, temos os elementos necessários para que a fé possa ocorrer. Todo o desenvolvimento teórico que Becker faz para descrever o homem, em que utiliza basicamente a psicanálise, é a estrutura onde o crer irá se estabelecer e se organizar, toda a formação das ideias vitais, da mentira vital, heroísmo e do projeto *causa sui*, são os elementos necessários para o crer. Mas crer apenas não é sinônimo de ter fé, uma vez que a fé ocorre mediante concessão do criador para com sua criatura. Quando Becker passa a abrir a possibilidade da fé, ele passa a se amparar teoricamente no existencialismo, demonstrando na postura do cavaleiro da fé descrito por Kierkegaard, como a sua estrutura construída, de ideias vitais, mentira vital, *causa sui* e heroísmo se fazem frente à fé. Desta forma, podemos concluir que crer é articulação da mentira vital, pois é toda uma construção feita pelo homem. Já a fé, por mais que se utilize da estrutura do crer para ocorrer, somente acontecerá se o criador assim achar correto que ocorra. Neste sentido, a angústia que leva à crença pode não ser a mesma que nos leva para a fé. Com isso elucidamos a segunda hipótese desta dissertação: a possibilidade, na construção do “homem beckeriano”, de haver uma passagem da angústia para a fé humana. Toda a descrição teórica do terceiro capítulo demonstra que esta hipótese também é possível na estrutura teórica beckeriana.

Com toda a articulação teórica feita no segundo capítulo conseguimos, ainda, elucidar a hipótese de que o “homem beckeriano” possui múltiplas faces e que elas são construídas dentro das seguintes áreas do conhecimento: antropologia, biologia, sociologia, psicologia e teologia, verificando, assim, que a ideia beckeriana de criar uma ciência que estude o homem de uma forma completa se faz verdadeira.

Conseguimos, ainda, demonstrar que a leitura que Becker faz de Freud e Kierkegaard é diferenciada, e que é a partir desta leitura que verificamos o porquê Becker sinaliza em Kierkegaard o futuro da psicologia. Kierkegaard, com a sua descrição existencial do homem, faz mais que Freud, que faz descrições sobre a estrutura do funcionamento psíquico do homem, demonstrando as possibilidades de ilusão do homem, ou seja, de suas crenças. Kierkegaard mostra a importância da fé no ser humano, no sentido de que somente a crença com a fé é que nos salva da

angústia vivenciada. Angústia esta que a psicologia não consegue curar. Assim, a fé faz mais para a angústia do que a psicologia e a psicanálise.

Dentro das propostas desta dissertação, acredito que a maior dificuldade encontrada foi organizar e ordenar os conceitos beckerianos, pois não encontramos sistematicidade na teoria beckeriana. Assim, a busca de colocar os elementos que estruturam o homem beckeriano e, ainda, os elementos que estruturam e que sustentam o animal humano em sua vida e em seus paradoxos, ou seja, do caminho da angústia para a fé, foi uma das maiores dificuldades. Estudar Becker é se colocar disponível para que o autor te construa e te destrua em poucas linhas. E essa ação se faz, pois quando achamos que chegamos ao ponto central de suas ideias, ele acaba propondo uma nova idéia, o que faz com que mudemos todo o curso de nossas certezas construídas. Diria até que Becker é um autor que se alojou na incerteza que a fé nos proporciona. Não porque a fé não seja um bom elemento para o homem, mas sim porque a fé não ocorre por mérito do homem e sim pela graça divina.

Em virtude de como se configura a teoria beckeriana e pela sua flexibilidade teórica, acredito que o autor demonstra um amplo potencial para novas pesquisas dentro das ciências que estudam o homem e, em especial, nas ciências da religião.

## REFERÊNCIAS

ANGIONI, L. *As Noções Aristotélicas de Substância e Essência*. Campinas: Unicamp, 2008.

BECKER, E. *Angel in Armor. A Post Freudian Perspective on the Nature of Man*. New York: Free Press, 1969.

\_\_\_\_\_. *The Birth of Death of Meaning*. New York: Free Press, 1971.

\_\_\_\_\_. *La Estructura Del Mal. Um Ensayo sobre La Unificación de La Ciencia Del Hombre*. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1980.

\_\_\_\_\_. *Escape from de Evil*. New York: Free Press, 1985.

\_\_\_\_\_. *A Negação da Morte*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

BEHE, M. J. *A Caixa Preta de Darwin*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BLANK, R. *Escatologia da Pessoa: vida morte e ressurreição*. São Paulo: Paulus, 2000.

CASANOVA, M. A. *Compreender Hiedegger*. Petrópolis: Vozes 2009.

COLLINS, D. *Compreender Marx*. Petrópolis: Vozes, 2010.

CUERVO, O. *Kiekegaard Uma Introducción*. Buenos Aires: Quadrata de Incunable SRL, 2010.

DOURION, L. A. *Compreender Sócrates*. Petrópolis: Vozes, 2006.

FARAGO, f. *Compreender Kierkegaard*. Petrópolis: Vozes, 2005.

FORTES, L. R. S. *O Iluminismo e os Reis Filósofos*. Brasília: Brasiliense, 2004.

FREUD, S. *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

FREUD, S. *O Futuro de uma Ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

FREUD, S. *O Mal estar da Civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GALE, R. M. *The philosophy of William James : an introduction*. New York: Cambridge, 2005.

GRESCHAT, H. J. *O que é Ciência da Religião?* São Paulo: Paulinas, 2005.

GUARNIERI, M. C. M. *Angústia e Conhecimento: uma reflexão a partir dos pensadores religiosos Franz Rosenzweig, Soren Aabye Kierkegaard e Qohélet*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). PUC-SP, São Paulo, 2006.

HANS, K. *Freud e a Questão da Religião*. Campinas: Versus, 2005.

HIRATA. H. S. *Dicionário Crítico do Feminismo*. Araraquara: Unesp, 2009.

HOUAISS A *Enciclopédia Mirador Internacional*. Rio de Janeiro: Antonio Houaiss, 1990.

KIERKEGAARD, S. *Temor e Tremor*. Lisboa: Guimaraes, 1959.

\_\_\_\_\_ *Desespero Humano*. Lisboa: Guimaraes, 1959.

\_\_\_\_\_ *O Conceito de Angústia*. Petrópolis: Vozes, 2010.

KRAMER, R. The Journal of Ernest Becker. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 47, n.4, p. 430-473, out. 2007.

LARAIA, R. B. *Cultura um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LEFRANC, J. *Compreender Nietzsche*. Petrópolis: Vozes, 2005.

LIECHTY, D. *Transference and Transcendence: Ernest Becker's contribution to psychotherapy*. New Jersey: Jason Aronson INC, 1995.

\_\_\_\_\_ *Reaction to Mortality: An Interdisciplinary Organizing Principle for the Human Science*. *Zygon: Journal of Religion & Science*, Seattle, v. 33, n.1, p 45 - 58, mar. 1998.

\_\_\_\_\_ *The Ernest Becker Reader*. Washington: The Ernest Becker Foundation in association with The University of Washington Press Seattle and London, 2005.

MORANO, C. D. *Crer depois de Freud*. São Paulo: Loyola, 2003.

OLIVEIRA, R. F. *O Desespero e a Angústia na Filosofia de Kierkegaard*. Dissertação (Mestrado em Filosofia). PUC-SP, São Paulo, 2009.

PORCHAT, P. *Freud e o Teste de Realidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo e FAPESP, 2005.

POWELL, J. *As Estações do Coração*. São Paulo: Loyola, 2004.

SOUTO, F. M. R. *Depois da queda das Torres: a cobertura jornalística do 11 de setembro nos jornais A Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). PUC-SP, São Paulo, 2009.

SOLOMON, S. *Terror Management Theory*. Disponível na Fundação Ernest Becker.

SULLIVAN, D. *Man is a Mad Animal: The Question of the Self as Addressed by Darwin and Wallace, Supplemented by Freud and Kierkegaard*. Disponível na Fundação Ernest Becker.

USARSKI, F. *O Espectro Disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

VASSINA, E (org.). *Os Últimos dias de Tolstoi*. São Paulo: Penguin Companhia, 2011.

ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

## APÊNDICE

### **Livros escritos por Ernest Becker:**

1961 – *Zen: A Rational Critique*. New York: N.W. Norton.

1962 – *The Birth and Death of Meaning: A Perspective In Psychiatry and Anthropology*. New York. Free Press.

1964 – *The Revolution In Psychiatry: The New Understanding of Man*. New York: The Free Press.

1967 – *Beyond Alienation: A Philosophy of Education for the Crisis of Democracy*. New York: George Braziller.

1968 – *The Structure of Evil: An Essay on The Unification of the Science of Man*. New York: George Braziller.

1969 – *Angel in Armor: A Post Freudian Perspective on the Nature of Man*. New York: The Free Press.

1971 – *The lost Science of Man*. New York: George Braziller.

1971 – *The Birth and Death of Meaning: An Interdisciplinary Perspective on the Problem of Man*. New York: The Free Press.

1973 – *The Denial of Death*. New York: Free Press.

1975 – *Escape From de Evil*. New York: The Free Press.

### **Ensaaios e Artigos**

As obras serão dispostas de forma cronológica:

1. (1960) – Psychotherapeutic observations on the Zen discipline: One point of view. *Psychology* 3:100-12.
2. (1961) – The psychotherapeutic meaning of east and west. *American Imago* 18: 3-20.
3. (1961) – A note on Freud's primal horde theory. *Psychoanalytic Quarterly* 30: 413-19.
4. (1961) – Private versus public logic: Some anthropological notes on the problem of mental health. *American Journal of Psychiatry* 118: 205-11.
5. (1962) – Anthropological notes on the concept of aggression. *Psychiatry* 25: 327-38.
6. (1962) – Toward a comprehensive theory of depression: A cross-disciplinary appraisal of objects, games and meaning. *Journal of Nervous and Mental Disease* 135: 26-35.
7. (1962) – Toward a theory of schizophrenia: External objects and the creation of meaning. *Archives of general Psychiatry* 7: 170-81.
8. (1962) – Socialization, command of performance, and mental illness. *American Journal of Sociology* 67: 494-501.
9. (1962) - The relevance to psychiatry of recent research in anthropology. *American Journal of Psychotherapy* 16: 660-17.
10. (1963) – Personality development in the modern world: Beyond Freud and Marx. In *Education and the Development of Nations*, ed. H.W.Burns, pp. 83- 108. Syracuse, NY: Syracuse University Press.
11. (1963) – Social science and psychiatry: The coming challenge. *The Antioch Review* 23: 353-66.
12. (1963) – The significance of Freudian psychology. *Main Currents* 19: 45-50, 61 – 66.
13. (1964) – Mills' social psychology and the great historical convergence on the problem of alienation. In *The New Sociology: Essays on Social Theory and Social Values in Honor of C. Wright Mills*, ed. I. Horowitz, pp. 108-33. New York: Oxford University Press.
14. (1964) – The validity of "Oedipus Complex" as an abstract scientific construct. In *Fact and Theory Social Science*, eds. Earl W. Count and Gordon T. Bowles, pp. 165-79. NY Syracuse University Press.
15. (1964) – The social psychology of indecent exposure. *Noetics* 1: 26-31.

16. (1966) – Further Comments on “Rethinking the Concept ‘Primitive’”. *Current Anthropology*, 7 (2): 196-97.
17. (1968) – The second great step in human evolution. *Christian Century*, January 31: 135-39.
18. (1970) – The social role of the man of knowledge: A historical and critical sketch. In *Human Nature and Collective Behavior*. Papers in Honor of Hebert Blumer, ed. Tomatsu Shibutani, pp. 323-33. Englewood Cliffs, NJ: Prentice – Hall, Inc.
19. (1972) – The spirit and the ghosts of sociology. *Indian Journal of Sociology* 3: 79-82.
20. (1972) – Letters from Ernest Becker to Virginia Robinson. *The Journal of the Otto Rank Association* 7: 100-101.
21. (1972) – Biological Imperialism. *Transaction: Social Science and Modern Society* 9: #5, March, 40-43.
22. (1974) – a conversation with Ernest Becker. *Psychology Today*, April: 71-80.
23. (1974) – An anti-idealist statement on communication. *Communication* 1: 121-27.
24. (1974) – The spectrum of loneliness. *Humanitas* 10: 237-46.
25. (1974) – Toward the merger of animal and human studies. *Philosophy of the Social Sciences* 4: 235-54.
26. (1977) – Letter from Ernest. *Christian Century March* 9: 271-27.
27. (1982) – Growing up rugged: Fritz Pearls and gestalt therapy. *Revision* 5: 6-14.
28. (1990) – The self as a locus of linguistic causality. In *Life as Theater: A Dramaturgical Sourcebook*, ed. Brissett and C. Edgley, pp. 117-28. New York: de Gruyter. (Reimpressão)
29. (1991) – The basic dynamic of human evil. In *Meeting the Shadow: The Hidden Power of the Dark side of Human Nature*, ed. C. Zweig and J. Abrams, pp. 186-189. New York: Jeremy P. Tarcher/Putnam. (Reimpressão)
30. (1993) – Growing up rugged: Fritz Pearls and gestalt therapy. *The Gestalt Journal*, 16: 27-44. (Reimpressão)
31. (1995) – The terror of death. In *Death: Current Perspectives*, 4<sup>th</sup> edition, ed. John B. Williamson and Edwin S. Schneidman, pp. 31-43. Mountain View, CA: Mayfield Publishing Company. (Reimpresso)

32. (1995) – The fragile fiction. In *The Truth about Truth: De-confusing and Reconstructing the Postmodern World*, ed. W.T. Anderson, pp. 34-35. New York: Jeremy P. Tarcher/Putnam. (Reimpresso)

33. (2007) – The Journal of Ernest Becker, 1964. Ed. Robert Kramer. *Journal of Humanistic Psychology*, 47: 430-73.

### **Livros sobre Ernest Becker**

Aden, L. 1984. The Challenge of Becker: A New Approach to Pastoral Care. *Journal of Psychology and Christianity* 3: 74-79.

Arcaro, T., and T. Cox. 1988. Human Existence as a Waltz of Eros and Thanatos. *Humanity and Society* 12: 75-94.

Evans, Ron. 1992. The Creative Myth and Cosmic Hero: Text and Context In *Ernest Becker's The Denial of Death*. New York: Peter Lang.

Farrell, Kirby. 1989. *Play, Death and Heroism in Shakespeare*. Chapel Hill: Univ. of North Carolina Press.

Forde, G. 1982. *Justification by Faith: A Matter of Life and Death*. Philadelphia: Fortress Press.

Hartz, Van Austin. 1995. *Feuerbach and the Interpretation of Religion*. New York: Cambridge Univ. Press.

Kenel, Sally A. 1988. *Mortal Gods: Ernest Becker and Fundamental Theology*. Lanham Md.: Univ. Press of America.

Liechty, Daniel. 1990. *Theology in Post liberal Perspective*. Philadelphia: Trinity Press International.

\_\_\_\_\_. 1995 *Transference and Transcendence: Ernest Becker's Contribution to Psychotherapy*. Northvale, n.J.: Jason Aronson.

\_\_\_\_\_. 1996 *Abstracts of the Complete Writings of Ernest Becker (1924-1974)*. Seattle, Wash.: Ernest Becker Foundation.

\_\_\_\_\_. 2005 *The Ernest Becker Reader*. Seattle, Wash.: Ernest Becker Foundation.

Martin, Stephen W. 1997. *Decomposing Modernity: Ernest Becker's Images of Humanity at the End of an Age*. Lanham Md.: Univ. Press of America.

Streeter, Jarvis. 2009. *Human Nature, Human Evil and Religion*. Lanham Md.: Univ. Press of America.

Sontag, Frederick. 1989. *The Return of The Gods: A philosophical/Theological Reappraisal of the Writings of Ernest Becker*. New York: Peter Lang.

### **Seleção de Artigos e Ensaios**

Bates, Harvey. 1977. Letters from Ernest. *Christian Century* (March 9): 217- 27.

Becker, Ernest 1974. The Spectrum of Loneliness. *Humanitas* 10: 237 – 46.

\_\_\_\_\_. 1974. Toward the Merger of animal and Human Studies. *Philosophy of the Social Sciences* 4: 235-54.

Judis, John B. 2007. Death Grip: How Political Psychology Explains Bush's Ghastly Success. *The New Republic* (August 27): 17 – 19.

Keen, Sam. 1974. A Conversation with Ernest Becker. *Psychology Today* (April): 71-80.

Kenel, Sally A. 1998. A Heroic Vision. *Zygon: Journal of Religion & Science* v. 33, N1 (March): 59-70.

Kramer, Robert. 2007. The Journals of Ernest Becker, 1964-1969. *Journal of Humanistic Psychology* 2007; 47. 430. Publicação online (<http://jhp.sagepub.co/cgi/content/abstract/47/430>).

Liechty, Daniel. 1998. An Ernest Becker Bibliography. *Zygon: Journal of Religion & Science*, v. 33, N1 (March): 87-90.

Liechty, Daniel. 1998. Reaction to Mortality: An Interdisciplinary Organizing Principle for the Human Sciences. *Zygon: Journal of Religion & Science*, v. 33, N1 (March): 45-58.

Solomon, Sheldon., Greenberg, Jeff and Pyszczynski, Tom. 1998. Tales from the Crypt: On the Role of Death in Life. *Zygon: Journal of Religion & Science*, v. 33, N1 (March): 9-44.

Webb, Eugene. 1998. Ernest Becker & the Psychology of World Views. *Zygon: Journal of Religion & Science*, v. 33, N1 (March): 71-86.

### **Filmes Sobre Ernest Becker**

Shen, P. (Escritor/director/Produtor), & Bennick, G. (Escritor/Produtor). 2002. Flight from Death: The Quest for Immortality (Documentário). ([www.flightfromdeath.com](http://www.flightfromdeath.com))